

Diário de Lisboa

FUNDADOR — JOAQUIM MANO

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOAREDAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 e 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.ºEDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

A candidatura do almirante Américo Tomás foi hoje proposta por 258 eleitores no Supremo Tribunal O candidato interrompe as suas funções de ministro da Marinha em que é interinamente substituído pelo Presidente do Conselho

O processo da candidatura do sr. almirante Américo Tomás à Presidência da República foi entregue esta manhã no Supremo Tribunal



A entrega da documentação no Supremo Tribunal

de Justiça, onde estiveram, pelas 11 horas, para se desempenhar dessa missão, as seguintes individualidades: dr. Moreira Baptista, secretário

rio nacional da Informação e vogal da comissão executiva da União Nacional; prof. André Navarro, director do Instituto Superior de Agronomia e presidente da Junta Central da Legião Portuguesa; prof. dr. Almeida Garrett, catedrático da Faculdade de Medicina do Porto e presidente da comissão da U. N. daquele distrito; coronel Cortez Lobão, presidente da comissão distrital de Lisboa da U. N.; dr. Sócrates da Costa, deputado e comissário-adjunto da Mocidade Portuguesa; comodoro Duarte Silva, presidente

da Corporação da Pesca e Conservas; Virgílio da Fonseca, presidente da União de Grémios dos Lojistas de Lisboa e vice-presidente da comissão concelhia de Lisboa da U. N.; e dr. Rodrigues de Matos, secretário da comissão central da U. N.

Procedeu à entrega do processo que, incluindo as necessárias certidões, é constituído por 329 folhas: o sr. dr. Rodrigues de Matos, e recebeu-o o sr. dr. Murias de Freitas.

(Continua na 15.ª página)



Alm. Américo Tomás

O general Humberto Delgado afirma o propósito de promover a formação de um Governo forte que assegure a ordem e permita uma consulta livre à Nação

O sr. general Humberto Delgado teve hoje o seu primeiro contacto com os representantes da opinião pública nacional e estrangeira, como candidato à Presidência da República, numa conferência de imprensa, em que estiveram presentes muitos jornalistas, não só da metrópole e do Ultramar, como correspondentes de agências e jornais de outros países.

A reunião efectuou-se no salão de chá do Chave de Ouro e, como primeiro acto em que o candidato compareceu, após a abertura do período eleitoral, despertou o mais vivo interesse nos círculos políticos desafectos à actual situação, revestindo-se de especial significado pela presença de numerosas figuras conhecidas e representativas das mais diversas correntes da opinião oposicionistas, tais como os srs. almirantes Mendes Cabeçadas e Quintão Meireles, brigadeiros António Maia e Aires de Abreu, coronel Sobral Ribeiro, comandante José Moreira Campos, capitães Mário Pessoa e Cesar de Almeida, dr. Ramon de la Feria, Dias Amado, Augusto da Fonseca, Oliveira Braga, Alexandre Banha, Abranches Ferrão, Nuno Rodrigo dos Santos, Homem de Figueiredo, Carlos Castanheira Lobo, Teófilo Carvalho Santos, Veloso Pinho, Armando Bacelar, Bezeza de Andrade, António Ramos de Almeida, Adão e Silva, José de Magalhães Godinho, Gustavo Soromenho, Sargo Junior, Herminio Paciência, Manuel da Costa e Melo, Manuel Mendes, Ferreira Marques, Hélio

Sucena, Castro Soromenho, Cassiano Branco, João da Silva, etc. Além da esposa e do filho do candidato, assistiram também à conferência muitas outras pessoas das relações do candidato, entre as quais algumas senhoras, que se encontravam dispostas em diversas mesas atrás

das reservadas aos representantes da Imprensa.

Constituiu-se uma mesa presidida pelo sr. general Humberto Delgado, junto do qual se sentaram individualidades conhecidas pelas

(Continua na página seguinte)



O general Humberto Delgado durante as suas declarações

Nota do dia

Chá e simpatia

O sr. general Humberto Delgado realizou a sua primeira conferência de imprensa como candidato à Presidência da República numa casa de chá que não é propriamente a do Luar de Agosto. Recordam-se, por certo, do filme em que um sargento americano enviado para uma localidade japonesa como conquistador e portador de uma civilização nova em folha, acabou por ser conquistado pela atmosfera exótica e pelos costumes amáveis e sorridentes de uma população que vivia feliz no seu conformismo tradicional, tendo de renunciar à missão que lhe fora confiada. Rece-

bera instruções e dinheiro para construir uma escola, erguer um templo, fundar um «drug-store», promover enfim entre os naturais uma felicidade do tipo ocidental. Por mais esforços que fizesse, não logrou, porém, convencer os nipónicos das virtudes atribuídas à civilização americana e acabou por anuir aos desejos manifestados pela aldeia em peso, que resumia os seus anseios de felicidade à construção de uma casa de chá. Não pretendemos, bem entendido, extrair da história uma moral diferente da que ela comporta — ou qualquer lição que se possa aplicar ao caso sujeito. Tanto mais que a primeira conferência de imprensa do sr. general Humberto Delgado faz pensar no título de outro filme americano que também fez furor em Lisboa — Chá e simpatia. Mas quem sabe se os homens a quem o sr. general Humberto Delgado promete uma vida digna e próspera, dentro dos princípios basilares que regem os países livres e enformam as sociedades modernas, não acabarão por preferir ao paraíso prometido pelo candidato «independente» a Casa de Chá do Luar de Agosto — ou a Cabana do Pai Tomás?

Boletim político

Somos um anacronismo?

Entre o curto comunicado com que a União Nacional apresenta ao País o seu candidato e a realidade que conhecemos há um abismo. Nesse documento fazem-se duas afirmações que nos não deixam perplexos — pelo hábito criado — mas justificam a nossa consternação. Aquele organismo julgase desobrigado de abrir, a respeito do acto que vai realizar-se no próximo dia 8 de Junho, um debate «oportuno e desprovido de sentido». A razão desta atitude aparece exposta noutra sentença, desconcertante como a anterior, a qual pode resumir-se assim: o programa do candidato da U. N. resume-se em cumprir a Constituição nas obrigações que derivam da sua letra e do seu espírito.

O debate, mesmo limitado e con-

(Continua na página central)

O Chefe do Governo sobrará interinamente a pasta da Marinha

O sr. dr. Oliveira Salazar sobrará, interinamente, a pasta da Marinha, em consequência de o sr. almirante Américo Tomás ter pedido o seu afastamento das respectivas funções enquanto durar o período eleitoral. O diploma de nomeação do sr. dr. Oliveira Salazar deve ser ainda hoje enviado pela Presidência da República para a Imprensa Nacional, a fim de ser publicado no «Diário do Governo» com a data de 10 do corrente, dia da entrega da candidatura do sr. almirante Américo Tomás no Supremo Tribunal de Justiça.

A União Nacional comenta

o «manifesto» do dr. Arlindo Vicente
e a «proclamação» do general Humberto Delgado

Dos Serviços de Imprensa da União Nacional recebemos o seguinte comunicado:

«Oferece-se como novidade, na campanha eleitoral que se abre, a presença de dois candidatos da Oposição, ou antes, de duas oposições.

As ideias de um e outro exprimem-se em documentos que vieram a lume e cuja análise permitirá definir as respectivas posições.

O sr. dr. Arlindo Vicente, que se candidata em nome da Oposição Democrática, dirigiu-se ao País

através de um «manifesto». O sr. general Humberto Delgado, que se afirma representante de uma «Coligação dos Independentes», preferiu o termo «proclamação», de sabor mais autoritário, para designar a exposição dos seus pontos de vista.

A diferença de terminologia não será certamente acidental e irrelevante. Poderão os dicionaristas registar os dois termos como sinónimos, por afanosa precipitação do

(Continuação da 7.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

As declarações do general Humberto Delgado na reunião com os jornalistas

(Continuação da página anterior)

suas opiniões políticas muito diversas, o que foi particularmente registado como nota significativa da diversidade dos sectores que apolam a candidatura. Assim, ocuparam ali lugar os srs. professores Vieira de Almeida e Mário de Azevedo Gomes, brigadeiro António Maia, Aquilino Ribeiro, António Sérgio e Artur Andrade, drs. Luís de Almeida Braga, Rolão Preto, António de Macedo, Costa e Melo, Vasco da Gama Fernandes e Olívio França e a dr.ª D. Alcinda de Sousa.

A apresentação do candidato pelo prof. dr. Vieira de Almeida

Depois de o sr. general Humberto Delgado abrir a sessão, usou da palavra o sr. prof. dr. Vieira de Almeida, que começou por explicar a sua presença, dizendo que nenhuma surpresa pode ser igual à que teve quando o investiram no cargo que ocupa junto do candidato — o de presidente da respectiva Comissão Nacional. Acrescentou que a explicação é, afinal, a mesma que significava a presença, naquela sala, de tantas pessoas que representam tão diversas correntes de opinião.

Fazendo, a seguir, a apresentação do sr. general Humberto Delgado, começou por salientar que ele é um candidato independente, que definiu com as seguintes declarações:

— Independente porque não procura o apoio de partido algum nem o representa, antes aceita o apoio que lhe tragam todos os homens de boa-vontade.

— Independente, porque se apresenta sem compromissos partidários, armado apenas com o seu direito de cidadão eleitor e elegível, como candidato à Presidência da República.

— Independente, porque desassom-

bradamente (e não sem risco, segundo o que se tem observado) expõe um programa que não vale a pena repetir porque foi impresso e se espalhou pelo País.

Aludindo ainda ao carácter independente da candidatura, o orador entendeu dever acrescentar:

— O apoio que pede e espera é dos homens independentes como ele; dos que reconhecendo embora — e até porque a reconhecem — a possibilidade, a contingência, dos actos humanos, se recusam a absolutizar uma doutrina e muito mais ainda a abdicar do seu direito de pensar.

«Quando se afirma, com toda a verdade, que ele não é representante de qualquer partido nem de qualquer interesse, não quer isso dizer que os partidos sejam ilegítimos em si mesmos ou que não haja interesses credores de respeito. Apenas significa ser muito pior mascarar a existência de um partido por meio de qualquer crisma, conferindo-lhe a possibilidade de hostilizar e manietar todos os outros, do que aceitar a realidade partidária procurando evitar-lhe os desvios perigosos. Desvios que aliás

Foi descoberta na Itália uma vasta rede de espionagem

ROMA, 10. — «Descobriu-se uma vasta rede de espionagem em Itália» — anunciam vários matutinos, que relatam a prisão do alemão Hans Kaeding, de 48 anos, natural de Stolp, na Pomerania, autor de um roubo de máquinas fotográficas. Este caso pôs a Polícia na pista de uma organização que trabalhava por conta de uma potência estrangeira. Kaeding seria portador de vários passaportes falsos.

Escreve o «Giorno» que o preso estaria em contacto com A. Solovov, funcionário da embaixada da U. R. S. S. o qual, detentor de documentos que interessam à defesa nacional, foi, recentemente, obrigado a sair de Itália. Por sua vez, o «Secolo» declara que o procurador da República, de Génova, afirmou tratar-se de um caso de «carácter confidencial, em que poderia estar implicado o representante de um Governo estrangeiro». — (F. P.).

O salário do marido ou o divórcio

LONDRES, 10. — Alberto Andrews entregava, todas as semanas, nove libras (equivalente a 720 escudos), ou seja o salário completo, a sua esposa Betty. Esta, por sua vez, dava-lhe o correspondente a dois escudos por dia, para uma chávena de chá e vinte cigarros por semana. Segundo parece, Betty desejava liquidar, o mais depressa possível, a hipoteca sobre a sua casa. Quando, há quatro anos, Andrews decidiu que tal austeridade era demasiada e começou a destinar o orçamento doméstico, a mulher abandonou-o e pediu o divórcio, alegando crueldade mental.

O seu requerimento, julgado ontem num tribunal de Londres, foi indeferido. — (A. N. I.)



O candidato respondendo às perguntas dos jornalistas

acompanham como sintoma, fases de decadência generalizada pelo menos a alguns aspectos.

«Suprimir actividades alheias que nos desagradam é fácil em certos momentos, mas não prova superioridade do remédio, antes mostra desalento e fraqueza dos atingidos pelo tratamento. Pode um cirurgião cortar uma perna a um doente e dizer que o salvou por essa forma; entretanto, seria cínico declarar que depois da operação o doente ficava perfeito e que esse era o seu estado normal e ideal».

— O sr. general Humberto Delgado é candidato à Presidência da República e não é ídolo. Creio mesmo que até o já quase tradicional «venerando» assenta mal ao seu dinamismo e à sua energia. Ele pretende exercer, se for eleito, todos os direitos que a Constituição lhe atribui, respeitando todos os limites que ela impõe.

«A idolatria demonstra sempre a miséria mental do idólatra; não prova nunca uma superioridade do idolo. Não foi em vão que se pronunciou a palavra «pacificação» ao falar desta candidatura. E' só no plano da tolerância mútua que a paz pode estabelecer-se».

Finalmente, o presidente da comissão nacional da candidatura achou oportuno esclarecer, ainda:

— A decisão de apresentar esta candidatura é tanto mais meritória quanto as condições são nitidamente desfavoráveis. Não há subterfúgios que inutilizem esta verdade singela. Só com cartas de eleitor e fiscalização plena, uma eleição pode considerar-se moralmente válida. De contrário, não, e não. E' um intervalo mesquinho de... generosa autorização para propaganda política, que faz lembrar impressionantemente a autorização dada aos presos para um passeio periódico, debaixo de forma, ao ar livre, do pátio da clausura».

O orador, que foi frequentemente interrompido com calorosas palmas das pessoas que quiseram também assistir à conferência da imprensa e que enchiam a sala, para além dos lugares reservados aos jornalistas, foi, no final dos seus comentários, muito aplaudido.

Usa da palavra o general Humberto Delgado

Perante a expectativa geral, ergueu-se então o sr. general Humberto Delgado, que foi recebido com uma prolongada salva de palmas das pessoas que apolam a sua candidatura e que assistiam à conferência.

Começou por agradecer as palavras com que se lhe referiu o sr. prof. dr. Vieira de Almeida e saudou os representantes da Imprensa nacional e estrangeira, bem como as outras pessoas — entre as quais, disse, alguns dos expoentes da intelectualidade portuguesa — que quiseram assistir a este acto.

O candidato referiu-se, depois, à natureza particular da candidatura, bem expressa na proclamação que publicou e disse que, antes de se colocar à disposição dos jornalistas presentes, para responder às perguntas que entendessem dever formular-lhe — pedia que fossem duas por cada um — desejava fazer algumas observações. Falando com vivacidade, disse então querer fo-

car, em primeiro lugar, o seguinte ponto:

— A União Nacional nunca fez a mais pequena questão por não conhecer os cadernos eleitorais, condição fundamental para a garantia de umas eleições. A oposição, pelo contrário, tem sempre feito questão disso. Ora, nestas circunstâncias, qualquer pessoa, estúpida ou inteligente que seja, não pode deixar de concluir que a União Nacional possui os cadernos eleitorais!

O orador, referindo-se, a seguir, às condições em que foi permitida a consulta dos cadernos eleitorais, acrescentou:

— Todas as ditaduras têm uma tendência para a crueldade. Ora eu pergunto se não é mais uma manifestação dessa crueldade obrigar a copiá-los à mão. Porque se impede que sejam fotografados, unico processo que se afigura agora viável? Só se se teme que não possam depois ser emendados...».

Afirmou que «o Governo não abrandara as suas tradicionais perseguições, à oposição».

Depois de aludir às dificuldades com que têm lutado os serviços da sua candidatura para obterem autorização para se instalar e para utilizar uma sala para reuniões, o sr. general Humberto Delgado disse que queria focar um último ponto: o facto de determinado jornal se ter referido à sua candidatura como sendo apoiada por determinada potência estrangeira.

Falando com particular veemência, acentuou o carácter indiscutivelmente nacionalista da sua posição, desde sempre:

— Não creio que se possam manter dúvidas a este respeito. Aliás, não sou do 29 de Maio — sou do 28 de Maio!

E acrescentou, com vivacidade:

(Continua na 15.ª página)

Uma interpretação do novo conflito entre a Rússia e a Jugoslávia

VIENA, 10. — «O conflito entre Moscovo e Blegrado» prende a atenção dos jornais diários, os quais anunciam, com grande relevo, «os novos ataques, desencadeados contra Titos».

Em artigo de fundo, o «Das Kleine Volksblatt» (populista) vê «a situação actual um sintoma «do trabalho de sapa dos velhos estalinistas soviéticos, contra os quais Kruchev tem de lutar. Não devemos dar importância exagerada ao diálogo acerbo entre Moscovo e Belgrado, pois não está em causa a existência (ou o desaparecimento) do marxismo, nem a vinda de um mundo melhor, nem o bem-estar dos trabalhadores. O que está em causa, apenas, é o poderio de algumas pessoas que pretendem impor-se aos povos». — (F. P.).

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS



HOTEL EMBAIXADOR

apresenta em estreia, amanhã (domingo) na «matinée» e á noite

a Orquestra Napolitana de Vincent Corvasce

Todos os domingos: Das 17 e 15 às 19 e 15, «matinée» dançante com Vincent Corvasce. Preço, Esc.: 25\$00, incluindo chá completo

Para lanches de casamento, banquetes e «cocktail parties», consulte o Hotel Embaixador, garantia de um esmerado serviço num ambiente de deslumbrante beleza.

30 ANOS

BRANDY VELHO DE FRASQUEIRA

S. BORGES & IRELAND, S. A. L. V. N. DE GAIA PORTUGAL

PNEUS

FULDA
MICHELIN
GOODYEAR
PIRELLI
CONTINENTAL
ENGLEBERT
DUNLOP

Temos sempre em grande stock. Vendemos nas melhores condições, facilitando trocas por usados. Montagens grátis. Equilíbrio de rodas.

SERVIÇO TÉCNICO ESPECIALIZADO

PNEUS USADOS

Temos o maior stock do País; pneus em bom estado, de todas as medidas e marcas, a preços acessíveis.

PARA PNEUS: CONSULTE SEMPRE A MAIOR ORGANIZAÇÃO ESPECIALIZADA DO PAÍS

JOAQUIM JOSÉ BARBOSA J.º & C.ª

PORTO
R. Clemente Menéres, 14
Tel. 26191

LISBOA
R. Camilo Cast.º Branco, 27
Tel. 52166

DE LUTO

Eng.º Nuno Freire de Andrade

Amanhã, às 12 horas, celebra-se na capela do cemitério dos Prazeres missa de corpo presente, seguida do funeral, para jazigo de família, do eng.º Nuno Freire de Andrade, falecido em Paris no passado dia 5. O extinto contava 34 anos, era filho do falecido eng.º Carlos Bento Freire de Andrade e casado com a sr.ª D. Maria do Carmo Chãmbica Azevedo Gomes Freire de Andrade. Trata do funeral a Agência Barata.

Dr. José Cristo

AVEIRO, 10 (Pelo telefone). — No cemitério central desta cidade, foi hoje sepultado o dr. José Cristo, cujo funeral constituiu prova de muita estima que gozava entre a população local.

O extinto, que contava 48 anos, era casado com a sr.ª D. Rosa de Sousa Cristo e pai das sr.ªs D. Zulmira, D. Eneida e D. Maria da Soledade Sousa Cristo e do sr. David Luís Cristo.

Pessoa muito conhecida e admirada neste meio, pelos seus dotes de inteligência, carácter e bondade, presidiu a várias organizações e colectividades desportivas, chegando a desempenhar um dos cargos directivos da Federação Portuguesa de Futebol.

António Fonseca

EVORA, 10 — Faleceu o sr. António Fonseca, de 70 anos, natural de Paços da Serra, casado com a sr.ª D. Francisca Lopes da Fonseca. Durante mais de 30 anos, foi impressor do quadro tipográfico do «Notícias de Évora» e bilheteiro-chefe da praça de touros desta cidade.

No funeral tomou parte a banda de Amadores de Música Eborense, da qual um dos filhos do finado é director, o pessoal gráfico daquele jornal e de outras empresas gráficas eborenses, etc.

José Maria Pimenta de Oliveira

EVORA, 10 — Com numeroso acompanhamento realizou-se aqui o funeral do sr. José Maria Pimenta

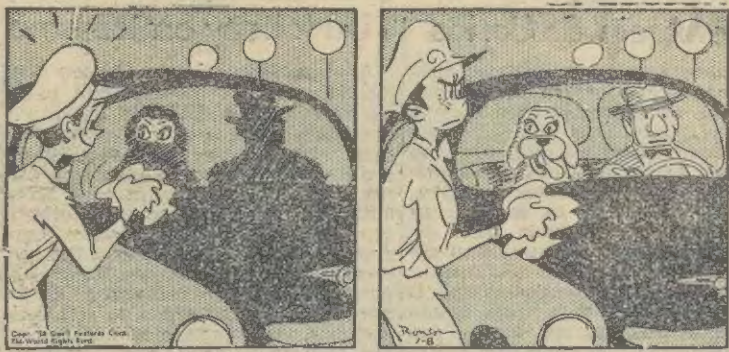
de Oliveira, de 68 anos, regente agrícola, casado, natural desta cidade. O sr. José Maria Pimenta de Oliveira, que ontem faleceu, deixa viúva a sr.ª D. Maria Digna Pimenta de Oliveira e era pai do sr. Stelio Pimenta de Oliveira e sogro dos srs. Alexandre Caldeira Pais, lavrador desta região; e Américo Simões, tesoureiro da filial do Banco Português do Atlântico.

SUFRAGIOS

D. Carlota Nobre Furtado

Sua família manda celebrar, por sua alma, na Igreja paroquial de Paço de Arcos, no dia 12 do corrente, pelas 8 e meia, missa do 1.º aniversário do seu falecimento.

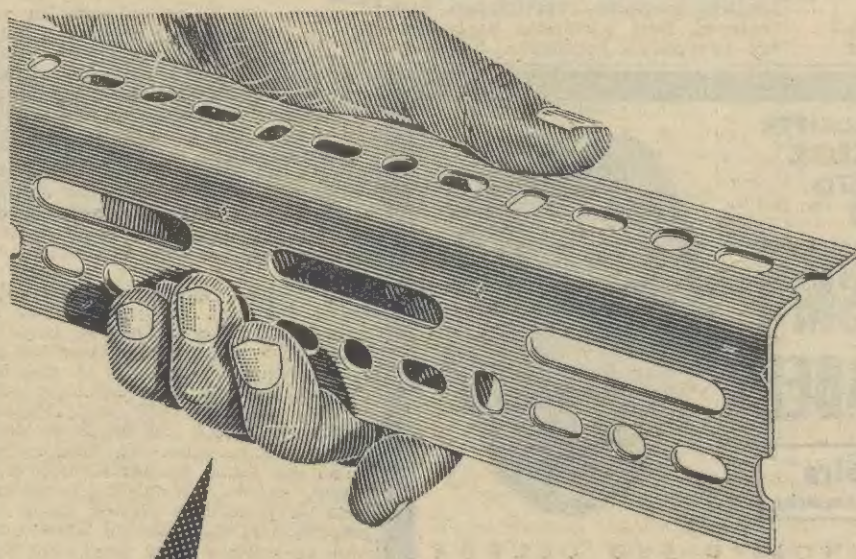
ELE & ELA



Nem tudo o que luz é ouro

F. RAMADA, L.^{DA}

tem a honra
de apresentar



DEXION

fabricado em PORTUGAL

e convida a visitar o seu
STAND na Feira das Indústrias
Portuguesas, onde DEXION se
encontra exposto e utilizado.

F. RAMADA, L.^{DA}

OVAR

TELEF. 70, 140 E 213
TELEG. FRAMADA

LISBOA

Rua de S. Paulo 66
Telef. 33793, 33794 e 33735

PORTO

P. D. Filipa de Lencastre, 34
Telef. 21485, 21486 e 26410

ÁGUEDA

Rua Dr. António Breda
Telefone 55

Grandes festas

em Abrantes

no concurso

das janelas floridas

ABRANTES, 10. — Desde que, há sete anos, a Câmara Municipal oficializou a campanha da cidade florida, estimulando e auxiliando a população, no embelezamento das ruas, muros e janelas, Abrantes tomou um aspecto alegre, em ambiente florido e perfumado, de manchas alacres, cheio de vida e saúde, que causa a admiração de quem nos visita.

Este ano, com a realização do 7.º concurso e um programa cheio de atracções, manifesta-se grande entusiasmo, de modo que, no dia 25, a cidade receba, com alegria primaveril, os numerosos visitantes.

Haverá alvorada por um grupo de gaiteros de Taveiro-Coimbra e colaboram as filarmónicas de Abrantes, Rossio, Tramagal, Alferrarede, Rio de Moinhos, Mação e Sardoal, e os «ranchos» folclóricos de Chainça, Alferrarede Velha, Mouriscas, Bemposta e o afamado e internacional «Rancho» de Dancarinos do Pego, com o seu grupo de fandanguistas.

Haverá concurso de montras, promovido pela Liga dos Amigos de Abrantes e competições desportivas de hóquei em patins, entre o grupo local e os de Tomar e Vila Nova de Ourém; arraial nocturno e fogo de artifício com concurso entre os pirotécnicos de Mouriscas e Valhascos.

O júri, para o concurso das janelas floridas, ficou constituído pelos srs. dr. Armando Moura Neves, delegado da Câmara; Diogo Oleiro, da Comissão de Arte e Arqueologia; dr. Américo Santo, director da Escola Industrial e pintor José Campas, professor da Escola Industrial.

A imprensa diária de Lisboa e Porto foi convidada para um almoço, oferecido pela cidade, no Hotel de Turismo, no dia 25, quando daquele grandioso concurso.

VISITA ABRANTES

o Orfeão de Castelo Branco

ABRANTES, 10. — O Orfeão de Castelo Branco, sob a regência do rev. Horácio Nogueira, visita esta cidade, pela primeira vez, no dia 25, exibindo-se, à noite, um sarau, no Teatro de São Pedro, acompanhado pelo grupo folclórico de Monsanto (a aldeia mais portuguesa de Portugal). O espectáculo inclui-se no programa das festas e do concurso das janelas floridas.

Acompanham aquele agrupamento artístico a edilidade de Castelo Branco e o director do Círculo Cultural Albiacense, dr. Sebastião Morão Correia. Além de outras manifestações de simpatia, haverá, no salão nobre da Câmara Municipal, na tarde daquele dia, uma sessão de boas-vindas.

Exposição escolar

Amanhã, das 14 às 18 e 30, estará patente, no Jardim-Escola João de Deus, uma exposição de trabalhos escolares do ano lectivo 1957-1958.

O campeonato das rãs saltadoras de Mark Twain

ANGELS CAMP. (Califórnia), 10 — Cerca de duzentas rãs, enviadas de vinte países estrangeiros, participam na competição internacional, que se realiza, anualmente, nesta cidade, em comemoração do popular conto «A célebre rã saltadora de Calaveras», de Mark Twain. A «concorrente» que bater o «record» do salto recebe o prémio de mil dólares (cerca de 29 mil escudos).

Descobriu-se, entretanto, que «Rolli», trazida da Suécia, não poderá, talvez, disputar a «prova» porque começou agora a pôr ovos. — (A. N. L.).

Reunião de curso

O curso jurídico de 1938-1943 que abrange os «caloiros» de 1938, os «grelados» de 1942 e os licenciados de 1943, da Faculdade de Direito de Coimbra efectua ali a sua segunda reunião, nos dias 18, 19 e 20 do corrente, com este programa: no dia 18, almoço e garrafeira; no dia 19, missa por intenção dos condiscípulos falecidos, cumprimentos ao reitor da Universidade e ao director da Faculdade de Direito; fotografia do Curso e visita a vários organismos académicos e jantar, seguido de fados e guitarradas, por um grupo de estudantes de Coimbra; no dia 20, almoço de despedida e incorporação no cortejo da Queima das Fitas. Os pedidos de inscrição devem ser enviados a: Maria Regina Dias Carvalheiro, Rua Frei Tomé de Jesus, n.º 5, 3.º dt.º.

TRAFARIA

Todos os domingos
partidas do

CAIS DO SODRÉ

De hora a hora
das 7,30 às 17,30

TEATROS E CINEMAS

O «London's Festival Ballet», em S. Carlos

A tão ansiosamente aguardada temporada de «ballet» começou ontem em S. Carlos. Apresentava-se, pela segunda vez entre nós, o «London's Festival Ballet» que tão belas recordações havia deixado. O público traduziu o seu desejo de reencontro com esse que é actualmente, para muitos, o mais representativo grupo de bailados inglês, acorrendo a S. Carlos, até trasbordar. E se não foi possível oferecer a sua curiosidade um programa inteiramente novo, a qualidade superpriu brilhantemente essa impossibilidade. Para mais, como artista convidada, havia que rever Alicia Markova; e, pela primeira vez — antes de ser apresentado em Londres — havia que dar uma medida do novo bailado da companhia, «The witch boy».

Então, o espectáculo abria com «As Sinfides» (musica de Chopin, coreografia de Fokine, cenário do consagrado George Kirska) uma peça romântica, delicadíssima, de expressão melancólica, infalível pela delicadíssima do texto musical e a soma das atitudes estáticas, contraditórias das teorias da escola de movimento. Alicia Markova, considerada uma das grandes intérpretes das «Sinfides», dançava ao lado do nosso conhecido Oleg e á frente de um corpo de baile unido de sua ve espiritualidade e de sagrado por técnica impecável. De certo, as penetrantes páginas de Chopin (orquestradas em 1908, para o efeito, o próprio Stravinsky, a pedido de Diaghilev, com espanto da época habituada a ver dançar música especialmente escrita para ser bailada) ajudam a criar a sugestão romântica; de certo, Oleg Briensky foi breve e brilhante na Mazurka; de certo, Jeannette Minty e Marilyn Burr espiritualizaram as suas intervenções, através de uma interpretação sedutora, traduzida na

na melhor escola de «ballet»; mas Alicia Markova estava lá (principalmente no Prelúdio) fina, etérea, languida, para uma exibição que era verdadeira prova de exame, no que esta tenha de mais profundamente enraizada á alma humana, sem contudo exigir os alucinantes movimentos da matéria. Uma artista como Alicia Markova não podia deixar de se exaltar, transubstanciando-se em patético lirismo. O público foi vibrante e justo, aplaudindo-a delirantemente. Mas a sua vibração teria uma expressão muito mais clamorosa, especialmente por parte da juventude, quando findou a apresentação de «The witch boy» (Musica de Leonard Salzedo, coreografia de Jack Carter, cenários e figurinos de Norman Dowell). Argumento (baseado numa lenda do século passado na Nova Inglaterra) coreografia e cenários adensam-se numa mistura de realidade e irreabilidade, em que pesa a gregária condição humana dos que foram para sedimentar novas pátrias. «O jovem feiticeiro» que não era uma estreia mundial mas uma espécie de ensaio para a sua próxima apresentação no Royal Festival Hall, é a história dramática de uma rapariga de «bars», que perseguida pelas propostas de um pregador, se refugia na montanha e ali conhece o amor do homem criado pelo génio de um bruxo. Ele, porém, só será definitivamente humano, se a mulher, durante um ano, lhe for fiel. Ela, será o que o vai trair, mas o coreógrafo, passando por cima da lógica da lenda, dá á sua plasticização uma versão mais comovente, mais dramática. Porque na coreografia «Barbara Allen» não atraiçoa, sucumbe ao regresso do pregador que estigmatiza o homem e o leva

(Continua na 6.ª página)

«Holiday on ice», no Coliseu dos Recreios

A gigantesca sala do Coliseu dos Recreios transformou-se num palácio de gelo. A multidão, a autêntica multidão, compacta e apaixonada, essa multidão que já é tão difícil reunir e atrair, esteve ontem no Coliseu. Vibrou e aplaudiu com arrebatamento. No centro do Coliseu num rectângulo de gelo, sob o fogo dos projectores, agitaram-se figuras estranhas, quase irreais. Esta superfície lisa onde se movem as figuras não tem a dureza do solo que pisamos. Os homens deslizam sobre ela com velocidade, graça, leveza. E' esta leveza que cria uma atmosfera diferente e mágica.

Mostrava-se ao público de Lisboa, o público que ama e acredita no Coliseu, um dos maiores espectáculos do Mundo, o celebrado «Holiday on ice», um admirável feriado sobre o gelo, uma festa de beleza e encantamento. «Holiday on ice» criou um estilo espectacular. Há realmente novidade neste «show», desde o seu ritmo, que é veloz, não nos dando um momento de descanso, tendo-nos presos permanentemente, até aos números que se sucedem, numa cavalcada, brilhantes, surpreendentes, arrebatadores.

O público sabe o que quer e aplaudiu calorosamente. Na sala havia aquela espécie de ebulição, de «suspense», de calor, próprios dos grandes espectáculos.

Cada figura é uma estrela que se move sobre o gelo. Nesta constelação há estrelas maiores e menores. Jean Hyldoft, uma loira amável, é uma patinadora espantosa de uma elegância e agilidade impressionantes. O campeão olímpico Peter Firtbrook revela-se um dançarino, criando figuras de grande beleza. Ted Deeley, foi o herói deste espectáculo, herói cómico, desarticulado, mecânico, vertiginoso, caricatural. Dois acrobatas únicos são os «Percelly's brothers». Numa bi-

cicleta que se desfaz, como um «mecano» vimos Neville Murray. Dos numeros destacamos «A lenha do Oriente», faustoso e dourado, em que cada figura é uma nota de musica; o «gag» do automóvel, de uma graça surpreendente, «O quebra-nozes», sobre musica de Tchaikowsky, cheio de ternura e suavidade; e «Peter Pan», em que surgem todos os heróis dos desenhos animados, vivos e autênticos, habitantes de um mundo melhor. E tudo isto numa sucessão rápida, numa cavalcada, num «carroussel». A multidão aplaudiu rendida e posuía pelo encanto do espectáculo. Américo Covões soube dar ao público de Lisboa o que a cidade queria. «Holiday on ice» conseguiu trazer ao Coliseu o povo de Lisboa, entusiasmando-o, impressionando-o, movendo-o. — P.

Primeiras exhibições

«O Garoto de Charlot», no Eden

Eis um filme que se pode considerar um clássico do cinema. Melhor uma pura peça de antologia da sétima arte. E' o verdadeiro, o genial Charlot, artista sem ficções espectaculares nem a visar grandes temas, mas humano, sensível de coco amolgado, botas quilométricas, labita coçada, bigodinho cómico a perscrutar com ansiedade através dos seus olhos negros e fuzilantes o seu destino de vagabundo.

Charles Chaplin tanto nos provoca o riso como as lágrimas, com aquele expressivo anjo de inocência e alegria com os pés na lama do mundo, que leva pela mão.

Ambos são duas imagens da vida, de tipo inesquecível, em que a poesia e a fantasia se combinam, admiravelmente, numa obra a todos os títulos excepcional que nunca envelhecerá. Sem dúvida, o autêntico Charlot, na sua genial amargura, sempre surpreendendo, acoçado pela vida, e que sabe dar-nos uma série gags espantosos e redimir os que sofrem, os vencidos, os humilhados, os pobres dos pobres, na mais eloquente caricatura.

«O garoto de Charlot», anda outra vez, nas ruas da cidade. E veja-se a sua figura não se anquilozou pelo contrário, actualizou-se ainda mais. E' de hoje, de ontem, de sempre. Oh! a realidade das figuras supostamente imaginárias, mas que, afinal, são feitas de destros do coração. Na sua carne e, na sua alma, há um símbolo humano, eterno. Magnífico espectáculo de poderosos efeitos, cuja reposição (há dezenas de anos que não se exhibia) vale por uma estreia de excepcional classe. Os que não conheciam a obra devem ficar admirados da novidade e os que a conheciam recordam emocionados um dos mais extraordinários monumentos do cinema. Complementos escolhidos. — Visor 45.

«Corrida para a vida», no Condes

Christian-Jaque enfileira ao lado dos melhores cinegrafistas franceses. E' autor de alguns bons filmes e até os mesmos bons podem ver-se com agrado, satisfazendo os públicos mais exigentes. «Corrida para a vida», extralido do livro intitulado «Si tous les gars du monde...» e ontem estreado no Condes é mais uma obra de Christian-Jaque, de colaboração com outro co-

nhecido homem do cinema francês, H. G. Clouzot. Ambos trataram da adaptação e constituiram os diálogos, conservando o interesse da obra literária, apesar das amputações que lhe fizeram. A história é simples. Um barco de pesca encontra-se na faina, em pleno mar do Norte, separado, em tempo, dois dias da costa norueguesa, que lhe fica mais próxima. A tripulação sofre uma grave intoxicação alimentar. Desesperado, o comandante do barco lança um apelo pela T. S. F., o qual é escutado no interior da selva africana, por um rádio-amador. Aqui começa uma cadeia de solidariedade, igual a muitas que já se têm registado e em que chegam a colaborar os excelentes rádio-amadores portugueses. Para que determinado medicamento seja lançado, em pára-queadas, sobre o barco de pesca, uniram-se os esforços de dois parisienses, um invulgar alemão, um sargento americano e um oficial russo.

Algumas imagens do filme são surpreendentes e muitos são os apontamentos intencionais destinados a valorizar a benemérita acção dos rádio-amadores.

Completem a sessão dois filmes de actualidades e uma revista cinematográfica de curiosidades. — Visor 25.

ULTIMA EM QUE
SEMANA! EM
2 Sessões,
às 20,30
e 22,45 h.

GIUSEPPE BASTOS
APRESENTA NO
AVENIDA
A REVISTA POPULAR
FOGO NO
PANDEIRO

O 1.º grande
êxito em Lisboa da
Companhia Brasileira de
Revistas

AMANHÃ
às 16 horas

BADARÓ

Último espectáculo á tarde!
Para 17 anos

LUSO
T. da Queimada,
8-A — Tel. 32339
(17 anos)
Hoje (até de madrugada) Fados
e Canções por:
MANUEL DOS SANTOS — Aliço
Magina — António
Meneses — Maria Amália —
Odete Rosa e o campeão da alegria
Manuel Bogalho. Acompanhamentos
por António Couto e José Inácio.

— AMANHÃ —
Grandiosa «Matinées» com uma
Parada de Artistas

PARA NÃO INTERROMPER
A TRIUNFAL CARREIRA
DO GRANDE ÊXITO
DO MOMENTO

o original de HENRIQUE SANTANA

UM FANTASMA
chamado **ISABEL**

Procópio Ferreira
Primeiro actor do teatro brasileiro

SUBSTITUI, POR MOTIVO DE DOENÇA, O SEU COLEGA
Vasco Santana

A partir de hoje no **Teatro MONUMENTAL**
Às 21.45 h. — MAIORES DE 12 ANOS

Laura Alves e **Procópio Ferreira**

Pela primeira vez juntos, com **ASSIS PACHECO * COSTINHA e OS COMEDIANTES POPULARES DE LISBOA**

● AMANHÃ — ESPECTÁCULO À TARDE, às 16 H. ●

ESTREIA HOJE DA NOTÁVEL ATRACÇÃO INTERNACIONAL

TRIO AUTOCTONO
CONJUNTO TÍPICO INDO-MEXICANO
A «BOITE» QUE MANTÉM EM PLENO TRIUNFO UM EXTRAORDINÁRIO PROGRAMA DE ATRACÇÕES SELECIONADAS

FRANCESCA • AMPARITO VALLCANERA

BALLET MONTEZ • RAUL PROENÇA
HERMANOS ANTUNEZ • MARIA DOLORES
Orquestra **ALMEIDA CRUZ**
DAS 17.30 AS 20 MATINÉE-DANÇANTE

Pasapoga
(ADULTOS)
Maiores de 17 anos
TELEF. 23584
AV. LIBERDADE, 137

BAILE DOS NOVOS ENGENHEIROS
Orquestras: Vincent Corvasce (Napolitana, estreia em Portugal) — Paolo Ormi — Helder Martins — Sousa Pinto — Ritmos e Melodias.
Serviço de Ceia fornecido pelo **HOTEL EMBAIXADOR**
HOJE, ÀS 23 HORAS
(15 ANOS) TEL.: 77 0144

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II
TODAS AS NOITES AS 21 E 45 — (12 ANOS)
EM ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES DE UM GRANDE ÊXITO
UMA MULHER EXTRAORDINÁRIA!
NOTÁVEL CRIAÇÃO DE PALMIRA BASTOS

CAMPO PEQUENO

A CORRIDA MARCADA PARA ONTEM EFECTUA-SE
NO DOMINGO, 18, ÀS 16.30

A corrida que ontem não se efectuou devido ao mau tempo foi transferida para
domingo, 18, às 16.30, sendo válidos os bilhetes com a data de 9 de Maio e
continuando aberta a bilheteira dos Restauradores, 7

Laly e Salvador
Luisita Arenas

CALIPSO
PRAÇA DA ALEGRIA, 56
Telef. 34120
(ADULTOS MAIORES 17 ANOS)
EM GRANDE ÊXITO
BALLET-PONCE

Carmen Sacramento e Luís Ramon
2.^a Orquestras

DOMINGO PAOLO ORMI
com o seu cantor MARIO MAGNI



AMANHÃ - DOMINGO
TIA ADELINA e MESQUITA

estão aptos a receber toda a sua clientela na sua

QUINTA
no Cacem - Agualva

Pratos próprios para o Verão e todos verão que são bons
Bom ar — Boa vista — Quinta própria para crianças
NOTA — A 6 minutos da estação do Cacem e a 28 minutos de Lisboa
no comboio eléctrico e em breve — Uma surpresa.

REABRE HOJE O
RESTAURANTE PAMPILHO

na Calçada de Carriche
com um grandioso elenco de canção nacional. — Almoços, jantares e ceias
até de madrugada. — Gerência do Restaurante Tricana da Feira Popular
Marcam-se mesas pelo telefone 779777

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ
15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.30 (17 anos)
2.^a SEMANA
Para comemorar os
30 anos do cinema
no S. Luiz
TEL. 27171
ESTA TERRA AMARGA
com Silvana Mangano, Anthony Perkins
e Alida Valli

EDEN
15.30 - 18.30 e 21.30
O GAROTO DO CHARLOT
Um dos maiores
êxitos de
CHARLIE CHAPLIN
do tempo em que ele era «Charlot»
(Para maiores de 6 anos)

CONDES
15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.30 (12 anos)
Louro de ouro de
Londres. Grande
prémio da Checos-
lováquia
TEL. 22523
CORRIDA PARA A MORTE
(Si tous les gars du Monde)

ALVALADE
15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.45 (17 anos)
2.^a SEMANA
Para comemorar os
30 anos de cinema
no S. Luiz
Telefone 763080
ESTA TERRA AMARGA
com Silvana Mangano, Jo Van Fleet
e Alida Valli

ODEON
15.15 - 18.15 e 21.30
(17 anos)
Uma comovente e
terna história
de amor
Telefone 26263
**ZALACAIN, O AVENTU-
REIRO**
com Virgílio Teixeira, Humberto Ma-
deira e Elena Espejo

ELIZ
A's 21 (12 anos)
TEL. 48560
ESCANDALOS
EM TOQUIO
No programa: O jardim do diabo

TIVOLI
15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.30 (17 anos)
da noite — 12 anos
Pat Boone e Shirley
Jones numa comé-
dia cinemascopo
maravilhosa
TEL. 50595
SOL NO CORAÇÃO
(April Love)
Amanhã, às 11 — Ses. class. «ANNA
KARENINE» — (17 anos).

POLITEAMA
15.15 - 18.15
21.30 — (17 anos)
8.^a semana e últi-
ma do maior êxito
do ano!
em Cinemascope
TEL. 26305
AMAR NÃO É PECADO
c/ Lana Turner, Hope Lange e D. Varsi
Uma história que é um espelho desse
sublime inferno chamado «mulheres».

ROMA
15.15 - 18.15 e 21.45
(17 anos)
O romance da vida
de Lon Chaney
Telefone 727778
O HOMEM DAS MIL CARAS
com James Cagney — Dorothy Malone
e Jane Greer em Cinemascope

AVIS
15.15 - 18.15 e 21.45
(17 anos)
O filme que come-
mora os 50 anos
de Hollywood
Telefone 47163
O HOMEM DAS MIL CARAS
com James Cagney — Dorothy Malone
e Jane Greer em Cinemascope

RESTELO
As 21.15 (12 anos)
DUELO NO ATLANTICO
c/ Robert Mitchum
Telefone 610375

TERRASSE
A's 21 — (17 anos)
TEL. 20917
E O SOL TAM-
BÉM BRILHA
ENTRE A VIDA E A MORTE

palavras da crítica:
Milagre de beleza... Quando menos se espera, chegou ao fim. E' meia-noite. O tempo correu sem se dar conta. Que me-
lhor elogio poderá fazer-se a um espectáculo? («D. Notícias»)
Espectáculo-maravilha... E as ovações voltaram a ser tão
frenéticas e quentes que dir-se-ia milagre não se ter desfeito
a pista de gelo.

HOLIDAY on ICE 1958

COLISEU

FESTIVAL NO GELO
todas as noites às 21,30 horas — tar-
des às 16 horas, de quintas, sábados e
domingos.
ATENÇÃO A NOVA CLASSIFICAÇÃO, AGORA
PARA TODOS
Aos sábados à noite podem entrar crianças maiores de 6
anos. A tarde, às crianças dos 6 aos 10 anos, devidamente
te acompanhadas, têm entrada gratuita.

PENSÃO MONUMENTAL
COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

IMPERIO
15.15 - 18.15
e 21.30 (17 anos)
A mais bela histó-
ria de amor que
dois entes puderam
viver
TEL. 55134-5
SAYONARA
com Marlon Brando e Miiko Taka
3.^a SEMANA
Exclusivo da época

SÃO JORGE
As 15.15, 18.15 e
21.30 (12 anos)
Ele era tão atre-
vido na pista co-
mo no amor
BALCÃO 54154
PLATEIA 54153
«OS DESTEMIDOS»
Cornel Wilde — Jean Wallace
Vista Vision — Technicolor

MONUMENTAL
15.15 - 18.15 e 21.30
(17 anos)
Um filme alegre e
romântico passado
no ambiente da via
Margutta em Roma
TEL. 55131
O PINTOR... E OS MODELOS
com o genial cançonetista Teddy Reno,
Peppino de Filippo e Giulia Rubini
Totalscope

CAPITOLIO
A's 15.30 (p. r.)
e 21.30 (17 anos)
94 minutos de ten-
são constante
TEL. 27493
DINO
com Sal Mineo e Susan Kohmer

CINEMA IDEAL
As 21 — (12 anos)
TEMPOS MODERNOS
O fantasma
da cidade
Telefone 24194

ROYAL
A's 21 — (17 anos)
Que sejas feliz
No programa:
A história do meu
crime
Telefone 845037

CASINO ESTORIL
A's 21.30
(17 anos)
SANGUE NO DESERTO
com Henri Fonda

HOJE NO RITZ CLUB
ADULTOS-MAIORES 17 ANOS

NOITE DE FESTA SENSACIONAL
DEDICADA AOS DESPOR-
TISTAS DO PORTO
COM A GRANDE PARA-
DA DE ÊXITOS:

QUINTEROS ESPAÑA

SARITA REYS

IRMÃOS GUARÁS

HERMANOS HEREDIA

BRISAS DE ESPANHA

TRIO MONTERO

MERCHE SANDO

MUSICA CONSTANTE POR VILAÇA E A SUA ORQUESTRA

CASINO ESTORIL
HOJE — NOITE DA MODA
NO «MONDER-BAR»
SERVIÇO DE RESTAURANTE
Jantares e Ceias
Conjuntos:
HELDER REIS e OLIVER
(17 anos)
AMANHÃ — CHA-DANÇANTE

TRINDADE T.N.P. HOJE às 21 e 45
(17 ANOS)
Só HOJE e AMANHÃ
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS ÚLTIMA
MATINÉE
2 ÚLTIMOS DIAS A PREÇOS POPULARES

BAR RIBATEJO
Praça do Areeiro, 11-D — Telef. 724111 — até às 3,30
CAFÉ DE TIMOR, EM BALAO — INCONFUNDIVEL!
DOÇARIA CASEIRA
UMA PEGA 6\$50 — UM «SUPER» 15\$00

ULTIMOS

DIAS DE UM ÊXITO
DE GARGALHADA



SALVADOR APRESENTA VARIEDADES
NO TEATRO AS 20.30 E 22.45 — ADULTOS

A REVISTA POPULAR DE GRANDE ESPECTÁCULO

PERNAS À VELA

AMANHÃ, ESPECTÁCULO A TARDE AS 16 HORAS

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da 4.ª página)

ao enforcamento. De nada valerá que o bruxo reanime o cadáver da sua obra. Bárbara está morta e será preferível morrer de novo...

Este «conte rendu», de um comovido dramatismo, posto em acção com um recorte moderno, alucinante, que a melhor técnica vigia, é servido por uma música descritiva que modela cada «tic-tac» do coração, cada movimento da turba, cada gesto colérico e falso do pregador. Naturalmente, a irrealdade da presença do bruxo cego e da sua caverna ainda não terá encontrado na técnica moderna (recursos de luz, de cor e de mistificação ilusionista) numa cem por cento convincente realidade. Mas o mais belo da obra está no aparecimento do homem, no seu encontro com a mulher e, depois, na sua integrante presença no «bar».

Encarnaram a criação de Carter, John Gilpin e Anita Landi, ao lado de Kenneth Sudell, Clara Duncan, Sheila Wright, o próprio Anton Dolin (de admirável composição no pregador) e Janet Overton. Mas foi sobretudo a alucinante (como movimento) e trágica (como supuração interior) interpretação de Gilpin que galvanizou a plateia de jovens. E os jovens não se enganaram: estavam em presença de uma autenticidade criadora e de um grande bailarino dominando todos os sortilégios da técnica. Os aplausos foram intermináveis, porque a angustia transmitira-se do palco para a plateia.

Alicia Markova dançava, a seguir «A morte do cisne» (música de Sams-Saens, coreografia do incito Fokine). A grande expectativa que se adensava pela sala era grande e cada um há-de ter tirado dela o que de melhor encontrou para o seu gosto e sensibilidade, na penetrante e comovente interpretação de Alicia Markova. Com ou sem «dó de peito» no último estrangulamento da morte, Alicia Markova foi uma admirável bailarina. As flores de que a rodearam confirmaram-na.

Por fim, o espectáculo ia terminar com o «Graduation-Ball» (música de John Strauss, coreografia de Lichine. Este «ballet», criado em Sidney, em 1940, teve então as prestigiosas interpretações do próprio coreógrafo, da Riabouchinska e Orloff que nos números do «tambor», nos «sketches» na aluna traquinas e nos «fouettés», das duas competidoras, havia conquistado um êxito, logo tornado internacional. Na interpretação de ontem (Lisboa conhecia outra americana, não menos saborosa e eficiente) Michael Morgan (tambor) Pamela Hart e Jean-Pierre Alban (a sílfide e o escocês) Jennifer Alderton e Estella Nova (na competição dos «fouettés») Janet Overton, Peter White e, sobretudo, Jeannette Minty, na alma travessa e Keith Beckell foram de uma alegre vivacidade.

A orquestra, dirigida por Geoffrey Corbett teve autoridade, sonora e harmoniosa presença (incluindo a de espírito, quando houve um pequeno desentendimento entre o palco e a «fossa...») as luzes e as «toilettes» da plateia completaram a classe do espectáculo.

Uma pequena revoadada de pequenos monstros pesou na atmosfera de S. Carlos, vestida — e má intérprete — das mais estranhas linhas da moda. Era pitoresco e divertido ver como em regra a mulher adere (a que menos marca pela beleza, pela leveza dos anos e do peso) às mais desconcertantes alucinações de homem! — M. A.

Atrás do reposteiro

Está marcada para o dia 14 a reposição, no Teatro Nacional, da peça «Amor à antiga», de Augusto de Castro.

—Num dos intervalos da peça «Amor à antiga», será entregue ao actor Erico Braga o prémio da crítica, pela sua interpretação, nesta peça, considerada a melhor do ano.

—António Silva desempenhará, na revista «Abaixo as salas», as rúbicas «O expositor de Bonacas», «O Pantufas», «Barão da Linhaça» e «D'Artagnans».

—O empresário Giuseppe Bastos em vista do êxito que tem acompanhado a revista «Fogo no Pandeiro», adiou por mais uma semana a sua estreia no Teatro Sá da Bandeira, do Porto.

—Está a actuar com grande êxito no Teatro Zaqueu Jorge, do Rio de Janeiro, na revista «J.k lá vai» a actriz portuguesa Saluquia Renini.

—São de Pinto de Campos os figurinos da nova revista «Abaixo as salas», em ensaios no Teatro Maria Vitória.

—A Orquestra Sinfónica de «Acordeons» realiza amanhã um concerto no Cine de Loulé.

—Em Itália, o maestro-compositor António Andrade dirigiu a orquestra em que seu irmão, o cantor Luis Andrade, se apresentou no Instituto Internacional de Cultura Italiana.

—As marcações da nova revista «Batuque no morro», em ensaios no Teatro Avenida, são de Charles.

—E' hoje que se dá no programa da TV o 4.º episódio «Café Concerto», de Carlos Lopes, com os artistas Elvira Velez, Maria Candal, Graciete de Vasconcelos, Sara Angel, Carlos Alves, Luis Horta, Carlos Valério, Raul Proença e o maestro Alves Coelho, filho.

—E' amanhã que se inaugura, em Almada, a nova casa de espectáculos da Sociedade Inerível Almadaense com o concurso da Grande Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, sob a direcção do maestro Pedro de Freitas Branco.

—Entrou ontem numa casa de saúde o actor Vasco Santana, que é substituído na peça em cena no Teatro Monumental, pelo seu colega Procópio Ferreira.

—Fará parte do repertório do actor Procópio Ferreira quando, no Brasil, reorganizar a sua companhia, a comédia «Marido solteiro», que há anos foi representada no Teatro Maria Vitória e que tem apenas três personagens.

A partir de hoje

Procópio no Monumental

Por doença de Vasco Santana, a

partir de hoje, num gesto de gentileza e camaradagem, Procópio Ferreira, primeiro actor do Teatro Brasileiro, acedeu a substituí-lo no grande êxito do momento, o original de Henrique Santana, «Um fantasma chamado Isabel». Assim, para não interromper a brilhante carreira desta peça, tem o publico oportunidade de ver pela primeira vez juntos num espectáculo, Laura Alves e Procópio Ferreira, com Assis Pacheco, Costinha e o elenco de «Os Comediantes Populares de Lisboa», Maria Helena, Henrique Santana, Alberto Ghira, Carmen Mendes, Maria Alberta, Maria Manuela.

— Hoje e amanhã, à tarde, às 18 e 15, haverá no Monumental, teatro infantil, com a peça «2 Reis e 1 Sono», encantadora fantasia musical para crianças, ao mesmo tempo que é delícia dos adultos.

Teatro infantil

nas «matinéas» de hoje e amanhã no Monumental

Sob a direcção artística de António Manuel Couto Viana, apresenta-se amanhã e depois, às 18 e 15, no Monumental, a peça infantil de Natália Correia e Manuel de Lima, «2 Reis e 1 Sono». A interpretação está a cargo de um grupo de jovens artistas, em que se destacam os nomes de Luis Horta, Mário Pereira, Fernanda Montemor, Maria Albergaria, Fernanda Alves, António Anjos, Moraes e Castro, Rui Mendes e António Manuel Couto Viana.

«2 Reis e 1 Sono», é um espectáculo subsidiado pelo Fundo de Teatro, para maiores de 4 anos, com entrada gratuita a todas as crianças dos 4 aos 7 anos, quando acompanhadas.

Ultima representação

de «Monsieur de Pourceaugnac»

Hoje, às 21 e 30, no Teatro do Liceu Francês, efectua-se a ultima representação de «Monsieur de Pourceaugnac», de Molière, pelo grupo cénico deste liceu.

Aqueles que apreciam o bom teatro não deixarão de assistir a esse espectáculo em que o génio cómico de Molière é servido por um elenco de alto nível. Espectáculo notável pela qualidade da interpretação e pelos processos originais que se reencontram para resolver os problemas que suscita uma comédia-bailado.

Num cenário agradável, evoluem, num ritmo irresistível, actores, cantores, bailarinos e fantoches, enquanto a farsa de Molière se desenrola com os mais seguros efeitos.

No Monumental

4.ª semana de «Um fantasma chamado Isabel»

No Monumental, continua o grande êxito da peça de Henrique Santana, «Um fantasma chamado Isabel».

Esta peça é interpretada por Laura Alves, Vasco Santana, Assis Pacheco, Costinha, Maria Helena, Henrique Santana, Alberto Ghira, Carmen Mendes, Maria Alberta e Maria Manuela. «Um fantasma chamado Isabel» representa-se todas as noites, às 21 e 45 horas, para maiores de 12 anos, e aos domingos também à tarde, às 16 horas.

Gil Vicente

no «Teatro de Ensaio»

Na Sociedade Ordem e Progresso, Rua do Conde, 77, às Janelas Verdes, pelas 22 horas dos próximos dias 11 e 12, serão representados, pelo «Teatro de Ensaio», a peça de Gil Vicente «Pranto de Maria Parda» e o monólogo do mesmo autor «Ao bejar da mão».

A este espectáculo darão a sua colaboração Josefina Curado Ribeiro e Jaime Araújo, nos principais papéis, ao lado de Fernanda Almeida, Hugo da Silva, Manuel Gomes e Carlos Martins. Do programa consta um recital de poesia contemporânea, por Josefina Curado Ribeiro.

agradou inteiramente. A acção desta produção italiana desenvolve-se no ambiente frívolo da «Via margutta», a rua dos pintores, entre artistas pobres e talentosos e modelos de beleza escultural.

No São Jorge

«Os Destemidos»

O publico recebeu com verdadeiro entusiasmo este filme da Paramount, que traz ao «écran» a mais audaz e corajosa de automóveis que já se viu em cinema. Esta obra, realizada e interpretada por Cornel Wilde, é um emocionante conflito que se passa no ambiente intenso das corridas de automóveis. Em «Os destemidos», os pilotos são homens, têm os seus complexos e os seus problemas, onde os sentimentos vivos ardem em explosões veementes. Cornel Wilde escolheu para si uma figura cheia de dificuldades, em que o vemos ao lado de sua mulher, a escultural Jean Wallace.

No Monumental

exibe-se

«O pintor e os modelos»

Leve e romântica, excelentemente interpretada e recheada de lindas canções e belas mulheres, a comédia que o Monumental exhibe agora no «écran» do seu cinema

Sessões clássicas

«Ana Karenina», amanhã, na matinal no Tivoli

Das quatro versões cinematográficas sobre o célebre romance «Ana Karenina», do escritor russo Leão Tolstói, a mais notável é, sem duvida, a que amanhã, às 11 horas, se exhibe no Tivoli. Produzida em 1935, já lá vão quase vinte e três anos, esta «Ana Karenina» resistiu à furia do tempo, pois mantém-se perfeitamente actualizada e permite aos espectadores mais jovens conhecer uma das grandes figuras do cinema de todos os tempos: Greta Garbo.

Cineclubismo

As sessões de domingo do ABC Cine-Clube

Realiza-se amanhã, às 11 horas, no Chiado Terrace, a 157.ª sessão do ABC Cine-Clube, com a exibição do filme de Billy Wilder «Sabrina». Assim se inicia um ciclo dedicado ao «Cinema Social Americano».

Jacques Tati

obteve êxito em Cannes

CANNES, 10 — O filme «Mon Oncle», de Jacques Tati, exibido esta noite no Festival do Cinema, foi muito aplaudido durante a projecção e teve um êxito retumbante. O filme parece bem lançado para o primeiro prémio.

Jacques Tati, que assistiu à exibição, foi muito ovacionado. O filme é, talvez, menos constantemente cómico do que «Jours de Fête» ou «As Férias do sr. Hulot». Mas é uma sátira, no género das de Chaplin, ao progresso técnico e ao mundo moderno. Vai muito mais longe do que os dois filmes anteriores de Tati. Personagens, diálogo, tudo é estilizado.

Como era de esperar, Jayne Mansfield, que hoje chegou a Cannes, fez uma entrada sensacional. Moldada no vestido de cetim negro bordado a diamantes, dando o braço ao marido (o «sr. Músculo»), e vou não menos de dez minutos a subir os doze degraus da entrada do Palácio do Festival; através de um mar humano de fotógrafos e admiradores. — (F. P.).

FOI POSTO A' VENDA O NOVO LELLO UNIVERSAL (em 2 volumes)

Inteiramente actualizado e na ortografia oficial

Dele diz Júlio Dantas:

«É um admirável instrumento de consulta, indispensável nas Bibliotecas, nos Arquivos, nas Universidades, nas Secretarias de Estado, nos Escritórios, nas Escolas, em todos os centros de trabalho e de estudo onde se fala e escreve a língua portuguesa.

«Pude apreciar, folheando-o, o seu alto sentido prático e a excelente técnica lexicográfica que presidiu à sua elaboração».

Preço dos 2 volumes em brochura 850\$00

Os 2 volumes encadernados com linda e moderna capa em percalina e lombada em couro e ferros a ouro Escudos 1.100\$00

A venda nos seus editores, Rua das Carmelitas, 144 — PORTO

LELLO & IRMÃO Rua do Carmo, 30 — LISBOA, e em todas as livrarias do País

VENDAS

EM

PAGAMENTOS SUAVES

Queiram enviar sem qualquer compromisso, da minha parte, os esclarecimentos para poder adquirir por pagamentos suaves o

LELLO UNIVERSAL

Nome

Morada

Localidade

Os preparativos da próxima eleição presidencial

(Continuação da 1.ª página)

seu labor metódico, mas já se disse — e com razão — que não há sinónimos e que cada palavra tem o seu valor próprio, o seu peso e o seu timbre inconfundível.

«Manifesto» tem aquele ar cívico e democrático que convém à declaração das opiniões de quem se submete à opinião alheia e presta um depoimento sem pretensões de maior.

«Proclamação» implica uma ideia diferente, não só vincando a solenidade do escrito como a sua autoridade, resultante da posse de infalíveis certezas, pelo que abertamente preferem o vocábulo os chefes das revoluções triunfantes, os ditadores e os candidatos a ditador.

Mas seria ir longe de mais aduzir este simples reparo para sustentar que as palavras, quando não são suficientemente vigiadas, atraíam o pensamento secreto de cada um, em prejuízo daquele que lhe interessa expor.

O que é certo, em qualquer hipótese, é que os dois documentos correspondem a posições ideológicas inassimiláveis, sendo escassos e mínimos os encontros de pontos de vista.

Temos, pois, duas oposições em vez de uma, o que faculta aos adversários da Situação uma liberdade de escolha de que farão certamente um uso muito judicioso, em harmonia com as suas inclinações pessoais. E essa uma liberdade de que concedem a si próprios e vem aumentar o número daquelas que as leis expressamente garantem e que a uns parecem bastar e outros julgam insuficientes.

O sr. dr. Arlindo Vicente representa a Oposição Democrática e este rótulo permite, ainda mais inofensivamente do que o programa que articula, fixar a sua posição no que toca à essencialidade e aos princípios. Situa-se no terreno conhecido e explorado em sucessivas campanhas eleitorais, em cujo decurso foram postas em causa as ideias mestras das instituições vigentes. Representa aquela corrente de pensamento, considerada ortodoxa, em que se integra a «República», a qual, fiel a si própria, na abertura do debate eleitoral reafirma a sua incompatibilidade com a actual situação política, «estruturada numa Constituição reaccionária».

É oposta a esta a oposição do sr. general Humberto Delgado. Ao contrário do sr. dr. Arlindo Vicente, a Constituição que foi promulgada em

1933 merece a sua incontestável adesão, como afirma de maneira expressa e que não consente margem ao equívoco, quando promete «sem sofismas, reservas ou amputações, respeitar e fazer respeitar a Constituição vigente».

Temos efectivamente duas oposições, em aberto conflito uma com a outra e tão distanciadas que, se ousassem exprimir-se claramente, bastaria a discussão entre elas para esclarecer o eleitorado acerca da sua contradição.

Entre uma Oposição Democrática, lididamente democrática na acepção que entre nós se atribui ao adjectivo, e uma Oposição que defende os princípios de uma «Constituição reaccionária» não pode, apesar de todo o sentido das conveniências, deixar de travar-se um diálogo profundamente edificante.

Só se tem o direito de exigir que, na sua propaganda, um e outro candidato, o democrático e o reaccionário, respeitem a lógica das suas posições e o mínimo de coerência que elas impõem. O propósito de derrubar uma Constituição e o de a defender intransigentemente não podem deixar de se reflectir nas soluções que se preconizam para a intervenção na vida pública do País.

Só se verão embaraçados aqueles que, em meio de uma tal floração de tendências doutrinares, não perderam a esperança de nuclear uma Oposição capaz de um combate sério à Situação. E essa ideia sugere dificuldades táticas de um excepção grau de delicadeza que porão à prova a habilidade dos elementos conciliatórios, isto mesmo sem ter em conta a presença dos comunistas, que provavelmente hesitam, sem poderem decidir-se por um ou por outro candidato, pelo que re-

puta a Constituição ou pelo que a aceita e exalta.

A complicação é agravada pelo facto de a Campanha eleitoral se desenvolver sob o signo da firmeza. As duas candidaturas são firmes e definitivas; nem uma nem outra concluirá pela desistência. E, pelo menos, o que se garante no Manifesto e na Proclamação.

Trata-se de uma atitude inédita nas eleições presidenciais e que pareceria mais curial haver-se ensaiado, a título meramente experimental, quando havia unidade de Oposição. Por a ideia em prática, na altura em que se defrontam duas Oposições ao mesmo tempo que atacam a Situação implica desvantagens que saltam aos olhos.

E' possível que as não veja o sr. dr. Arlindo Vicente, corajoso e saudosamente apegado à tradição de partidos e da sua competência, disposto a restituir-nos o clima da luta de facções e de guerra civil a que pôs cobro o Movimento de 28 de Maio. Ele o diz, sem precauções de estilo, quando inscreve entre as tarefas futuras «a livre constituição de partidos políticos, como a expressão e garantia da liberdade, que só na diversidade pode manter-se».

Mas não será esse, com toda a certeza, o parecer do sr. general Humberto Delgado que, também ele, não rejeita o seu passado e reivindica as suas responsabilidades no Movimento de 28 de Maio. Porque, se é certo que em 1926 se não encontrava suficientemente definido, em seu aspecto positivo, o pensamento de reconstrução política, também é certo que se sabia muito bem o que se negava e pretendia destruir: o regime da luta de partidos em que socobrava a dignidade da nossa vida pública e se compro-

metera a consciência cívica do nosso povo.

Ainda neste ponto — e que não é de pormenor — se não encontram de acordo as duas candidaturas.

Se uma delas fala a linguagem habitual e exhibe a sua genealogia política, preconizando simplesmente o regresso ao vicioso parlamentarismo que o País definitivamente condenou, a outra invoca «o espírito do 28 de Maio», para se apresentar e se legitimar.

Não se vê, de facto, possibilidade de entendimento das duas tendências e não há senão que reconhecer, sejam quais forem os riscos de dispersão que a pluralidade importe para o combate à Situação, que os dois candidatos têm posições doutrinares irreconciliáveis.

E' de prever que a explanação das ideias de um e de outro ao longo da campanha eleitoral mais acuse a divergência. O sr. dr. Ar-

lindo Vicente não deixará de responder à obrigação de sustentar a tese do regresso à concorrência partidária e de impugnar a teoria «reaccionária» do sr. general Humberto Delgado. E há todo o direito de esperar que este briosamente a defenda.

Seria o espectáculo apenas gracioso se, no meio da confusão, não corresse perigo de desorientar-se a apreciação de um ou outro português e até porque é possível, apesar de tudo, que se não pratiquem correctamente as regras do jogo. Onde a necessidade que se impõe de esclarecer e elucidar a opinião pública, responsabilizando os candidatos pela coerência das suas atitudes ideológicas e rectificando as contra-verdades da ofensiva que mais uma vez se desencadeou contra a Situação.

Esse direito, que é obrigação, não pode a União Nacional decliná-lo.

Colaborar, sim! Trair, nunca!

O nosso prezado colega «O Século» comenta hoje, em artigo de fundo, com perfeita lucidez e um sentido exacto das realidades condicionadas pelos superiores interesses nacionais, o notável discurso que o prof. Marcelo Caetano proferiu, há dias, no acto da inauguração de uma esttua do sr. Presidente do Conselho no Palácio Foz.

Apaz-nos transcrever desse artigo os períodos que se seguem e que traduzem uma doutrina com a qual estamos inteiramente de acordo e que por mais de uma vez temos defendido, e continuaremos a defender, nestas colunas:

«Só quem desconheça completamente a vida portuguesa pode admitir a hipótese de uma mudança de regime. A colaboração que ao sr. prof. Oliveira Salazar todos os portugueses devem só dentro da República tem oportunidade e razão. Pensar o contrário, embora se trate de uma minoria de idealistas ou dos que têm especiais interesses e ambições, é atraí-lo o homem que dentro do regime republicano pode transformar e valorizar o País até limites surpreendentes. A sua devoção total ao bem comum, ao excepcional volume de energias que despendeu, ao êxito dos seus empreendimentos, à grandeza das suas concepções, só pode corresponder-se com uma absoluta lealdade e um perfeito espírito de colaboração. A obra do sr. Presidente do Conselho prestou o regime. E não pode ser agora, qualquer que seja o pretexto invocado, quando a unidade nacional é cada vez mais necessária, perante o que se passa no Mundo, o momento de tentar experiências em que essa unidade seria destruída sem vantagem para ninguém e com prejuízo irre-

parável para a Nação. Colaborar com condições lesivas do interesse geral do País é, portanto, manter o erro de que alguns homens julgaram suas ambições e interesse, espirituais ou materiais, superiores ao bem comum; e é, acima de tudo, desconhecer que na chefia do Governo continua o mesmo homem austero, sério, digno, que a Nação consagrou a sua vida».

Um telegrama do coronel Helder Ribeiro ao general Humberto Delgado

Os serviços de propaganda da Candidatura do sr. general Humberto Delgado comunicam-nos cópia do seguinte telegrama que o antigo ministro coronel Helder Ribeiro dirigiu àquele candidato:

«Efusivas saudações vossas desassombradas e nobilíssimas afirmações pró-dignificação do povo português e instituições republicanas. Ardentes votos triunfo causa que tão viril e galhardamente personificais. Cumprimentos de velha simpatia».

Reunião em Évora de elementos republicanos

EVORA, 10. (Pelo telefone). — Antigos elementos do Partido Republicano Português, que em Évora não está organizado, vão reunir-se esta noite para tomar deliberações sobre o próximo acto eleitoral. Segundo se prevê, será organizada em Évora uma secretaria com um serviço de informações sobre a candidatura à presidência da República dos srs. general Humberto Delgado e dr. Arlindo Vi-

Um comunicado da União Nacional sobre a carta do Dr. Arlindo Vicente ao Almirante Américo Tomás

Dos Serviços de Imprensa da União Nacional recebemos a seguinte informação:

«O sr. dr. Arlindo Vicente, candidato opositorista às próximas eleições presidenciais, enviou à Imprensa uma carta que diz ter dirigido ao sr. contra-almirante Américo Tomás, candidato da União Nacional às mesmas eleições, uma carta que parece pretender esclarecê-lo acerca das dimensões que deverão ter as listas a utilizar no sufrágio e quais as características do papel em que se imprimam.

O certo, porém, é que a referida carta não chegou ao seu destino até hoje, dia 10 de Maio.

Todavia, segundo o que foi publicado na Imprensa, o sr. dr. Arlindo Vicente afirma que existem «muitas dezenas e até centenas de variações de tons de cor branca, em grande parte perfeitamente distinguíveis, com um simples golpe de vista e por qualquer pessoa». E roga que o sr. contra-almirante Américo Tomás «se digna, em homenagem à sua própria dignidade», obstar a que seja possível (entendemos) usar de tão grosseiro artifício para comprometer o «sigilo de voto», que é (esclarece ainda) «condição importante de umas eleições — particularmente nas circunstâncias em que vivemos desde há 32 anos».

Não se vê que fosse necessário usar de tão prolixos circunlóquios e variações, ainda para mais evitados de tão manifesta impropriedade terminológica, para reclamar simplesmente que as listas de todos os candidatos fossem impressas no mesmo papel. E ainda menos se descortina a necessidade de invocar a própria dignidade do sr. contra-almirante Américo Tomás para assentar um ponto meramente técnico.

Mas vem muito gostosamente a União Nacional informar o eleitorado de que abriu concurso entre várias firmas para o fornecimento do papel destinado às listas, pon-do como condição que ela possa fornecer papel idêntico aos outros candidatos na quantidade que eles julgarem suficiente.

Logo que chegue à conclusão de qual a firma apta a garantir esse fornecimento, comunicá-lo-á publicamente, indicando o tipo exacto do papel escolhido, de que poderá fornecer amostras às comissões das candidaturas de oposição.

Parece, assim, que os receios do sr. dr. Arlindo Vicente ficam desde já sem razão de ser, e que a «cor branca» a adoptar em todas as listas será de uma e só uma «variação de tom», isto é, com a mínima interferência de qualquer tom preponderante, amarelo, azul, cinzento, etc., como diria qualquer pintor, mesmo que não se candidatasse à Presidência da República.

Mais tarde recebemos, da mesma origem, a seguinte informação complementar:

«Em aditamento a anterior informação declara-se que a carta do sr. dr. Arlindo Vicente, dirigida ao sr. contra-almirante Américo Tomás e ao cuidado da Comissão Central da União Nacional, apenas chegou à sede deste organismo político às 11 e 35 horas de hoje, dia 10 de Maio».

adoro a minha
esferográfica
Reynolds
porque escreve
melhor!



Todos os modelos
são equipados com
a famosa tinta
«DRY SEC»
única no Mundo!
(em preto, azul
e encarnado)

Reynolds

...é melhor!

Representantes exclusivos:

C. LOUSADA, L. DA
AV. ALMIRANTE REIS, 89-F, 5.º
TELEF. 4 59 88 - 73 09 69 - LISBOA

Lisboa

Recife

Rio de Janeiro

São Paulo

Montevideo

Buenos Aires

«SUPERSUIÇO»
para a

AMÉRICA DO SUL

em
DC-7C «SEVEN SEAS» equipados com radar

2 voos semanais com
Primeira classe
Cama
Classe turística

ALTA QUALIDADE SUÍÇA EM TODO O MUNDO

SWISSAIR

Consulte o seu agente habitual ou os nossos serviços na Av. da Liberdade, 158-A—Telf. 367492-93

De ontem para hoje

A LAVOURA E A TÉCNICA

SOMOS metade lavradores, outra metade comerciantes e viajadores do sonho e da aventura. Mas esses cinquenta por cento da população portuguesa ficaram esquecidos na sua terra, entregues a uma carência económica tão ingrata como o destino dos homens que se lhe votam. Lavramos como há milénios. E o ingresso no tempo será lento, porque ao homem falta cultura para entender a sua integração. Para que esta se faça, porém, o Governo tem o dever de agir. E agir, da forma que julgou conveniente, para intensificar a assistência técnica à lavoura. Foram nomeados os directores dos serviços (eng. Aurélio Marques Pereira e João Pessoa Lopes) e o vice-presidente (Honório Marques da Cunha) da Junta de Investigações Agrícolas.

APRENDIZ DE FEITICEIRO

FORA fazer o tratamento (sofrera há dias de azar) e de passagem entrara na taberna, para falar aos amigos. A certa altura perguntou se não havia música e o dono da casa (Manuel Esteves, na Rua Presidente Arraia) respondeu que o aparelho estava avariado. «Pois, eu o arranjo!» E, subindo a um banco, ligou o aparelho à corrente. Nesse momento, alguma coisa de pânico se passou. O Rogerio dos Santos (Rua Maria Pia, 30) que era pintor naval e se julgava competente para consertar telefones, caiu prostrado para nunca mais se erguer. Deixa viúva e uma menina de 8 anos.

JOGOS DE AZAR E FORTUNA

A lei permite que se jogue (jogo de azar ou fortuna) no Estoril, Funchal, Espinho, Flucra, e Fátima. O plano para a entrega de propostas, respeitantes à adjudicação da concessão, terminou ontem e a Póvoa ficou sem quem por ela quisesse interessar-se. Os interesses materiais da terra poderão queixar-se. A moral dos homens talvez não esteja em coincidência. Assim pudessem eliminar-se por vontade própria ou alheia todos os outros espalhados por essa Lisboa notívaga, onde se perdem noites jogando os jogos do azar ou da fortuna, mesmo fora da lei e da licença.

NO SEU LUGAR

QUANDO da sua visita ao país vizinho, a Frente de Juventudes de Espanha ofereceu ao sr. general Craveiro Lopes um bronze representando um jovem da organização. A oferta, pelo seu simbolismo, tinha algo de muito particular e perigoso. O sr. Presidente da República se apressou a traduzir. Por sua decisão de agora, a oferta foi entregue à Mocidade Portuguesa. Ficará pertença do seu museu e, por certo, assinalada como um gesto digno de ser lembrado.

MALEFÍCIOS DO VOUGA

O Vouga está assoreado e sofre os prejuízos das descargas químicas das fábricas que lhe ficam a montante. Tamanhos males não podem deixar, portanto, de prejudicar as gentes das suas margens. Queixam-se os homens da perda dos pastos, da doença e morte de peixes e animais domésticos, perguntando-se com ar reclamante, quando será que outros homens se dignam acalhar o seu prejuízo. Todos os anos em face da causa, recrudescem o efeito. E se é certo que a indústria carece protecção, não será justo que outros que lhe são estranhos sofram o peso das suas conveniências.

JORNAL PEQUENO

NO livro de cumprimentos ao Chefe do Estado, inscreveram-se o dr. Joaquim Romão Duarte, Julio Barro da Cunha e José Luis da Silva Martins. * O Presidente do Conselho trabalhou com o ministro da Marinha. * O ministro do Ultramar que está em visita particular a Paris, chegou àquela capital, donde regressará depois de amanhã. * Esteve em visita a algumas dependências do Ministério da Economia da Lamego, o subsecretário da Agricultura, eng. Vitoria Pires. * O antigo embaixador de Portugal no Rio, prof. Martinho Nobre de Melo, partiu para aquela capital em viagem profissional. * Está em Lisboa o general Rojas Pinilla, ex-presidente da República da Colômbia. * Voltou a reunir-se a comissão de reforma fiscal que tratou, especialmente, da contribuição predial e do imposto sobre a aplicação de capitais. * Passou por Lisboa, em missão militar, o marechal do ar us. Richard Acherly, comandante-chefe do Comando de Treino da R. A. F. que apresentou cumprimentos ao director-geral da Aeronáutica Civil, general Humberto Delgado. * Tomaram posse as duas novas assistentes dos Serviços Farmacêuticos do H. C. L. * O cardeal-arcebispo de Sidney, que está em Lisboa, visitou o Presidente do Conselho e o cardeal-patriarca de Lisboa.

Boletim político

(Continuação da 1.ª página)

dicionado, pensam os Portugueses que é não apenas oportuno mas que o impõe a mais elementar ética política. Este debate não pode ter, como no resto do mundo ocidental, o significado de um confronto de opiniões numa fase da vida nacional em que a divergência está equiparada à heresia. Mas ninguém, certamente, negará que se há vantagem em lhe dar, pelo menos, o conteúdo consentido de um balanço periódico que permita ao País avaliar o valor real da sua caminhada nos últimos sete anos.

Decretar com antecipação que ele não tem sentido para oito milhões de indivíduos, habitualmente privados de direitos cívicos, como

EVITE

O ESGOTAMENTO

CONSULTE O SEU MÉDICO

E RECORRA AO

Fosforo Ferrero

A VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS

estes são entendidos nas sociedades orientais, é ignorar as suas aspirações legítimas e prolongar, em nome do oportunismo claudicante, um equívoco de lamentáveis consequências. Nos termos constitucionais, o Chefe do Estado — Presidente da República — tem uma alta missão, qual se não confina ao cumprimento automático de um ritual supérfluo. Se é essa a tarefa exclusiva que a U. N. lhe atribui automaticamente, insiste numa indiscutível contradição.

Nai, ao menos, o candidato da União Nacional cumprir a Constituição nas obrigações que derivam da sua letra e do seu espírito? Se não, o País encontra-se numa situação completamente diferente daquela em que viveu nos últimos trinta anos, para os quais, ao mesmo tempo, o comunicado promete uma continuidade inabalável. E não é isso, por certo, que a União Nacional deseja, pois essa continuidade constitui no seu olhar o único título de recomendação para solicitar os sufrágios do eleitorado. Cumprir a Constituição — na sua letra e no seu espírito — seria pôr em execução as disposições desse estatuto político, sem exclusão do seu artigo 8.º. Sofismar esse cumprimento é prosseguir num imobilismo que faz das nossas instituições, tal como na prática se cumprem os preceitos constitucionais, não um exemplo mas um anacronismo.

Visitou Viseu o ministro das Obras Públicas

VEISEU, 10. (Pelo telefone). — O sr. eng. Arantes e Oliveira veio hoje a esta cidade, acompanhado do subsecretário do Comércio e Indústria e dos directores-gerais de Urbanização e dos Monumentos Nacionais. No limite do distrito, apresentaram-lhe cumprimentos o governador civil, presidente do Município e outras individualidades locais.

Aqueles membros do Governo visitaram um trecho da estrada de circunvalação do extremo oriental da Avenida Infante D. Henrique e Hospital da Misericórdia local, onde os srs. engs. Hengracina Carrilho e Santos Beirão, respectivamente provedor e vice-reitor lhe deram todos os esclarecimentos acerca das obras ali em curso. Seguidamente, o bapo de Viseu, D. José da Cruz, e o bispo-auxiliar, D. João Crisóstomo, receberam os visitantes no edifício do velho Seminário, que está agora a ser restaurado e ampliado, com a comparticipação do Estado.

Os membros do Governo almoçaram na nova estalagem desta cidade e, depois de visitarem o novo parque, o edifício da Caixa-Geral de Depósitos, o da chamada Casa Amarela, onde ficará instalada a biblioteca pública, o arquivo distrital e a Escola Comercial, seguiram para Lamego, de onde amanhã, o sr. ministro das Obras Públicas virá a S. Pedro do Sul, onde presidirá à inauguração de importantes melhoramentos, na companhia do subsecretário da Assistência.



Assim, tão simples e graciosa, nunca fora vista: a princesa Margarida, já está de regresso a Londres, depois da sua viagem de três semanas à Federação das Indústrias Ocidentais e às Honduras. Esta imagem engraçada foi colhida, precisamente, quando a irmã da rainha de Inglaterra, acompanhada de alguns amigos, passava em Belém (capital das Honduras Britânicas) e o seu sorriso bonito e o seu escharme de mulher.

A bordo do «Moçambique» os rotários portugueses trataram hoje de criar uma Fundação para a juventude escolar e da permuta internacional de jovens

A bordo do paquete «Moçambique», da Companhia Nacional de Navegação, atracado ao cais da Estação Marítima de Alcantara, portugueses, a criar, com a sua sede na cidade de Coimbra, e cujo objectivo principal será «prestar ajuda a estudantes, concedendo-lhes subsídios, bolsas ou outros auxílios, com o fim de permitir a sua formação científica, literária, artística e profissional», podendo acessorariamente «promover a permuta de estudantes portugueses e estrangeiros».

A actividade da Fundação regular-se por anos que terão início em 1 de Julho e termo em 30 de Junho, compreendendo ao conselho de administração, que reunirá, pelo menos, uma vez por trimestre: fixar as condições gerais em que a Comissão Executiva procederá à atribuição de subsídios e as demais regras da competência da mesma; decidir sobre a criação das Agências do Distrito Rotário e estabelecer as normas por que deverão reger-se; aprovar o orçamento da receita e despesa do futuro ano, assim como as contas da gerência do anterior — documentos estes cuja organização é encargo da Comissão Executiva, promover o estágio de estudantes portugueses no estrangeiro, simplesmente, ou em regime de reciprocidade, e apresentar à Conferência do Distrito, anualmente, um relatório sobre as actividades da Fundação.

Os subsídios serão concedidos aos estudantes que tenham frequentado, frequentemente ou não frequentado, cursos professados em qualquer estabelecimento oficial de ensino, secundário, médio ou superior, em Portugal, ou noutros países, e poderão ser constituídos: por bolsas de estudos, pagamento de propinas ou outras despesas de matrícula; pelo fornecimento de material didáctico; pelo pagamento de despesas de transporte; e pelo pagamento de despesas de alimentação.

O conde de Caria, depois de explicar quais são as receitas previstas para criar e manter a Fundação, apelou para a contribuição de todos os rotários portugueses, dentro das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

«O que interessa aliás, é o resultado prático de, com o esforço de todos os rotários, e nas propriedades das respectivas posses, concluindo por estas palavras:

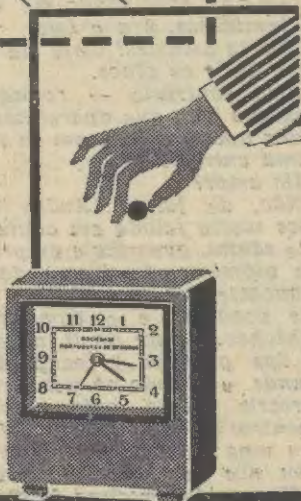
«O que interessa aliás, é o

QUER ASSEGURAR O FUTURO DOS SEUS?

Deite diariamente uma moeda no Relógio Mealheiro, pois sem ela não funcionará.



Com as moedas assim amalhadas, poderá, sem dar por isso, realizar a importância do prémio para um seguro de vida, na SOCIEDADE PORTUGUESA DE SEGUROS, garantindo o seu futuro e o dos seus filhos.



CONSULTE:

SOCIEDADE PORTUGUESA DE SEGUROS
R. da Madalena, 36 - Lisboa ou os seus Agentes em todo o País e Ultramar

Companhia Nacional de Navegação

Paquete «INDIA»

Saída em 31 de Maio

para: Leixões, Luanda, Lobito e Moçamedes

RECEBE PASSAGEIROS, CARGA GERAL E DE FRIGORÍFICO

Escalará Lisboa no regresso de Leixões para embarque dos Srs. Passageiros

Chama-se a atenção dos Srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagem.

A bagagem de porão dos Srs. Passageiros embarca obrigatoriamente no Cais da Fundação. Na Estação Marítima não serão recebidos quaisquer volumes de porão.

LISBOA: Rua do Comércio, 79 e 85 — Telef. 23021 a 23026

PORTO: Rua Infante D. Henrique, 63 — Telef. 22438 e 22439

DESASTRE MORTAL

em Angola

LOBITO, 10 — Vítima de um acidente de automóvel, na estrada de Benguela, faleceu a sr. D. Maria Helena Almeida Pombares, de 39 anos, natural de Malange, casada com o sr. António Santos Pombares, guarda-livros. Deixa 6 filhos menores. — (L.)

FÁTIMA

EM LUXUOSOS AUTOCARROS

DIAS 12 e 13 DE MAIO

Informações e inscrições:

Rua Jardim do Regedor, 35

Telefones 30971 e 30972

Sr. AUTOMOBILISTA
SE QUERE REALIZAR CAPITAL EM UMA HORA
consulte a EMPRESA PREDIAL
NORTENHA
COLHAM REFERENCIAS
NO PORTO: Praça D. João I, 23-25 Telef. 28700-2081-3103
EM LISBOA: Praça da Alegria, 20-21 Telef. 37313-204010-246721

Inglês

Pequenos grupos para adultos começam agora. Professor da nacionalidade, formado pela Universidade. T. 44748

FÁTIMA

12 e 13 de Maio

Luxuosos e cómodos Autocarros

Inscrições:

RUA DA GLORIA, 43—Telef. 20263

Coronel

Afonso Eurico Ribeiro Cazaes

MISSA DO 1.º ANIVERSARIO

Seu filho, nora e família participam que será celebrada missa por seu eterno descanso, segunda-feira, dia 12, ao meio-dia, na Igreja de S. Domingos, agradecendo a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

NOVAS IDEIAS para o conforto do lar

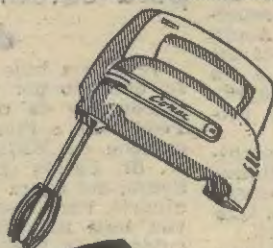


ASPIRADOR
a moderna vassoura eléctrica suíça, de múltiplas aplicações.



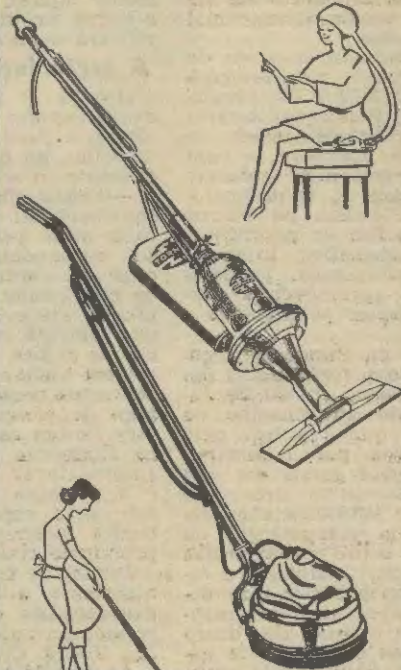
MULTI-RAS

a primeira máquina de barbear com cabeça de corte triplice combinado. Concepção alemã, construção suíça.



Conex

a mão direita da dona de casa. Moderna betedeira eléctrica.



ENCERADORA

especialmente concebida para trabalhar com cera em pó. Fácil de manejar e de grande rendimento.

A venda nos bons estabelecimentos de utilidades domésticas e artigos eléctricos.

Distribuidores: SOCOEM — Soc. Comercial de Máquinas, Lda.

Praça das Águas Livres, 5 e Lisboa • Telefone 686539



COMANDANTE

Ribeiro Cazaes

Ao passar o 1.º aniversário da sua morte, sua mulher e mais família, mandam celebrar missa pelo eterno descanso da sua alma, domingo dia 11, às 13 horas, na Basílica da Estrela.

Agradecendo a todos que se associem a este piedoso acto, sua mulher não esquece as provas de estima que lhe dispensaram em tão doloroso transe da sua vida.

A todos por este meio se dirige destacando-se especialmente a família militar.



Coronel

Afonso Eurico Ribeiro Cazaes

MISSA DO 1.º ANIVERSARIO

Seu filho, nora e família participam que será celebrada missa por seu eterno descanso, segunda-feira, dia 12, ao meio-dia, na Igreja de S. Domingos, agradecendo a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

A Elegância...

REVELA-SE NOS MAIS PEQUENOS PORMENORES...



Nice W.C.

4,50

NOS TONS DA MODA: ROSA, AZUL, VERDE E AMARELO

O MODERNO PAPEL HIGIÉNICO PARA AS MODERNAS CASAS DE BANHO

UM PRODUTO DA CASA VELUDO

Vida mundana

DR. ARTUR PINA

Em viagem de estudo, partiu, acompanhado de sua esposa, para a Alemanha, Suíça e França, o Dr. Artur Pina, oftalmologista do Instituto Português de Oncologia, que vai tomar parte na reunião da Sociedade Francesa de Oftalmologia, em Paris.

DE VIAGEM

Partiu para Lourenço Marques o administrador da Moçacor, sr. José Cohen, acompanhado dos funcionários da Sacor, srs. Fernando Ramos, director comercial, e Rui Henriques.

Festa na Covilhã

para celebrar o triunfo no «Nacional» da II Divisão

Os Covilhanenses prepararam-se para amanhã festejar a vitória do seu Sporting no Campeonato Nacional da 2.ª Divisão e, consequentemente, o regresso à 1.ª Divisão. Após o encontro com o Boavista, respeitante ao torneio oficial, haverá uma autêntica edição carnavalesca no campo Santos Pinto; e à noite, marchas luminosas pelas ruas da cidade, além de um banquete de confraternização em que participará o Boavista.

FEIRAS E MERCADOS

A Feira de São João, em Évora

EVORA, 10.—(Pelo telefone) — O Município que, nos últimos anos, tem procurado valorizar a tradicional Feira de São João, a qual aqui se realiza de 24 a 29 de Junho, começou já os trabalhos de decoração e iluminação do Rossio de São Brás.

Os Ministérios da Economia e da Agricultura terão ali excelentes pavilhões e vários «ranchos» folclóricos exibirão na feira, que, este ano, reunirá muitos outros atractivos.

Riscos na Areia

(Continuação da página central)

nam. Lá vão as empresas de viagens alterar as tarifas. Se o percurso aumenta, os bilhetes têm de subir.

— Vejo que estás bem informada.

— Sei tudo o que se passa na Terra. Tenho imensos correspondentes, que falam comigo todas as noites.

— Os poetas?

— Não, esses mudaram de musa ou de língua, porque deixei de os entender. Compreendo melhor os cães.

— Só te ladram

— Enganas-te. Quem os vê, supõe que me insultam, mas na verdade namoram-me. Dizem-me coisas deliciosas, em prosa e verso.

— Estiveste quase a ser visitada por um, ou melhor, por uma: a Laila.

— Não, ainda faltou muito. Mas confesso que tive imenso dó da cadelinha, sacrificada à insaciável curiosidade de uns homens que, quanto mais aprendem, mais verificam que não sabem nada. Valerá a pena exterminar um inocente ser canino, ou mesmo um sanguinário ser humano, para ficar sabendo alguma coisa de novo sobre o comportamento dos astros, quando afinal o homem, por mais que sacrifique milhões de criaturas, nunca logrará saber sobre os astros esta coisa tão simples para quem os fez: a sua origem e destino?

— Em todo o caso, eu curvo-me ante a funesta e fecunda curiosidade com que a Natureza nos dotou: funesta porque dá lugar a tantos e tão cruéis morticínios e fecunda porque, ao fim e ao cabo, a ela se deve tudo quanto a Humanidade já con-

quistou nos domínios da ciência e da civilização. Olha: também te quiseram mandar um rato!

— Bem sei. Mas a montanha explodiu.

— Não te incomodam, portanto, os foguetões?

— De modo algum! São brincadeiras de crianças para uso dos pequenos dos liceus. Não vê a quantidade de miúdos que por toda a parte inventam e reben-tam «sputniks»?

— Em todo o caso há quem pense seriamente em chegar-te ao pélo. Um general americano propôs nada menos que a exploração de uma bomba atómica na tua cutis.

— Pois sim. Mas também outro general (este merece que lhe ponha o nome), o general Doolittle, depondo perante a Câmara dos Representantes, lembrou que os cientistas admitem que o foguetão, ao atingir a Lua, com ou sem passageiros, pode transportar os micróbios terrestres para o satélite do vosso planeta. E, possuído dum sentimento humano que me enterneceu até às lágrimas, rematou assim as suas conclusões: «Não devemos, pois, contaminar a Lua!»

— E' bonito!

— Sublime, palavra de honra! Que cumulo de delicadeza! Nem parece de um cabo de guerra!

Como eram horas de fechar a entrevista, dirigi à Lua uma última pergunta — a pergunta sacramental de todos os locutores da nossa rádio:

— Se não fosses o que és, que gostarias tu de ser?

Ela sorriu, no seu sorriso amarelo:

— Queres que te diga?

— Decerto...

— Gostava de ser picareta, para fazer parte de uma chuva que vocês, homens da Terra, an-

dam há imenso tempo a pedir.

Embora achasse pouco delicada a resposta, julguei do meu dever retribuir-lha com um madrigal. Disse-lhe assim, em verso:

Ó Lua, astro divino e merencório,
Tanta vez penso em ti,
Desde que te vi

poisada sobre a flecha do zimbório,
Com um ponto no i!

E quando ela voltou costas, rematei, em prosa:

— Por ti, de tudo sou capaz, até de publicar este poema, que, segundo verás, pela forma e pelo tema, outra coisa não é que um plágio de Musset.

E depois acordei.

MAIS DE 40 ANOS

empregado do Liceu Pedro Nunes

No ginásio do Liceu Pedro Nunes vai ser esta noite homenageado o antigo continuado José Alberto Paiva que atinge o limite de idade após mais de quarenta anos em que ali foi estimado por sucessivas gerações. Da homenagem prestada de acordo com a direcção escolar, faz parte a exibição do conjunto recreativo do liceu, em trechos teatrais e folclóricos, esperando-se a comparencia de muitos antigos alunos que conheceram o probo funcionário.

Baile dos Engenheiros

Realiza-se hoje, no Instituto Superior Técnico, o tradicional baile dos novos engenheiros, sendo apresentadas orquestras napolitana de Vincent Corvasce, que se estreia em Portugal, a italiana de Paolo Ormi e portuguesas as de Helder Martins, Sousa Pinto e Rittmos e Melodias. A ceia é fornecida pelo Hotel Embaixador.

NAVIOS FRANCESES

Com rumo ao Mediterrâneo, largaram hoje do Tejo as vedetas rápidas R. 758 e R. 759 da Marinha de Guerra francesa, que há dias estavam no Tejo.

V. ESPERA A IRREMEDIÁVEL CALVÍCIE?

Não aguarde que seu bolbo capilar se atrofie definitivamente; procure revitalizá-lo enquanto é possível. Se o não fizer a tempo, resta-lhe a calvície, ainda hoje considerada incurável. Agora, V. tem ao seu dispor um método racional para evitar a perda do cabelo, que além de lhe

criar vários complexos, ainda lhe empresta um aspecto de mais idade. Se ainda existem sinais de vida capilar, não hesite; abandone métodos antigos que mostraram já sua ineficácia. Sabe-se que as zonas do crânio mais afectadas pela calvície, são: parte posterior e anterior; ao passo que as temporais e a nuca raramente são atingidas. Estas observações, aliadas a experiências efectuadas levaram a crer certos investigadores que existia uma zona «desnutrida», em parte devida a menor irrigação sanguínea, ligada quase sempre a um desequilíbrio das glândulas sebáceas e respectivo enfraquecimento de produção de elementos queratinizados vitais. Baseado nesta teoria, um dermatologista americano concebeu a fórmula que aparece agora no nosso mercado sob a designação de CALVORMON. CALVORMON compensa esta «desnutrição» fornecendo ao bolbo capilar elementos nutritivos indispensáveis à vida do cabelo. Nos «tests» de laboratório efectuados, verificou-se que procedendo a uma massagem diária de 3/4 minutos, seguida de uma aplicação de CALVORMON, 83% dos casos obtiveram resultados espectaculares — a queda do cabelo foi detida e a caspa eliminada na 1.ª semana de uso. Com a continuação e persistência de aplicação V. notará que seus cabelos finos e quebradiços se tornarão pouco a pouco sedosos e fortes. Antes de adquirir CALVORMON, note, que se pensa aplicá-lo de «tempos a tempos» ou «quando se lembrar» é preferível que não o faça: o prejuízo será mutuo. V. não conseguirá resultados satisfatórios, lamentará o dinheiro-gasto e será um detractor do produto. Se tem vontade de salvar e manter o seu cabelo compre e use CALVORMON. Seguindo as instruções a risco notará seus efeitos extraordinários.

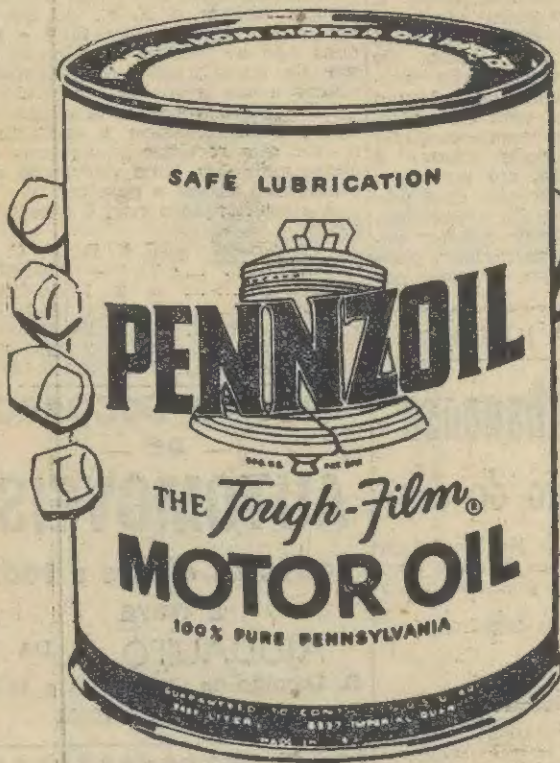
Por unidade 50\$00 — Para cabelos secos n.º 1 — Cabelos oleosos n.º 2. Encontra-o já à venda nas boas casas da Baixa, como por ex.: Pires Tavares, R. 1.ª de Dezembro, 120, e R. Jardim Regedor, 10 — Drograria Central, R. da Prata, 192 — Alvarez & C., Irmão, R. da Prata, 221-5 — Farmácia Teixeira Lopes, R. do Ouro, 154 — Costa & Conde, R. da Prata, 175-177. Distribuidores para o Sul: J. da Silva Pires, Ld., R. da Glória, 76-78.



Calvormon

O SEGURO DOS SEUS CABELÓS

TODOS PREFEREM O ÓLEO PENNZOIL



- ★ AUMENTA A FORÇA DO MOTOR
- ★ DIMINUI O CONSUMO DE COMBUSTIVEL
- ★ MELHORA AS ACELERAÇÕES
- ★ REDUZ O CONSUMO DE ÓLEO
- ★ ELIMINA RUÍDOS DE VÁLVULAS
- ★ CONSERVA OS MOTORES LIMPOS

Agentes Gerais: A. Contreras, Lda, Rua Rodrigues Sampaio, 142 a 150 — LISBOA
Subagentes no Norte: Electro Central Vulcanizadora, Lda, Praça D. João I, 28 — PORTO

DESSPORTOS

AS MEIAS-FINAIS DA TAÇA

A hipótese de dois empates nos desafios de amanhã não está afastada...

A «Taça» passa amanhã por uma das suas fases mais importantes, e nem o facto de haver uma segunda edição da meia-final subtrai interesse pelos dois jogos, em Alvalade e no Barreiro. O primeiro encontro aparece-nos sob a antecipação de uma final. Sim sob determinados aspectos, e em consideração aos lugares que ambos obtiveram no «Nacional», o Sporting-F. C. Porto será uma verdadeira final. Por isso, as duas turmas encaram o jogo com atenções muito especiais, haja em vista o estágio dos Nortenhos no Estoril desde alguns dias. (É evidente que o Benfica não deixará de ditar uma palavra importante).

A eliminatória Barreirense-Benfica já não possui os atractivos da que opõe «leões» e «portistas», conquanto o desejo de conhecer até onde vai a capacidade do grupo da margem Sul seja, de certo modo, um motivo de interesse.

Com este intróito, já o leitor deduziu que, realmente, os dois encontros da «Taça», ou não pertençam a uma meia-final, que se realizam amanhã, são:

Sporting-F. C. Porto
Barreirense-Benfica

O jogo de Alvalade deverá cha-

mar ao monumental recinto uma das maiores assistências de sempre. A não ser que o mau tempo contrarie o prognóstico... O Sporting não esquecerá que tem de ir ao Porto no domingo seguinte, e que é preciso garantir na primeira «mão» um resultado que inspire determinado conforto. A falta de Julius, impedido de jogar até ao final da época, sentir-se-á certamente no conjunto dos campeões, mas estes dispõem de um lote de elementos aptos a sugerir diversas combinações, sem risco de maior. O F. C. Porto terá, talvez, uma preocupação de mais fácil concretização: assegurar um resultado quanto possível equilibrado. Agora, sob a orientação de Otto Bumbell, os Portuenses definirão as suas possibilidades actuais.

Prognosticamos um triunfo dos donos da casa, embora por diferença mínima — não estando afastada a hipótese de empate. Quer dizer, as possibilidades do F. C. do Porto são sérias.

* * *

O Benfica, no que respeita a capacidade física dos seus jogadores, atravessa dificuldades: algumas pedras fundamentais encontram-se



Depois de tantos «arranjinhos»...
Tinha piada! Tinha até um piadão!!!

lesionados. O Barreirense, que está a fazer figura muito interessante nesta «Taça», actuará no seu ambiente, sempre vibrante e perturbador. Mas os «encarnados», globalmente, já provaram de sobejo formar uma equipa mais categorizada. E «a priori» considera-se que eles vencerão. Nós, no entanto, não nos arriscamos a ir tão longe... Quem sabe! Talvez um empate...

Arcanjo jogará amanhã

Depois de ter sido ontem sujeito a minucioso exame cardiológico, no Centro de Medicina Desportiva do Porto, Miguel Arcanjo, foi considerado em condições de continuar a praticar o futebol, jogando, portanto, amanhã, contra o Sporting.

3.ª DIVISÃO NACIONAL

Em Sacavém e em Aveiro dois jogos de muito interesse

A segunda fase do campeonato nacional da 3.ª Divisão prossegue amanhã, com os encontros correspondentes à 2.ª jornada. Embora ela não seja demorada é, ainda, bastante cedo para que possa negar-se interesse ao desenrolar da competição. Daí a «ronda» de amanhã ser aguardada com a maior expectativa.

Vejam os quais os jogos marcados:

Acad. Porto-Spt. Fafe
Beira Mar-Oliveirense
Acad. Viseu-C. Branco
Naval-U. Coimbra
Sacavenense-Olivais
Sintrenses-Vila-franquense
Santabense-Silves
Elvas-Campo-maiorense

Ao contrário do que sucedeu há oito dias avultam os desafios entre equipas que já se conhecem da fase anterior da prova.

Assim, na Zona A, o Académico do Porto e o Beira Mar, ambos vencedores de séries, recebem os 2.º classificados das mesmas séries. Por isso e porque são visitados podem merecer favoritismo. São dois bons jogos em perspectiva os desta Zona. No Porto, jogam os vencidos de há oito dias e, em Aveiro, os dois vencedores.

Na Zona B, o Académico de Viseu e a Naval 1.º de Maio, que foram 2.º classificados nas suas séries, são visitados pelos vencedores das mesmas séries. Se os Viseenses e os Figueirense vencerem ficarão todos os grupos em igualdade. Os vaticínios são muito difíceis.

Na Zona C defrontam-se equipas que pertenceram a séries diferentes. O jogo de Sacavém tem mais interesse, porque põe frente a frente duas equipas que há oito dias venceram. Talvez o Sacavenense leve a melhor.

Na Zona D, as equipas já se conhecem. O jogo de S. Brás de Alportel tem muito interesse porque as duas equipas terminaram a «outra» anterior em igualdade, o que reflecte equilíbrio que será, por certo, a característica do jogo de amanhã. O Elvas é favorito do seu jogo contra o Campo-maiorense.

Na AMADORA o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» vendem-se na Tabacaria Dina.

2.ª DIVISÃO NACIONAL

O problema do 2.º lugar pode ficar amanhã arrumado...

Mais duas jornadas e ficará concluído o campeonato nacional da 2.ª Divisão. A de amanhã é, portanto, a penúltima, já sem o interesse de ajudar a desvendar o mistério que pairou sobre o vencedor — que o Sporting da Covilhã sagrou-se campeão com boa antecipação sobre o termo do despique — mas, inegavelmente, com outro bom atractivo: o poder deixar ficar «arrumado» o problema do segundo lugar, posição que tem atrás de si mais umas quantas esperanças de convívio com os «maiores» do nosso futebol.

A jornada de amanhã engloba os seguintes desafios:

V. Guimarães-Olhansense (2-2)
Covilhã-Boavista (2-0)
Farense-Atlético (2-7)

Entre parêntesis indicam-se os resultados dos desafios da 1.ª volta. Recordemos, mais a pontuação dos seis clubes: Covilhã, 13 p.; Guimarães, 9; Atlético e Olhansense, 7; Farense e Boavista, 6.

Um relance sobre estes elementos que deixamos atrás e logo se tem como mais provável ficar esclarecido o 2.º lugar, do que o contrário. Simplesmente é preciso para tanto que os Vimaransense e os Farense ganhem.

A derrota do Vitória de Guimarães frente ao Boavista, no Porto, há oito dias, embora por demais expressiva, tem atenuantes e, assim, não é suficiente para que não se dê favoritismo aos Vimaransense. Não que os Algarvios não tenham capacidade para impor um resultado que contrarie os vaticínios quase gerais.

O certo é que os Minhotos sentem bem quanto é indispensável para as suas aspirações ganharem este jogo. Isso e o desejo de reabilitação perante o seu público levarão a equipa a empregar-se a fundo e a evitar surpresas. Que a fundo não deixará, também, de se empregar a equipa do Olhansense — com uma réstia de esperança, que o 2.º lugar ainda lhe faz negações...

Creemos, no entanto, que as dúvidas do empate de há cinco semanas ficarão desfeitas a favor dos Minhotos.

O Sporting da Covilhã faz o seu último jogo em casa e sem quaisquer espécies de preocupações. E o jogo mais um pretexto para festejar a conquista do campeonato do que qualquer outra coisa. Os Covilhanenses não quererão acabar a sua carreira em casa de outro modo que não seja com uma vitória. Precisamente essa ausência de preocupações pode ajudar à obtenção do triunfo, até porque o relativo susto de há oito dias não terá sido esquecido. Já o Boavista sente a necessidade de ganhar para não ser último, ou melhor, para deixar de ser último. O mais na-

NACIONAL DE JUNIORES

O Benfica-Olhansense é o «jogo do dia»

O 18.º Campeonato Nacional tem amanhã a sua terceira jornada, com a qual se conclui a primeira volta da segunda fase.

Estão marcados os seguintes encontros:

Leixões-Académica
F. C. do Porto-Tirsense
Benfica-Olhansense
Sporting-Leões

Na zona Norte, o desafio de maior interesse é o Leixões-Académica. A partida adivinha-se equilibrada. O F. C. Porto, por certo prosseguirá na sua carreira de triunfos, que lhe têm permitido encontrar-se á frente da classificação.

Na zona Sul, o jogo Benfica-Olhansense tem honras de jogo do dia. As duas equipas venceram os dois desafios anteriores, de modo que o jogo de amanhã é decisivo para o primeiro lugar. Os Algarvios podem apontar-se como a revelação deste campeonato.

O desafio Sporting-Leões parece destinado a uma vitória fácil dos sportinguistas.

tural é, pois, o Sporting da Covilhã confirmar a vitória da 1.ª volta.

Finalmente, o Farense-Atlético — o jogo que podemos considerar como o de maior expectativa. Embora as duas equipas não possam ter outra aspiração que não seja a de triunfar, o efeito do resultado é que não é para ambas o mesmo. O Atlético está como o V. Guimarães: sem uma vitória pode arriscar-se a comprometer todas as aspirações. Mas já quanto ao Farense, o ganhar ou perder é questão de menos importância. Os Lisboetas sabem, no entanto, muito bem que o desejo de desforra da pesada derrota sofrida na Tapadinha não abandona os Farense e que estes, há oito dias, se deram ao luxo de empatar na Covilhã — repare-se bem!

É de esperar um desafio bem disputado, não repugnando acreditar que o Atlético, cónsco das suas necessidades, saia vencedor. O que não deixa de ser difícil.

O jogo realiza-se em Portimão, por interdição do campo do Farense.

BASQUETEBOL

O título nacional poderá decidir-se esta noite

A quarta jornada da fase final do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, poderá ficar assinalada na história da competição como decisiva para a conquista do título nacional. Isto é, se o Sporting, ao defrontar esta noite o Barreirense, no seu ambiente, conseguir uma vitória, a sua posição de «leader» não só se manterá, mas também se consolidará de forma praticamente definitiva.

Os «leões», já isolados no comando da tabela, lutarão contra uma equipa que não pode depois da derrota sofrida em Coimbra, frente à Académica, sofrer outro revés, sob pena de se ver irremediavelmente afastados do título que ostentam com mérito. A partida desta noite, é de grande interesse e tem carácter decisivo.

A Académica que joga no seu campo, contra o F. C. do Porto, conta com tarefa mais fácil e poderá não só manter o segundo lugar da classificação, mas também vinciar a sua pretensão ao título.

Os «azuis» recebem a visita do Sport Conimbricense e tudo leva a crer que rectificarão as suas últimas exhibições. Uma vitória do Belenense é viável e possível.

A classificação actual é a seguinte:

	J.	V.	D.	F.	C.	P.
SPORTING...	3	3	—	238	157	9
Académica...	3	2	1	116	119	7
Barreirense...	3	2	1	168	115	7
F. C. do Porto...	3	1	2	183	206	5
Belenenses...	3	1	2	136	183	5
Conimbricense...	3	—	3	123	187	3

PRONTO SOCORRO — DE —

AUTOMOVEIS

Todos os dias e a toda a hora

AJUDAUTO, L. DA

R. Damilão de Goes, 18-B a 18-E
a Algés — T. 610051

* PORTO — SPORTING *
* Aproveite para visitar o *
* Solar das Cabanas *
* no Lumiar-Estrada do Desvio *
* (entrada pelo posto de gaso- *
* lina), que fica a 500 metros *
* do estádio de Alvalade e *
* onde tem sempre óptimos *
* almoços e jantares a 25\$00. *
* Bom serviço à lista *
* Parque privativo para auto- *
* móveis — Marque a sua *
* mesa pelo telefone 779878 *



PARA IR LONGE...

REDE X

...O SEU MOTOR

Estações de Serviço REDeX em Portugal Continental e Insular

- | | |
|----------------------------|------------------------------------|
| ABRANTES | — AUTO REPARADORA ABRANTINA |
| CASTELO BRANCO | — J. VALENTE & IRMÃOS, LDA. |
| CERCAL ALENTEJO | — JOSÉ MARQUES DE OLIVEIRA MIM |
| FUNDÃO | — ADRIÃO ANTUNES BARROCAS |
| GUARDA | — MANUEL CONDE & CIA. |
| LEIRIA | Est. Serv. Oficial de A. C. P. |
| ODEMIRA | — JOÃO CAETANO FILIPE |
| OLHÃO | — COELHO BRAGANÇA & LOBO |
| PORTO | — AMÉRICO GUALBERTO MATIAS |
| SANTAREM | — AUTO ALIADOS (A. VIEIRA) |
| | — AUTO PALACE |
| | (Cypriano Flores) |
| SANTIAGO DO CACEM | — BOTELHO & IRMÃOS, LDA. |
| SERPA | — MANUEL DE ALMEIDA |
| SETUBAL | — AUTO AVENIDA |
| SILVES | — AUTO JARDIM, LDA. |
| VIANA DO CASTELO | — Sde. VIENENSE DE PETRÓLEOS |
| VILA REAL DE SANTO ANTONIO | — AUTO AVENIDA ACESSÓRIOS, LDA. |
| LISBOA | — CONDE BARÃO, LDA. |
| | Av. 24 de Julho, 64 |
| LISBOA | — AUTO RALI, LDA. |
| | Rua General Sinel de Cordes, 13-C |
| AÇORES | — A. VIVEIROS |
| MADEIRA | — PONTA DELGADA-S. MIGUEL |
| | — GABRIEL FREITAS GOUVEIA, Funchal |

DESPORTOS

A VOLTA À ESPANHA EM BICICLETA

A etapa de hoje destina-se aos especialistas trepadores

SÓRIA, 10.—Corre-se hoje, entre Sória e Vitória, a décima primeira etapa da Volta à Espanha: 167 quilómetros, para que se prevê a média horária de 35.100 quilómetros, com a saída às 12 e 30 horas e a chegada calculada para as 17 e 25. Trata-se de uma etapa de montanha, com uma longa subida inicial para o «Puerto de Piqueras» (1.710 metros acima do nível do mar) de segunda categoria para o Prémio da Montanha, logo a 40 quilómetros da largada, e outra subida íngreme para o «Puerto de Herrera» (1.109 metros) de primeira categoria, a 30 quilómetros do fim. Entre os dois picos, há uma longa descida de mais de 65 quilómetros, a partir de Piqueras, um troço plano, de 10 quilómetros, e as subidas, primeiro mais suaves, durante 15 quilómetros, e logo muito duras, até ao alto de Herrera. Antes de terminar a etapa, os ciclistas têm a descida de Herrera, nova subida para o «Puerto de Vitória»—que não conta para o Prémio da Montanha—e, finalmente, depois da descida, dois quilómetros de terreno plano, até à meta.

As principais localidades atravessadas são as seguintes: Garray (a 7 quilómetros da largada), Almaraz (a 22), La Poveda de Sória (a 30) iniciando-se aqui a subida mais forte para o Pico de Piqueras (a 40). Entra-se então na provincia de Logroño, atravessando-se sucessivamente Cruce de Lumberreras (53, em plena descida), Prodillo (63, terminando ali a parte mais inclinada da estrada), Cruce de Torrecilla em Cameros (72), Panzares (80) e Cruce de Nalda (91), até se acabar a descida, em Logroño, onde está instalada o «controle» de reabastecimento.

O terreno plano pouco dura. Entra-se na provincia de Alava, encontrando-se em Laguardia (123, já em plena subida) a meta volante. E atravessa-se depois Cruce de Samaniego (128, na mais dura parte da subida e o Pico de Herrera, onde se calcula que os ciclistas cheguem às 16 e 35 horas. Depois desce-se em grande declive até Peñacerrada (140) e Ventas de Armentia (151), onde acaba a descida e se inicia nova escalada para o Pico de Vitória (158) e nova descida até menos de dois quilómetros antes de Vitória.

Já dentro da cidade, os ciclistas

percorrem as suas principais ruas —La Paz, Calvo Sotelo e Coronación, estando a meta instalada na Avenida Ramiro de Maeztu.

Etapa particularmente difícil, poderá ser aproveitada pelos bons trepadores, que terão oportunidade de conseguir largos avanços nas subidas extensas, e pelos mais destemidos a descer, pois encontrarão longos trechos favoráveis.

Antes de terem os Belgas demonstrado que também sabem correr nas montanhas, esta tirada, juntamente com a «Etapa Rainha» de Madrid-Toledo, era considerada «talhada de encomenda» para a equipa espanhola. Hoje já não há demasiadas esperanças quanto à possibilidade da recuperação da Espanha nesta tirada.—(A. N. I.).

MAIS UMA VITÓRIA

do belga Van Looy
etapa de ontem

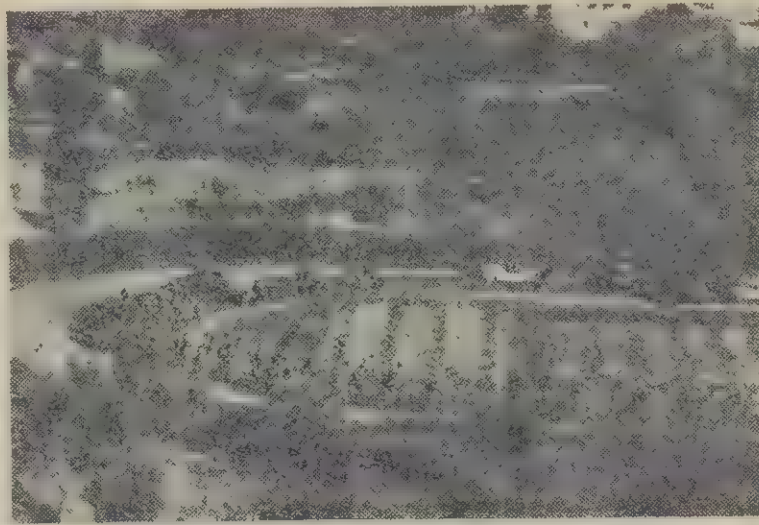
A 10.ª etapa da Volta a Espanha proporcionou mais um triunfo (o quinto) ao belga Van Looy, ao «sprint». De Madrid a Sória, num total de 225 quilómetros, os corredores, apesar de algumas tentativas de fuga, que não resultaram, não tomaram grandes iniciativas, parecendo repousar um pouco do esforço da véspera. A tirada foi ideal para os «roladores». O espanhol Juan Crespo caiu e fracturou uma clavícula, ficando hospitalizado. Alves Barbosa teve um furo, a 60 quilómetros da meta, mas recolheu com facilidade.

Um grupo numeroso disputou a embalagem final. Após de Van Looy, classificaram-se os Belgas Luyten e De Smet, o espanhol Botella, o belga Couvreur, o francês Stabinski e o italiano Fornara, todos com 6 h., 16 m. e 50 s.

Os Portugueses, classificaram-se, respectivamente, em 13.ª, Alves Barbosa; 32.ª, Joaquim Carvalho; 39.ª, Carlos Carvalho; e 47.ª, António Baptista. Apenas Alves Barbosa chegou com o mesmo tempo do vencedor.

NATAÇÃO

O Clube Nacional de Nataçao realiza amanhã, em S. Bento, o festival de abertura da sua época.



A caminho de Tarragona, o pelotão segue unido

Várias provas de amanhã

ACTIVIDADES DA M. P.

Começa amanhã o campeonato de futebol de juniores, da Ala de Lisboa, realizando-se os encontros Colégio Moderno c. Colégio Infante Santo e Escola Agr. D. Dinis c. Pupilos do Exército—ambos no Estádio Nacional (piso duro e relvado), respectivamente, às 9 e 45 e 11 horas.

No ginásio do Liceu Gil Vicente começa amanhã o campeonato de voleibol da Ala de Lisboa, da categoria cadetes. Jogam: Liceu Gil Vicente c. E. A. D. Dinis, às 9 e 30 h., e Liceu Passos Manuel c. Colégio «O Académico», às 10 h.

O campeonato de ténis de mesa (equipas) da Ala de Lisboa tem amanhã a sua última jornada, na mesa da Escola Nuno Gonçalves, jogando Colégio Militar c. Pupilos do Exército, em vanguardistas «A», às 11 h.; C. E. n.º 13 c. C. E. n.º 46, em vanguardistas «B», às 10 e 30 h.; e C. E. n.º 34 c. C. E. n.º 24, em cadetes, às 10 e 30 h.

ATLETISMO

O «Torneio de Aspirantes» da A. A. L. tem amanhã a sua segunda jornada, nas pistas do Estádio «José Alvalade», comportando o programa as provas de 250 metros, 700 m., 800 m., barreiras, 4x80 metros, altura, peso e dardo.

As provas começam às 14 horas, antecedendo o jogo Sporting-F. C. Porto, da «Paça de Portugal».

AUTOMOBILISMO

O «Rallye» de S. João de Deus, entre Lisboa e Setúbal (por Vila Franca de Xira, Porto Alto, Alcochete, Montijo e Pinhal Novo), na distancia de 98 quilómetros, a média horária de 45, realiza-se am-

anhã, com partidas da Rua Brás Pacheco, às 8 horas. Este «rallye» comporta cinco provas complementares: regularidade, arranque, lançamento, regularidade e pericia).

CICLISMO

No Porto, disputam-se amanhã os campeonatos nacionais de fundo, para as categorias de amadores-seniores (200 quilómetros), amadores-juniores (159 quilómetros) e iniciados (104 quilómetros).

DESPORTO CORPORATIVO

Prossegue amanhã o campeonato de futebol da F. N. A. T., distrital de Lisboa, da 2.ª categoria. Estão marcados os encontros: Companhia Carris c. Banco Burnay, em Belém, às 11 e 15 h.; Casino do Estoril c. F. C. Regina, no E. Nacional (treinos), às 11 h.; Banco Espírito Santo c. Lisgás, na Picheleira, às 9 h.

—Na carreira de tiro, de Belém, realiza-se mais uma sessão do campeonato de tiro.

ESGRIMA

No Centro Espanhol realiza-se amanhã, às 9 e 30 horas, a fase final do campeonato nacional de sabre.

FUTEBOL (A. F. L.)

Continuam amanhã as provas que a A. F. L. tem presentemente em curso. Eis o programa:

Camp. da 3.ª Divisão — Linda-a-Velha c. 1.º de Dezembro, Charneca c. Vialonga e Loures c. Ericelense, todos às 16 horas, nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar.

Camp. de Juniores da 2.ª Div. — final — U. Algés c. Sporting, em «Pina Manique», às 10 e 30 h.

Torneio de Principiantes — fase final — U. Vilafranquense c. Benfca, em V. Franca, às 10 h.; e Belenenses c. Sporting, nas Salésias, às 10 e 30 h.

Torneio de Encerramento (jogo atrasado) — Alverca c. Estoril, em Alverca, às 16 h.

Taça «Lisboa» (2.ª mão da 1.ª eliminatória) — Cascalheira-Operário, Vitória-Desp. Olivais, Un. Algés-Bom Sucesso, Mucifalense-Est. Amadora, Cacém-Queluz, Casa Pia A. C.-Sp. Lourel, Ponte de Frielas-Tojal, Alhandra-Santa Iria, Povoense-Odivelas e Caneças-Malveira, o primeiro às 11 horas e os restantes às 16.

HANDEBOL DE 11

Continuam amanhã o campeonato nacional de handebol de 11, de seniores, que fornecerá os seguintes desafios: Oriental c. F. C. Porto, em Marvila, às 10 e 30 h.; Almada c. Vilanovense, no Pragal, às 11 e 30 h.; Salgueiros c. Sporting, no Porto, às 11 h.

Começa amanhã o campeonato nacional de juniores, com os seguintes desafios: Sporting c. E. Vigorosa, em Alvalade, às 9 h.; F. C. Porto c. Benfca, no Porto (Constituição), às 10 horas.

HOQUEI EM CAMPO

Termina amanhã o campeonato lisboeta de hóquei em campo. A jornada comporta os seguintes encontros:

C. F. Benfca c. Estrela Amadora, no campo «F. Lázaro», às 9 e 30 h.; Benfca c. Belenenses, no Campo Grande, às 9 e às 10 e 30 h. (res. e honra).

HOQUEI EM PATINS

Prosseguem amanhã os campeonatos regionais de juniores e principiantes.

VIDA ARTISTICA

Exposição fotográfica

No Palácio Foz, inaugurou-se esta tarde, uma exposição fotográfica designada «Goa vista por Emile Marini». Este certame tem o patrocínio do Ministério do Ultramar.

A exposição «Lisboa vista pelas suas crianças»

EVORA, 10. — No palácio de D. Manuel, inaugurou-se a interessante exposição «Lisboa vista pelas suas crianças», organizada e apresentada na capital pela sr.ª D. Maria Lucia Silva Rosa, directora da revista «Os Nossos Filhos» e aqui repetida, por iniciativa da sr.ª D. Maria José Gamito, directora da Escola Arte e Educação, desta cidade, e o patrocínio da Camara Municipal eborense.

Ao acto inaugural assistiram várias individualidades entre as quais os srs. dr. Vieira da Silva, presidente do Município eborense; a sr.ª D. Maria Lucia da Silva Rosa, directores de vários estabelecimentos de ensino secundário, técnico e primário eborense, etc.

O certame despertou o interesse do publico, que o visitou.

Casas de renda económica

a construir em Abrantes

ABRANTES, 10.—Visitaram esta cidade os delegados da Federação das Caixas de Previdência dr. Pedro de Castro e Almeida e engenheiros Santos Costa e Ricou, que, com o presidente da Camara de Abrantes e o architecto Castro e Ataíde, estudaram o local para as construções que a Federação tenciona levar a efeito nesta cidade, mandando construir 9 habitações do tipo 3, e 9 do tipo 4.

Dadas as facilidades por parte do Município, a referida construção de casas de renda económica deve fazer-se na parte Norte do Parque de Santo António, com vistas para a extrema planície de Alferrade, Vale de Roubam e Santa Margarida, um pouco abaixo do Matadouro Municipal e com acesso pela Avenida Defensores de Chaves.

Trata-se de uma necessidade imperiosa, pois as habitações escasseiam e as poucas existentes, atingem preços incompatíveis para os modestos recursos da classe média.

Oxalá que este assunto, que se arrasta há 2 anos, tenha uma solução imediata, satisfazendo as justas pretensões do funcionalismo e dos oficiais do Exército, os mais directamente atingidos pelas actuais circunstâncias.

MAIS UM CASO

como tantos outros

Numa barraca existente na Azinhaga dos Alfines, vive uma rapariga, de nome Delmira Silva, ainda nova, com o curso comercial, o marido doente há dois anos e um filho de três anos, a quem a sorte parece ter sido madrastra. Vendeu o empenho, para ocorrer à doença do marido. Há três meses que deve a renda da barraca, com uma divisa, pela qual paga 250\$00 por mês. Está ameaçada de ir viver ao ar livre. Empregou-se, no dia 1 do corrente com o ordenado de 450\$00. A sua vida tem sido um autêntico martírio. Hoje, lavada em lágrimas, contou-nos a sua odisséia, pois tem várias contas a pagar. O sr. governador civil deu-lhe 20\$00, para a ajudar.

Exposição sobre Goa nas salas do S. N. I.

Até ao dia 20, com o patrocínio do ministro do Ultramar, estará patente, na sala do Palácio Foz, uma exposição de fotografias sobre Goa, executadas pelo jornalista Emílio Marini, correspondente internacional de jornais de diversos países. A exposição, que vem revelar novos aspectos da provincia portuguesa, se, por um lado, patenteia um dos mais gloriosos padrões da nossa história em prol da civilização, revela, por outro, o interesse que a imprensa estrangeira merece os testemunhos espirituais de um povo—o português—permanentemente consciencioso da sua missão histórica.

VISITA DE ESTUDO

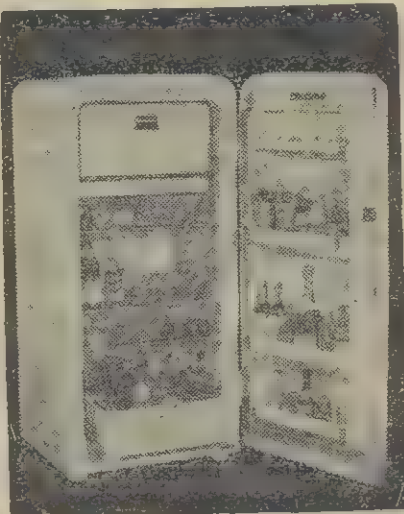
do pessoal

da Fábrica Portugal

O pessoal da Fábrica Portugal e familiares fazem amanhã a sua 77.ª visita de estudo. Em autocarros, cedidos pelo dr. António Luis Gomes, director-geral da Fazenda Publica e presidente do conselho administrativo da Casa de Bragança, pelo conselho de administração daquela fábrica, irão a Vila Viçosa, visitar o palácio ducal, o castelo e o museu.

Kelvinator

PODEROSA E MAIS ANTIGA ORGANIZAÇÃO DE RENOME MUNDIAL DE REFRIGERAÇÃO ELECTRICA PARA O LAR



APRESENTA
o mais surpreendente modelo de

1958

CAPACIDADE: 8,2 pés cubicos = 232 litros

PREÇO SENSACIONAL

ESCUDOS 8.990\$00

CORRENTE 220 V. SEM TRANSFORMADOR

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

Alvo
R. José Falcão, 57-A
Casa José Costa
R. S. Paulo, 11
Construtora Frigoríficos
R. Acácio Faiva, 21
Electro Luminosa, Ld.
R. Alves Torgo, 127-B

Freijota, Ld.
Av. Liberdade, 136-A
Galerias do Rato
Rua S. Filipe Nery, 27
J. E. Moreira
R. Prior Crato, 33
Onda Eléctrica
R. S. Pedro Alcantara, 47

Rádio Moçambique, Ld.
R. Cavaleiros, 72
Sabel
Av. Praia Vitória, 1-B
Soter
Rua 1.ª Maio, 70
Vapredone
R. Vitória, 54

e nas Companhias Reunidas Gás e Electricidade—R. Garrett, 2—R. Boavista, 39

Agentes gerais: A. C. Torres Fernandes — Trav. Carvalho, 37-2.º — Tel. 26021/2, 24535, 20474 — LISBOA



A CLASSE ECONÓMICA DA

Pan American

POUPA-LHE 3.394\$00

DATA: 05

ESTADOS UNIDOS

As novas tarifas reduzidas na classe Económica da Pan American poupam-lhe em relação às tarifas da classe turística 3.394\$00 na sua viagem de ida e volta para os Estados Unidos. Este novo e categorizado serviço pelo mais baixo preço é válido durante todo o ano, e é oferecido em conjunto com o melhor e mais moderno equipamento — os famosos Clippers Super-7 — detentores de vários recordes de velocidade sobre o Atlântico. Pessoal competente e atencioso. Transporte grátis de 20 kg de bagagem, serviço de sanduíches variadas e bebidas não alcoólicas. Utilize a Pan American — a única linha aérea com mais de 70.000 travessias do Atlântico.

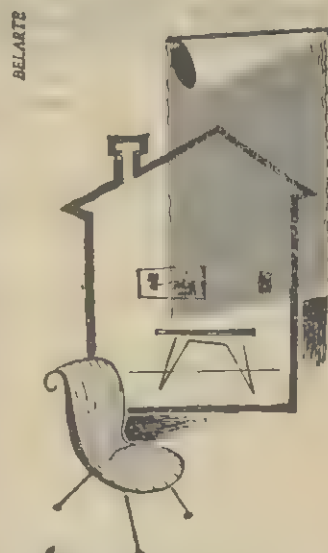
Não perca tempo. Consulte o seu AGENTE DE VIAGENS ou a Pan American Praça dos Restauradores, 46 — Lisboa — Telefone P. P. C. A. 32181 (10 linhas)

PAN AMERICAN
A LINHA AÉREA DE MAIOR EXPERIÊNCIA — SERVE PORTUGAL HÁ 20 ANOS

Marca registada da Pan American World Airways, Inc.

Nenhuma outra linha aérea oferece tantos voos semanais directos para tantas e tão importantes cidades dos ESTADOS UNIDOS.

Deston	S. Francisco
Nova York	Los Angeles
Filadélfia	Seattle
Detroit	Portland
Chicago	



Há mais
Conforto

NUMA CASA
FORRADA A PAPEL

ESCOLHA-O NA

**SOCIEDADE
DE
DECORAÇÕES**

P. DOS RESTAURADORES, 19

TELEF. 25639

LISBOA

Policlínica do Intendente

AV. ALM. REIS, 27, 2.º — T. 45587

Dr. Abel Alves—Ouv. nariz e garganta

14 h.

Dr. Anastácio Gonçalves—Doenç. olhos,

18 h.

Dr. Armando Valle—Anál. clín. e vaci-

nas, 11 h.

Dr. Armando Luzes—Rins e vias uri-

nárias, 14 h.

Dr. Benard Guedes—Raios X, 16

Dr. Camara Leme—Boca e dentes, 10

às 13 e 17 às 19 h.

Dr. E. de Miranda Rodrigues—Doenças

nev. mentais (2.º, 4.º e 6.º), 16 h.

Dr. Fernando Castro Amaro—Med. ge-

ral, 14 h.

Dr. Formigal Luzes—Ag. Físicos, 15 h.

Dr. João Marques Pinto—D. das crian-

ças, 18 h.

Dr. Juvanal Esteves—Doenças da pele e

sifilis (2.º, 4.º e 6.º), 14 h.

Dr. Mário Rosa—Cl. méd. est. e intest.

15 h.

Dr. Souto Soares—Cirurgia geral, orto-

pedia, operações, 14 h.

Dr. Pedro da Cunha—Partos e doenças

das senhoras (3.º, 5.º e sáb.), 15 h.

Dr. Vasco de Lacerda—Cl. méd., cora-

ção e pulmões, 18 horas.

CAIXA SINDICAL DE PREVIDÊNCIA DO PES- SOAL DA INDUSTRIA E COMÉRCIO DE PRO- DUTOS QUÍMICOS E FARMACÊUTICOS

Rua Padre António Vieira, 5-1.º

Telefone n.º 680167

LISBOA

CONCURSO PARA O PROVI- MENTO DE VAGAS NO QUA- DRO DO PESSOAL

Para os devidos efeitos se comunica que se encontra aberto concurso pelo prazo de 10 DIAS a contar da data do presente, para o provimento de VAGAS DE ASPIRANTE DE 1.º E 2.º CLASSE existentes nesta Instituição.

Os concorrentes nas condições exigidas no disposto no n.º 2 da Circular n.º 73/56 da Direcção Geral da Previdência e Habitações Económicas de 26/12/56, deverão dirigir requerimento a esta Instituição.

Lisboa, 10 de Maio de 1958.

A DIRECÇÃO

DINHEIRO
COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS
OU PRÉDIOS EM 1.ª HIPOTECAS
RAPIDEZ E SIGILO
A FINANCIADORA
EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3
NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 1

Grande Peregrinação ao Santuário de Fátima, em Maio

Visite Fátima por ocasião das cerimónias que se realizam em Maio, aproveitando:

— os preços reduzidos que a C. P. concede nos bilhetes de ida e volta, os quais estarão á venda nas estações com validade para a ida de 11 a 13 de Maio e para regresso até às 24 horas do dia 14 do mesmo mês;

— a comodidade de ter assegurado, de 11 a 14 de Maio, o seu transporte em autocarros entre as estações de Fátima (antiga Chão de Maças) ou Leiria e o Santuário pelo preço de 15\$00 por cada passageiro adulto e viagem de ida ou de volta. Este preço é reduzido a metade para crianças de idade igual ou superior a 4 e inferior a 10 anos.

Alguns exemplos de preços de bilhetes de ida e volta de várias procedências para a estação de Fátima (antiga Chão de Maças) e para a estação de Leiria.

	FÁTIMA			LEIRIA		
	1.ª classe	2.ª classe	3.ª classe	1.ª classe	2.ª classe	3.ª classe
Lisboa (Rossio)	—	—	—	83\$90	79\$70	58\$70
Lisboa (St.ª Apolónia)	83\$90	79\$70	58\$70	—	—	—
Santarém	36\$50	34\$70	25\$60	—	—	—
Coimbra	57\$60	54\$80	40\$40	53\$20	50\$50	37\$20
Figueira da Foz	58\$90	56\$00	41\$30	35\$90	34\$10	25\$10
Aveiro	92\$20	87\$60	64\$60	87\$10	82\$70	61\$00
Viseu	120\$40	114\$40	84\$30	115\$20	109\$50	80\$70
Guarda	165\$20	156\$90	115\$60	160\$70	152\$70	112\$50
Porto (São Bento)	134\$40	127\$70	94\$10	130\$80	123\$50	91\$00
Braga	170\$90	162\$40	119\$70	166\$40	158\$10	116\$50
Viana do Castelo	189\$50	180\$00	132\$70	185\$00	175\$80	129\$50
Chaves	265\$00	251\$80	185\$50	260\$50	247\$50	182\$40
Elvas	117\$80	111\$90	82\$50	—	—	—
Evora	130\$60	124\$10	91\$40	185\$00	175\$80	129\$50
Beja	154\$90	147\$20	108\$50	208\$70	198\$30	146\$10
Faro	274\$60	260\$90	192\$20	294\$40	279\$70	208\$10

CAFÉ CORUJA

Restaurante típico
Coruche — Telefone 114

Pratos regionais
Caldeirada a Sorrita
Ensopado de Enguias
Lampreia á moda da casa
Lombo de porco no espeto
Caril á Indiana
Lombo de vaca á Coruja
e fandango regional
animado com folclore

Sociedade «ESTORIL»

Caminho de Ferro do Cais do Sodré

AVISO

CONCURSO PARA A ADJUDICAÇÃO
DA EXPLORAÇÃO DUM PAVILHÃO
NA ESTAÇÃO DE PAÇO DE ARCOS

Aceitam-se propostas para a exploração deste Pavilhão.

Condições a consultar no Serviço de Contabilidade na estação do Cais do Sodré.

Lisboa, 1 de Maio de 1958.

O ENGENHEIRO DIRECTOR

A. BUAL

Companhia Nacional de Navegação

Paquete «TIMOR»

a sair cerca de 23 de Maio para:

**ANVERS, ROTTERDAM
E HAMBURGO**

RECEBE PASSAGEIROS, CARGA GERAL E DE FRIGORIFICO

LISBOA: Rua do Comércio, 79 e 85 — Telef. 23021 a 23026

PORTO: Rua Infante D. Henrique, 63 — Telef. 22438 e 22439

Esclarecimento da P.I.D.E. sobre a número de presos políticos

Do gabinete do ministro do Interior recebemos, com o pedido de publicação, cópia do seguinte ofício que lhe foi remetido pelo director da Polícia Internacional e de Defesa do Estado e que responde ao ofício dirigido, pela Comissão Central de Candidatura do dr. Arlindo Vicente, ao sr. ministro do Interior.

«Ex.º» Senhor Chefe de Gabinete de Sua Excelência o ministro do Interior.

Em referência ao ofício n.º 3/0, de 3 do corrente, dirigido a Sua Excelência o ministro do Interior pela Comissão Central de Candidatura do sr. dr. Arlindo Vicente à Presidência da República, publicado nos jornais de ontem, cumpre-me e tenho a honra de informar o seguinte: É menos verdade que esteja «em curso, por vários pontos do País, uma vaga de prisões» e que tal facto possa «ser interpretado como pretendendo fomentar o alheamento do eleitorado pela livre escolha do Supremo Magistrado da Nação».

As prisões a que no ofício se alude, efectuaram-se antes da apresentação da candidatura do sr. dr. Arlindo Vicente, sendo os detidos acusados da prática de crimes previstos e punidos pelo Código Penal que, em princípio, nada devem ter com a referida candidatura.

Admite-se, no entanto, que a existência de greves, tumultos e outros actos de subversão social constituam clima propício à propaganda do candidato em referência, pois só assim se explica a circunstância dos signatários considerarem os detidos como fazendo parte das comissões da sua candidatura e ainda a solidariedade dada ao partido comunista quando faz sua primeira das reivindicações deste: «a libertação imediata de todos os presos político-sociais». («República» de ontem, página 4, sintetizando o que se vem proclamando em panfletos comunistas).

A mensagem do sr. dr. Arlindo Vicente, diz que «a repressão em avassaladoras vagas atinge todas as camadas da população» e que «operários, camponeses e intelectuais ombreiam nas prisões».

A verdade, porém, é que, não obstante as «avassaladoras vagas» o número de «vassallos» ou de «presos, detidos, acusados ou condenados pelos chamados crimes político-sociais» e em relação aos quais o referido candidato considera como tarefa fundamental a concessão de uma ampla, imediata e incondicional amnistia, é inferior à centena, pois são precisamente 37, neste número se contando, os que estão cumprindo pena, aguardando julgamento, ou presos preventivamente (é o caso dos referidos na carta), por estarem na fase de instrução preparatória os seus processos.

Guardado o devido respeito, afirma-se-nos que os exageros não ficam bem a ninguém e, muito menos, aos candidatos à chefia do Estado, magistratura que exige, da parte de quem se propõe exercê-la, sentido das proporções, amor à verdade e espírito de justiça. Mas isso é matéria que respeita mais aos candidatos e aos eleitores, a cujo sufrágio se submetem, do que à Polícia.

Finalmente, como é óbvio, a detenção ou soltura dos infractores faz-se de harmonia com as disposições legais aplicáveis a cada caso, pelo que parece não deve ter-se em consideração o que reclamam os signatários da carta.—Lisboa, 10 de Maio de 1958—O director da P. I. D. E., (a) A. Neves Graça».

Travou-se luta aero-naval

entre forças chinesas

TAIPEH, 10. — Uma patrulha naval nacionalista causou graves avarias num barco de guerra da China continental, num combate travado no Noroeste da ilha de Matsu. Outro navio comunista foi, também, atingido e retirou com fogo a bordo.

O combate travou-se quando os bombardeiros nacionalistas atacavam barcos armados comunistas, ao largo de Amoy. Os aviadores nacionalistas informaram terem sido afundados dois barcos comunistas chineses e que outro ficou em chamas. — (A. N. I.).



Um aspecto do encontro dos jornalistas com o general Humberto Delgado

As declarações do gen. Humberto Delgado

(Continuação da 2.ª página)

—Sou realmente amigo das nações que são amigas do meu País.

Perguntas dos jornalistas e respostas do candidato

Terminadas, entre palmas vibrantes, as declarações introdutórias do sr. general Humberto Delgado este dispôs-se a responder às perguntas dos jornalistas, aproveitando a ocasião para dizer:

—É de lamentar que alguns jornais ou organizações de imprensa estrangeiras se representassem por indivíduos residentes em Portugal, pois é do domínio público que até estes temem os poderes públicos, tomando assim cuidado no que em viam para o estrangeiro a nosso respeito».

Declarou, por fim, que esperava,

no entanto, que todos compreendessem o momento histórico que passa, «bem visível no entusiasmo público à volta da Oposição».

O primeiro jornalista que se dirigiu ao candidato perguntou:

—Se V. Ex.º for eleito Presidente da República, qual será a sua atitude para com o sr. Presidente do Conselho?

—Demitilo! — respondeu com energia o general.

Segunda pergunta:

—Tem opinião formada sobre a escolha do candidato da União Nacional?

Respondendo, o candidato mostrou o seu desinteresse pelo assunto posto, dizendo entender que a eleição do candidato da União Nacional seria apenas o prolongamento da situação.

Alguém quis saber, depois, qual a política externa que seguiria se

fosse eleito e o candidato respondeu que, sem dúvida, Portugal manteria a sua tradicional política de amizade para com todos os países amigos, desde a velha aliada Inglaterra à França, ao Brasil e aos Estados Unidos. Esta política está, aliás, bem definida — disse — no acordo da N. A. T. O., quando se estabeleceu a adesão aos mesmos princípios de Democracia.

Outro jornalista perguntou qual a atitude do candidato se os comunistas, a exemplo do que fizeram os socialistas, declarassem apoiar também a sua candidatura e o sr. general Humberto Delgado respondeu sem hesitação:

—Não sei se realmente existe em Portugal um partido comunista organizado. Esclareceu, a propósito, que os comunistas não manifestam simpatia pela sua pessoa, como teve ocasião de verificar por três panfletos que o atacam.

Disse não possuir dados concretos sobre o problema do comunismo entre nós e que isso só seria possível quando se pudesse conhecer bem o alcance da consciência política do povo português.

Como outro jornalista insistisse em saber qual seria a atitude política do candidato se fosse eleito, o sr. general Humberto Delgado afirmou:

—A minha primeira preocupação será preparar uma consulta livre, para conhecer todos os dados do problema político português. Mas é evidente que, depois de 32 anos de mordida, não vai ser fácil a consulta ao País. Para poder chegar a uma consulta, que desejo seja feita o mais depressa possível, haverá que preparar o terreno, com um Governo forte, de apoio militar, que garanta a ordem. E acrescentou:

—Uma vez obtida essa garantia indispensável, para o regresso à normalidade, restabelecidas as garantias que a própria Constituição concede, haverá que promover quanto antes a publicação de uma nova lei de imprensa, a revogação de todos os decretos de excepção e restabelecer o direito de reunião.

Houve ainda outra pergunta sobre o que pensava da acção do sr. Presidente do Conselho, respondendo o candidato que, na sua opinião, estava desactualizada, em relação aos problemas da nossa terra.

Respondendo ainda a novas perguntas sobre qual seria o seu programa de Governo, quanto à Metrópole e ao Ultramar, o sr. general Humberto Delgado insistiu em que a sua primeira preocupação seria a constituição do Governo provisório, de apoio militar e com força para assegurar a ordem no País, e acrescentou:

—Mas é um erro pensar que governar é obra de um só homem. Aliás, o Presidente da República não governa, não legisla — isso são funções cujo exercício lhe compete apenas assegurar em perfeitas condições de liberdade e de acordo com a vontade do povo.

Interrompido, com frequência pelas palmas das pessoas que assistiam à reunião, o sr. general Humberto Delgado, que falou sempre com muita vivacidade, e por vezes mesmo, com extrema veemência, terminou por agradecer a companhia dos jornalistas portugueses e estrangeiros.

A atitude da oposição de Braga perante a existência das duas candidaturas

Temos presente um documento no qual se torna conhecido que a Comissão Democrática do Distrito de Braga se reuniu sob a presidência do sr. major Miguel Ferreira e deliberou:

1.º) Dar todo o seu apoio à candidatura à Presidência da República do ex.º sr. dr. Arlindo Vicente, por a considerar aquela que corresponde aos objectivos que determinaram a sua intervenção nas últimas eleições para deputados à Assembleia Nacional.

2.º) E, porque a seriedade do acto eleitoral, é aspiração comum de todos os opositoristas, mais deliberou fomentar a colaboração, prestando-a e aceitando-a, com todos os opositoristas que porventura venham a apoiar a candidatura do ex.º sr. general Humberto Delgado.

Analisando o sentido desta deliberação, o documento acrescenta:

«Estamos agora em vésperas dum novo acto eleitoral e na presença de dois candidatos que se propõem combater a situação política vigente: um, democrata; outro, antigo adepto do Estado Novo, mas hoje dissidente dela.

«A primeira candidatura — a do dr. Arlindo Vicente — que mergulha as suas raízes na tradição de luta política que a Oposição tem mantido desde sempre e especialmente desde os grandes movimentos processados a partir de 1945, é a que, portanto corporiza os princípios que têm animado a nossa luta, garante a individualidade própria da Oposição e a projecta para além das próprias eleições.

A segunda — a do general Humberto Delgado —, resultando, do descontentamento crescente do País, que atingiu já os próprios adeptos da Situação, encontra a sua principal razão de ser numa oportunidade eleitoral.

—Perante a existência destas candidaturas, qual a posição que devem tomar os democratas?

Os democratas não acorrentam ninguém a um passado político quando os seus propósitos se identificam com os nossos naquilo que é fundamental e a todos nos une: —restituir ao País as suas liberdades. Portanto, não atacamos nenhum candidato que se proponha este objectivo.

Mas, por outro lado, os democratas não podem esquecer o passado da sua própria luta, nem devem perder de vista que os seus objectivos se não confinam num simples acto eleitoral. A Oposição não se pode iludir por detrás da luta temporária conduzida por um dissidente, mesmo quando este é um homem sério animado dos melhores propósitos.

E' por tais razões que esta comissão — não sendo a comissão de renhimento dos candidatos, pois já existia antes das candidaturas e continuará a existir para além das eleições — dá o seu apoio à candidatura do dr. Arlindo Vicente.

Queremos, no entanto, afirmar a todos os nossos correligionários que a existência, neste momento, de duas candidaturas, não pode nem deve constituir motivo de divisão de esforços, muito menos de luta entre adeptos de uma ou outra candidatura.

O documento é assinado pelos srs.: major Miguel Ferreira, dr. Francisco Pinto Rodrigues, dr. Guilherme Branco, dr. Joaquim Borges, António Araújo Vieira, eng.º Justino Amorim, Alvaro Figueiredo Andrade, dr. Vitor de Sá, Artur da Cunha Coelho, dr. Manuel Bento da Rocha Peixoto, Manuel Gonçalves de Castro, dr. Eduardo Salgado Lobo, dr. António Cleto Malvar, dr. José Pereira Sampaio, António Oliveira, Eugénio Peio Vale, dr. Lino Lima, eng.º António Pinheiro Braga, Artur Silva, António Saldanha, Albano Leite Ferreira, Manuel Dias dos Santos e António Martins Torres.

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até às 16 horas: máxima, 17.5; mínima, 15.6. No mesmo dia do ano passado: máxima, 17.9; mínima, 14.1.

— Temperaturas verificadas na Costa do Sol, às 10 horas: na atmosfera, 16.2; na água do mar, 17.

Os Franceses da Argélia dirigiram ao presidente Coty um apelo para a formação de um Governo de salvação pública

ARGEL, 10.—A União para o Êxito e Renovação da Argélia Francesa (U. S. R. A. F.) enviou ao presidente Coty o seguinte telegrama:

«Absolutamente conscientes do perigo que, por causa da Argélia, ameaça a França, dirigimo-nos, pela última vez, ao depositário da Constituição, das instituições e do patrimônio nacional, para que, na vossa alta missão de arbitragem entre os partidos, imponha a constituição de um Governo de salvação pública, composto de homens que provem a vontade de defender os interesses da pátria. Lembremos e renovemos os nossos apelos precedentes antes de que o irreparável possa produzir-se».

O «Comité de Vigilância» publicou, por sua vez, um comunicado, declarando nomeadamente:

«Os Franceses da Argélia crêem ter chegado o momento de todos se absterem das suas tendências políticas para aderirem a um grande movimento de restauração nacional. Assim, pedem ao presidente da República que, usando da sua autoridade de chefe do Estado, faça com que terminem as querelas dos homens e dos partidos, para que seja constituído imediatamente um Governo de salvação pública».

Foi, também, distribuído pelas ruas de Argel, um panfleto, assinado pela secção local da U. S. R. A. F. e a Associação dos Alunos dos Liceus e Escolas, proclamando que a última oportunidade que resta aos Franceses é exigirem imediatamente e por todos os meios, um Governo de salvação pública. «Os partidários do abandono—acrescenta o panfleto—decidiram eliminar definitivamente os defensores da Argélia francesa: Soustelle, Bidault, Lacoste, Morice e Duchet».

—(France Presse).

As diligências e as condições de Pflimlin

PARIS, 10.—Pierre Pflimlin, presidente do Conselho designado, receberá esta tarde várias personalidades às quais deseja pedir participação directa no Ministério.

Sabe-se que Pflimlin elaborou um programa em três pontos: reforma do Estado, Argélia e Finanças.

Quanto ao primeiro ponto, afirma-se que tenciona apresentar um projecto de reforma constitucional, que seria submetido ao Parlamento, depois das férias grandes. Conhecem-se as ideias do dirigente M. R. P. quanto à Argélia. Deseja que a lei-estatuto seja aplicada da maneira mais liberal.

Em matéria económica e social e com vista a uma reforma administrativa, Pflimlin quer solicitar os plenos poderes. Prosseguirá, vigorosamente, na luta contra a inflação bem como a política de rigor orçamental. Os créditos suplementares, especialmente para a Argélia.

Presos em Timor

indonésios desertores

DJAKARTA, 10.—As autoridades portuguesas de Timor prenderam 14 soldados indonésios suspeitos de terem desertado e de se terem reunido aos rebeldes—indica-se, segundo a agência «Antara», de fonte segura. Aquelas autoridades informaram imediatamente o Governo indonésio. — (F. P.).

Dorme mal?



Experimente V. Ex. os colchões de molas
30 anos de bom fabrico
Fornecedor dos principais Hotéis
AGUIAR RAMALHO, LDA.
Rua Actor Vale, 16-B—Lisboa
Telef. 831244

lia, serão cobertos por economias ou novos impostos.

E' opinião do chefe do Governo designado que o acordo pessoal dos seus futuros ministros, sobre aquele programa, será mais necessário de que a aprovação dos grupos a que pertencem.

Pflimlin conferenciou, ontem, com Antoine Pinay e Guy Mollet. Este, segundo se afirma, prometeu-lhe o apoio dos socialistas. — (F. P. e A. N. I.).

Os países europeus da N.A.T.O. foram aconselhados pelo almirante Wright a constituir reservas indispensáveis à sobrevivência em caso de guerra

NORFOLK (Virginia), 10.—O almirante Jerauld Wright, comandante supremo das forças navais no Atlântico-Norte, convidou as potências europeias da N. A. T. O. a constituírem, desde já «stocks», de víveres, carburantes, combustíveis e de tudo o mais indispensável à vida de um país, no caso de uma guerra tornar impossível a passagem de comboios de abastecimentos através do Atlântico.

A greve dos ferroviários na Inglaterra parece inevitável

LONDRES, 10.—Não tem havido progressos nas negociações entre o ministro do Trabalho, a direcção dos Caminhos de Ferro e os dirigentes sindicalistas dos ferroviários. Os sindicatos mantêm os pedidos de aumentos de salário e ameaçam ir para a greve, se esses pedidos não forem satisfeitos. As negociações recomençarão na terça-feira, mas o endurecimento da atitude dos sindicatos parece tornar cada vez mais iminente o perigo de greve nos caminhos de ferro, que o Governo decerto fará quanto for possível para evitar.

Entretanto, o ministro prossegue hoje nas diligências para evitar que se concretize essa ameaça de greve. O delegado do Ministério, sr. Wilfred Neden, teve, durante a noite, conferências com os representantes da Comissão dos Transportes e os dirigentes dos três sindicatos dos ferroviários, mas não foi possível chegar a qualquer solução de compromisso.

A greve do pessoal dos autocarros continua em Londres. Os 50.000 grevistas apresentaram-se, ontem, na pagadoria do respectivo sindicato, a fim de receber os salários correspondentes à primeira semana de greve, numa média de 10 libras e 10 xelins. Declararam que se retomarão o trabalho se lhes for concedido um aumento de 10 xelins e 6 dinheiros, por semana. — (F. P. e A. N. I.).

Motins políticos na Toscana

CARRARA, 10.—Um grupo de 20 pessoas ficaram feridas e cerca de 100 manifestantes foram entregues à autoridade judiciária por delito de «resistência à força pública», em resultado de violentos distúrbios, durante a noite, em Carrara, na Toscana, onde os partidos da extrema esquerda são notavelmente fortes, quando Giorgio Almirante, deputado e antigo secretário nacional do M. S. I. presidia a uma reunião eleitoral. A Polícia interveio, para expulsar os militantes da extrema esquerda, que pretendiam impedir o comício. E só com violentas cargas da Polícia motorizada, que recorreu às granadas lacrimogêneas, a ordem foi restabelecida.

Por outro lado, o próprio almirante foi entregue à autoridade judiciária por «apologia do fascismo», delito que é punido pelas leis em vigor. — (F. P.).

Poço de petróleo num restaurante

NEVERS, 10.—O proprietário de um restaurante em Mesves-sur-Loire, que utilizava, há muitos anos, um poço privado, teve, recentemente, a surpresa de verificar que a água do balde era espessa e tinha acentuado cheiro a petróleo. Fez a experiência, por trinta vezes e a água continuava a ser intragável. Intrigado, o homem introduziu uma vela acesa no poço, a qual, logo que chegou à superfície da água, provocou uma explosão.

Pensando que houvesse uma fuga nos reservatórios de uma bomba de gasolina próxima, mandou proceder a uma vistoria, mas verificou-se que as cubas eram perfeitamente estanques. Além disso, dois vizinhos do restaurante foram declarados autoridades locais que a água dos seus poços se transformara em petróleo. — (F. P.).

TROVOADAS DE MAIO Violentas tempestades desencadearam-se em França causando efeitos devastadores

PARIS, 10.—Violentas tempestades, que, por vezes, tomaram a forma de verdadeiros ciclones, assolaram, ontem, o Norte e o Leste da França, bem como a região parisiense. Na capital, onde, em poucos minutos, a circulação ficou praticamente interrompida, os bombeiros foram chamados continuamente para acudir a inundações ou remover a calçada dos telhados. A temperatura, em menos de duas horas, desceu oito graus.

No Norte, os prejuízos são consideráveis e os campos de trigo e de beterraba ficaram destruídos pelo granizo. A trovada causou, também, danos importantes e as árvores de fruto foram levadas pelo vento.

Em Nancy, inúmeras vidraças ficaram estilhaçadas e nas aldeias vizinhas, muitos tectos foram arrancados pela ventania.

Na Borgonha, as vinhas ficaram danificadas pelo granizo, que caiu em abundantes quantidades. — (F. P.).

Na região de Lille houve cheias e destruições e morreu uma criança afogada

LILLE, 10.—Em Roubaix, o bairro das Três-Pontes foi, ontem, inteiramente invadido pelas águas. Numa casa, havia na cozinha 80 cms. de água, e os donos, depois de fazerem passar o filho, de dois anos, para o 1.º andar, começaram a retirar a água por meio de baldes. Vendo, porém, que não podiam dar vazão, foram chamar os vizinhos. Entretanto, a criança desceu ao andar térreo e afogou-se.

Em Lille e arredores, a tempestade causou, por toda a parte, graves prejuízos. Em Cateau, o granizo, de tamanho de ovos de pomba, destruiu os vidros de uma grande parte das casas e fábricas, danificando o mesmo em Busigny, onde um ciclone arrancou árvores pela raiz e levou grande número de telhados.

Na região de Avesnes, calcula-se em 200 milhões de francos, o total dos prejuízos. Devido à violência do vento, ruíram vários edifícios e umas dez granjas ficaram completamente destruídas. — (F. P.).

Grandes inundações, na Sibéria

PARIS, 10.—Segundo anuncia o jornal soviético «Troud», com data de 6, uma grave inundação, comparável com a de 1937, assolou a região de Altai, nos arredores de Barnaul, ao longo do Obi, rio da Sibéria.

A inundação foi provocada por chuvas violentas que se juntaram ao degelo. Equipas de salvação sobrevoaram a região inundada com auxílio de helicópteros, a fim de prestar assistência aos habitantes, que apenas tiveram tempo de se refugiar em barcos que seguiam sem governo por entre blocos de gelo. O jornal cita a proeza do piloto de um helicóptero, o qual, sozinho, sobrevoando a zona inundada a baixa altitude, conseguiu salvar 159 sinistrados e levá-los para lugar seguro.

Várias aglomerações isoladas são, ainda neste momento, abastecidas em víveres e medicamentos por equipas em helicópteros.

O jornal não indica o valor dos prejuízos, nem menciona acidentes que tenham causado vítimas. — (F. P.).

Milhares de casas, na China, arrastadas pelas cheias

TÓQUIO, 10.—Vastíssimas áreas ao longo da fronteira da China e da Sibéria, encontram-se submersas, devido às inundações provocadas pelo rio Amur cujo volume aumentou repentinamente em consequência do degelo.

A agência «Nova China» noticiou que são aos milhares as casas derrubadas.

ACORDA DE SABEL

Famoso prato do RIBATEJANO
SALVATERRA DE MAGOS

RIBATEJANO

SALVATERRA DE MAGOS — TEL. 14
— Domingo — Grande Feira Anual e Almoço Regional —
4 — RANCHOS FOLCLÓRICOS — 4
Informações e reserva de mesas em Lisboa, telef. 770320 (6 anos)
IMPONENTE CORRIDA DE TOIROS

Ultimas notícias

• A etapa de hoje da Volta à Espanha

SORIA, 10.—Os corredores, em número de 60, saíram de Soria pelas 12 e 16. A partida, o belga Van Looy declarou que tenciona ganhar a Volta e que as escaladas não lhe causam receio. No pico de Piqueras, a quarenta quilómetros da largada, passou em primeiro lugar o corredor espanhol Bahamontes. Em Vila Nueva de Cañeros, os ciclistas passaram em pelotão, com dez minutos de atraso em relação ao horário, sob o comando do francês Meyá, e do belga Luyten. O percurso torna-se mais fácil, com longas descidas. — (A. N. I.).

• Um atentado em Paris

PARIS, 10.—Três Muçulmanos-Argelinos entraram, durante a noite, num «bar» do 11.º bairro, a fazer um peditório. Perante a recusa do proprietário e dos clientes, desfecharam uma pistola-metralhadora e mataram quatro pessoas, ferindo outra. — (F. P.).

• O terrorismo na Argélia

ARGEL, 10.—Descobriu-se uma vala comum de vítimas da F. L. N., perto de Aflu, no monte Amur. Entre os cadáveres, encontraram-se, horrorosamente mutilados, os de dois israelitas, raptados há três meses.

Quando tentavam dinamitar a linha do caminho de ferro entre Argel e Blida, foram mortos ou ficaram feridos numerosos rebeldes. Numa rua da cidade de Heliopolis, ao Sul de Argel, os insurrectos mataram a tiro o filho do presidente da Câmara Municipal e dois altos funcionários administrativos muçulmanos. — (F. P. e A. N. I.).

• Nasser em visita à Rússia

MOSCOVO, 10.—O presidente Nasser, num almoço que lhe foi oferecido em Kiev, pelos dirigentes ucranianos, declarou, nomeadamente: «O povo da R. A. U. aprecia a amizade que lhe dedica o povo soviético e nutre por ele o mesmo sentimento». Sublinhou a importância do auxílio industrial soviético ao Egipto e a «sinceridade» da colaboração entre os dois países.

Nasser e a sua comitiva partiram, depois para Leningrado, prosseguindo na sua visita à União Soviética. — (F. P. e A. N. I.).

• A agitação em Chipre

NICÓSIA, 10.—Homens mascarados entraram durante a noite, num estabelecimento de vinhos, em Limbía, ao Sul da ilha, e, depois de terem obrigado os clientes a alinharem, voltados para a parede, mataram um cipriota grego. — (F. P.).

• Nova depuração na Alemanha

BERLIM, 10.—Hans-Joachim Laabs, antigo ministro da Educação da Alemanha Oriental e actual secretário de Estado do mesmo Ministério, foi demitido. O partido Socialista-Comunista, ao qual pertence, acusa-o de «tendências revisionistas e oportunistas».

Dorst, director do Instituto Central de Pedagogia, teria sido igualmente demitido, sem aviso prévio. — (F. P.).

Diário de Lisboa



Textos
Augusto da Costa Dias, Mário Castrim e Manuel Salgueiros
Ilustrações
Tossan e Figueiredo Sobral

Toda a correspondência deve ser dirigida
para a Rua Luz Soriano, 44 a 48 — LISBOA

A crítica do João

O livro do Marco Polo

EU — Viva!
JOÃO — Olá!
EU — Há muito tempo que não
tinha o prazer de conversar contigo.
Os leitores do «Juvenil» já notaram
a tua ausência.
JOÃO — Bom sinal!
EU — Isso é natural. Natural é
também que eles queiram saber notícias
dos livros que estão lendo.
JOÃO — Por sinal acabei agora
mesmo um que me trouxe suspenso.
EU — Joões-Suspensos-da-Babilónia...
JOÃO — Brinca. Mas digo-te a
verdade. Suspensão, encantado!

ao calor desse relato a nossa própria
imaginação torna altura, conquista
novos espaços...
EU — Mas não há apenas imaginação.
Há também dados concretos...
JOÃO — Sim. A pomada à base
de zinco para os olhos, a alusão ao
amianto («uma vez tecido pode
arrastar-se ao fogo sem se consumir»),
e ao petróleo (que já era empregado
na iluminação, sabias?). A extração
e indústria de diversos minerais,
tal como o ouro, o ferro, o estroncio,
etc., a fauna e a flora.

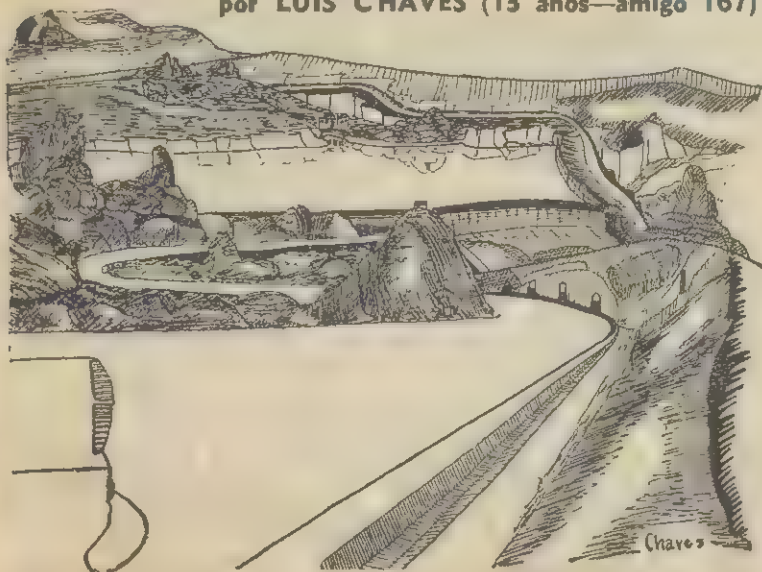


EU — E que livro é o tal?
JOÃO — O livro de Marco Polo,
publicado pela Portugália Editora.
EU — Pois podes agradecer-lhe.
menino! Com a tua idade não o li
eu por não conhecer suficiente
francês. Só o li muito mais tarde.
Vou tomar nota, pois tenciono
oferecer à Maria Clara e ao Luís que
fazem anos em Abril o livro escrito
por Marco Polo.
JOÃO — Estás enganado o livro
foi ditado e não escrito por Marco.
EU — Pois não sabia, confesso.
JOÃO — Numa altura em que se
encontrava preso (depois de um
salvo que até meteu batalha naval!)
tomou conhecimento com o
erudito «maere» Rusticiano. Este
fez o relato fiel das viagens e
aventuras do companheiro. Quanta
vez o «maere» Rusticiano não deve
ter duvidado da veracidade dessas
aventuras, tão estranhas eram!
EU — E tu? Nunca duvidaste?
JOÃO — Isso que interessa? Saber
se aconteceram ou não? Senão
passaram de imaginação e fantasia
de Marco Polo? O que vale é que

Tudo isto prova que se Marco Polo
fantasia — o faz com os pés bem
assentes no chão... Agora gostaria
de fazer daqui um apelo a todos os
leitores...
EU — E' só dizer.
JOÃO — Marco Polo faz referência
a um fenómeno chamado «neve
seca» de que nunca ouvi falar — eu
que já viajei por centenas de livros
de viagens...
EU — Nem eu. De que trata?
JOÃO — Ora ouve: «Na Índia
adquiriram o conhecimento das artes
mágicas a tal ponto que podem
obscurecer o ar a ponto de as
pessoas ficarem invisíveis. Este
fenómeno chama-se «neve seca»...»
EU — Então qual é o apelo?
JOÃO — Que alguém que soubesse
pormenores do tal fenómeno nos
enviasse. Será verdade? Será «imaginação»
de Marco Polo? Sempre
me interessei pelas «artes mágicas»
de modo que...
EU — Pois meu caro! Podes crer
que vão chover as cartas sobre o
assunto. E visto que te interessas
tanto pelas artes mágicas vê lá se
consegues que nas quatro páginas
do «Juvenil» caiba tudo quanto os
leitores — e nós — desejamos lá pôr...
MÁRIO CASTRIM

SERRA DA ESTRELA • A LAGOA

por LUÍS CHAVES (13 anos — amigo 167)



As férias, na altura em que o meu
paizinho me disse para eu fazer esta
redacção, ainda estavam no princípio e
agora haverá tempo, com certeza, de
eu tentar descobrir novos encantos nesta
vila pitoresca do Baixo-Alentejo. Até
amanhã ou, melhor ainda, até para a
semana, vamos lá a ver se consigo pensar
e recolher novos motivos para vos
contar.

No meio da charneca, passando pelos
arrozais de Alcácer do Sal, por Grandola,
Ermidas, Minas do Lousal, chega-se a
Santiago de Cacém, que é uma
vila muito asseada e elegante e, logo
a seguir, fica Sines, com o seu mar,
a sua gente boa e honesta e as suas
casinhas caiadas.

O Oceano é o senhor da praia, porque
foi ele que, com a sua mão, umas
vezes cariciosa e paciente, e outras
vezes irada e destemida, transportou para
ali, grão a grão, pedaço a pedaço,
aquela areia que quase parece farinha,
de tão branquinha que é.

A praia ergue-se, imponente e grandiosa,
à borda de uma linda baía.

O Oceano beija a areia da praia, que se
alonga, parece-me, até para lá do
Cabo Sardão.

A praia de Sines tem bonitas conchas
reluzentes que, vistas de longe, dão
o aspecto de belos diamantes. A sua
areia fina e macia lembra uma fofa
cama, a cama do mar.

PRAIA DE SINES

LUIS FERNANDES ANTUNES DA SILVA — (12 anos)

Os meninos e meninas brincam com
barquinhos, bolas coloridas, ringues,
pás e riem muito.

O mar, ei-lo aqui, muito bonito. O
mar de Sines parece uma pérola. Com
as suas ondas a espreguiçarem-se na
areia e a sua água azul, dum azul límpido
e puro, dá-me a ilusão de uma paisagem
encantada.

O Sol, quando o banha, arranca-lhe
reflexos prateados e inquietos que o
embelezam ainda mais, dando-lhe o aspecto
duma planície de quimeras e sonhos!

A gente de Sines é pura e pacífica.
Os homens são, na sua maior parte,
marinheiros, e as mulheres ocupam-se
todas, ou quase todas, nas lidas domésticas.

Foi em Sines que nasceu o grande
navegador português Vasco da Gama,
pois numa casinha com degraus à porta,
e mesmo rente ao telhado, lá está
uma placa a dizer: «Aqui nasceu Vasco
da Gama, etc. etc.»

Por isso, não admira que um povo
que descende de um homem tão intré-

pido, o tenha também como um irmão
muito saudoso, que já morreu.

E' digno de ver-se o abalar das
traineiras com seus tripulantes valentes e
destemidos a manobrá-las e a desafiar
o mar azul de Sines.

A bordo das traineiras ancoradas perto
da praia, ou junto do muro de abrigo,
reina uma enorme azáfama. O «Patrão»
(nome dado ao capitão do barco),
dirige os trabalhos de partida, e os
marinheiros já estão prontos para a largada,
com as suas boinas de pala, as
suas camisas quadrejadas e os seus sorrisos
confiantes.

Com um apito estridente e longo, os
barcos põem-se lentamente em movimento,
numa longa fila de figuras de
ilustração, apitando, apitando sempre,
uns mais agudos, outros mais roucos,
e assim indo para a pesca, cantando
com o vento velhas canções marítimas.

São assim os marinheiros sineses,
homens afoitos e audazes descendentes
doutros marinheiros, descobridores de
novos mundos, como assinala a nossa
História.



Gramática de palmo e meio para gente de meio palmo

Quarta história: «Uma vivenda
chamada Fonética»

Hoje é sábado, o dia indicado para
se fazerem visitas. Foi por isso
que me lembrei de te convidar para
uma visita à vivenda dos sons, uma
vivenda chamada FONÉTICA. Está
bem? E' só tomarmos o autocarro
da «Imaginação». Momentos depois,
lá estaremos...

Chegámos. Como estás vendo, é
uma linda moradia, de linhas modernas,
com um jardim cheio de flores
de volta e dois andares, janelas
rasgadas por onde o rei astro
entra bem à vontade.

Comecemos a visita pelo rés-do-
chão direito. E' aqui que habitam
as Donas Vogais, cinco senhoras
muito amigas umas das outras e
que tu conheces às mil maravilhas:
A-E-I-O-U. A Dona I tem um grande
desgosto de ser tão magrinha; em
compensação, a amiga O até faz
dieta para não engordar mais... Na
vizinhança, as cinco senhoras são
chamadas de vogais livres. E' que
gostam imenso de passear; saem do
prédio sem pedir licença a ninguém
nem tão pouco ao senhorio, o
aparelho fonador. A Dona A costuma
sair pela porta da garganta; al-
cunham-na, por isso mesmo, de

gutural. As amigas E-I servem-se da
porta do céu da boca, do palato; há
quem lhes chame as duas palatais.
As mais gordinhas, as Donas O-U,
essas utilizam-se, como não podia
deixar de ser, de duas portas mais
largas, para melhor poderem pas-
sar — os lábios; são, por isso, cha-
madas de vogais labiais. Se bem re-
parares, ao pronunciá-las — ora ex-
perimenta lá! —, hás-de notar que
as Donas A-E-O têm uma voz riça,
dura, áspera e que, pelo contrário,
é branda, doce, extremamente musi-
cal, a voz das outras duas, I-U. E
olha que andam sempre as cinco
muito satisfeitas, a cantarolar a mu-
sica em voga. Lá no prédio, cha-
mam-lhes «o coro vogal feminino»...
Questões de má-língua, sabes? Por
outro lado, nunca gostam de sair
sózinhas. Às vezes, saem; outras
vezes, vêm aos pares, as senhoras
vogais: AI-OI-AU-EU... Os seus pa-
res conhecem-se pelo nome de di-
tongos. Certos ditongos com medo
da gripe ou das constipações, nunca
saem à rua sem um chapéu (til):
OE-AO-AE... Os ditongos com cha-
péu têm no bilhete de identidade a
profissão de *nasais*. Há também os
ditongos de casaca, os friorentos; a
casaca é um «m» ou um «n»: AM-
EM... Estes também são *nasais*. Os
ditongos que não usam nem casaca
nem chapéu são os que têm a pro-
fissão de *orais*: AE-EU-OI-AU...

Do lado esquerdo, mas também
no rés-do-chão, moram as senhoras
Consoantes: B-C-D-F-G-H-J-L-M-N-P-
Q-R-S-T-V-X-Z... O senhorio em-
bira um bocadinho com elas: são mu-
ltas, dão-lhe cabo da casa... E, as-
sim, está sempre «a apertar» com
elas. E elas — coitadinhas! — vêm-
se muito apertadas, muito apertadas,
tal como tu ao entrares no «elé-
trico»... Um das apertadas pelos
lábios: P-B-M; outras pelos dentes:
F-V; outras pela língua: J-X... Uma
vez por outra, tal como as vizinhas
vogais, as senhoras consoantes saem

aos pares: LH-NH-CH... A estes pa-
res houve quem desse o nome de
digrafos.

Subamos a escada e entremos no
primeiro andar. E' aqui que moram
as sílabas. Olha, olha! Estão senta-
das à mesa a comer. Repara que há
umas que comem muito e que têm
muita força e que há outras muito
fracuquinhas, sem apetite algum. As
fortes chamam-se *tónicas*; as fra-
cuquinhas dizem-se *ditonas*. Para man-
terem a forma, as primeiras costumam
tomar, às refeições, uma colher
de sopa dum remédio muito bom —
acento tónico —, que lhes dá
ainda mais força. Atenta nestas
duas palavras: PORTUGAL, PA-
TRIA. Não te será difícil distinguir
as sílabas tónicas... Claro, isso mes-
mo: GAL (PORTUGAL), PA (PA-
TRIA). Há uma diferença: uma tem
acento agudo (PÁ), outra não tem
(GAL). E' que o acento agudo ainda
dá mais força à sílaba, abrindo-lhe
a vogal acentuada. O acento agudo
é uma visita assídua na casa das sí-
labas. Os outros acentos que as vi-
sitam são o *circunflexo*, que fecha
a vogal; o *grave*, que abre a vogal
e o *til*, que nasaliza a vogal... Dei-
xemos as sílabas a comer e vamos
acabar a nossa visita.

Estamos, agora, no segundo an-
dar, onde moram as senhoras Pala-
vras. Há as ricas, as que têm mu-
ltas sílabas ao seu serviço e há as
pobrezinhas, que apenas têm uma
ou duas sílabas ao seu serviço. As
pobrezinhas de uma sílaba, como
CHÁ, são *monossílabas*. As que têm
duas sílabas, como ROSA, são *dis-
sílabas*; as que têm três sílabas, como
TERNURA, são *trissílabas*. Os *polis-
sílabos* são as ricas, com mais de
três sílabas a render juros nos ban-
cos: CARIDADE... O acento tónico
também fortifica as palavras. Se
fortifica a última sílaba, a palavra
é *aguda*; se fortifica a penúltima,
a palavra é *grave*; a palavra é *es-
drúxula*, se o acento tónico fortifica
a antepenúltima sílaba. A entrada
da porta, as palavras até têm este
azulejo:

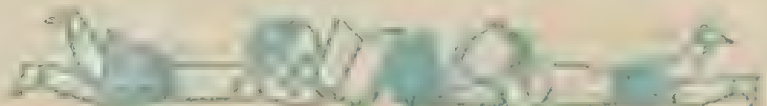
«Eu não sabia (GRAVE) que o
sabão (AGUDA) era uma ave es-
drúxula» (ESDRÚXULA).

E são horas de irmos tomar o au-
tocarro da «Imaginação», que sai
daqui dentro de instantes!... Para
casa, meninos!...

Luís Manuel da Silva Marques

Os três melhores

Não se esqueçam de nos indicar
todas as semanas quais os
três artigos que mais lhes agra-
daram. Isso é muito importante
para nós. Dá-nos a conhecer o
que preferem. Orienta o nosso
trabalho. Que todos os nossos
jovens amigos nos compreendam
e colaborem connosco.



NOTAS DE LEITURA

Decerto já ouviram falar na região antártica, embora nunca lá tenham ido. Sabem, portanto, que se trata de um vasto continente gelado, maior que a Europa, com um perímetro de 3.500 quilômetros traçado em volta do Pólo Sul.

Mas nenhum de vocês, disse estou certa, poderá imaginar uma aventura mais extraordinária, emocionante, do que aquela que Jack Bursey nos relata, vivida por um punhado de 42 homens perdidos nesta vastidão branca e gelada.

Perdidos?—dirão vocês—eles fo-

que uma aventura de «maduros», muito mais. Dá-nos uma lição «de vida, com todos os sentimentos bons que a vida ainda contém: a coragem, a abnegação, a solidariedade e a tenacidade, a avidez científica. E porque no-la pretende dar? Muito simplesmente, porque a zona antártica tem uma capital importância para o resto do Mundo. A meteorologia tem tais consequências que já houve quem chamasse a esta zona «uma fábrica de fazer tempo». Estão vocês a ver se o homem de ciência não se deve sentir atraído para ela, elaborando estudos sobre a geografia desta misteriosa zona, a topografia rochosa sobre que assenta, a glaciologia e a oceanografia, a flora e a fauna de alguns micro-climas que ali têm sido descobertos!

Com efeito, amigos, é uma proveitosa lição que estes homens nos dão, quando constroem tendas so-

CARTA AOS JOVENS SOBRE:

Uma aventura a 72° negativos

ram por livre vontade. Sim, amigos, perdidos voluntariamente. Mas nem por isso deixam de se sentir abandonados de qualquer socorro; sabem que nada, no Mundo, os poderá salvar, se estiverem em perigo. E os perigos são sem par: as piores tempestades de neve batida por um vento de 30 milhas horárias; fendas sem fundo e traçoeiros declives gelados surgindo quando menos se espera; a cegueira da neve queimando como brasas; as zonas ocultas escondidas sob aparentes camadas duras de gelo, ruído inesperadamente, com um troar de canhão; o estalar do gelo sob os trenós; a temperatura de 72 graus negativos gelando o hálito com um ruído de papel que se amarrota—e tantos, tantíssimos outros, qual deles o pior!

Depois de ler, largamente fiquei a meditar. Não era uma vulgar aventura que me empolgava, uma história de férias bem passadas; não, o que me deixava pensativa era o documentário verdadeiro, a aventura real de 42 homens que sabem o sentido do esforço e têm a noção do perigo, e que o defrontam e o vivem por amor aos outros homens que ficaram, em todo o Mundo no cantinho do lar, ao calor do borralho e que sabendo os perigos naquela imensidão gelada, os haviam de alcançar de «maduros». Jack Bursey relata-nos mais do

bre um chão que ameaça ruir a todo o momento, gemendo, rugindo, troando; quando matam trezentas ou quatrocentas focas para alimentar os cães durante a longa noite antártica de quatro meses que se avizinha; quando sofrem a nostalgia e a angústia da escuridão antártica desafiando os nervos e fazendo-os temer o troar da noite silenciosa, bem pior que todas as tempestades de neve e de vento, bem pior que o terrível nevoeiro contra o qual lutar seria o mesmo que lutar com moinhos de vento. Bem proveitosa lição de humanidade!

Mas nada mais direi sobre o assunto. Por muito que dissesse, de resto ficariam aquém do relato de Bursey, relato por demais empolgante e vivido para ser separado em fragmentos. As aventuras são tantas e tão inesperadas que vale a pena embarcar, com ele até ao Pólo Sul, viver a noite antártica, espreitar o Sol nascendo, após ela por escassos momentos, para logo mergulhar de novo, gozar o luar colorido de verde, vermelho e amarelo. Partam com ele. E digam-me depois se não tenho razão em me extasiar com a aventura tamanha.

MARIA HELENA COSTA DIAS

(«Noite Antártica» de Jack Bursey, edição de Livros do Brasil—Coleção Vida e Aventuras, n.º 2).

FLASH

CHAMO-ME ZECA



Chamo-me Zeca e tenho uma mão cheia de anos e mais um dedo. Agora estou sózinho em casa, bem, estou quase sempre só. O pai vai trabalhar para uma casa chamada escritório. É uma casa muito alta. Eu já vi. Tem muitas janelas, as janelas estão quase sempre fechadas. E tem muitos corredores e muitas escadas. A mãe também trabalha. Sabem, faz os vestidos para as pessoas. Vai a casa delas, só vem à tardinha para fazer o jantar. Às vezes o pai também faz o jantar. Durante o dia eu fico em casa com a avó. A avó nunca sai da cadeira ao pé da janela. Passa o tempo a dormir. Eu brinco e vejo as figuras das ilustrações, não sei como é. Encosto a cabeça à ilustração e ponho-me a dormir. Quando acordo tenho um casaco do pai pelos ombros e olho na cozinha o zumbido da máquina de petróleo.

Estou sempre só, quer dizer, sem outros amigos. Gostava de ter um, palavra. Às vezes vou à janela e não a posso abrir, não sei como é. E daquelas que têm um ferro que se anda para a esquerda ou para a direita, não sei bem, e fecha lá em cima. Não a sei abrir, fico por detrás dos vidros. Lá fora é a rua. Quando os rapazes vêm da escola, de tarde, às vezes param aqui, a jogar o berlinde e o pião, andam à pancada na brincadeira. Farto-me de rir. Aquele russo, sardento,

Quando se abaixa fica com a fralda de fora. E faz muito barulho e muitos gestos. E' um faltar de rir. Depois eles vão-se embora e eu fico outra vez só.

Sabem, daqui da minha janela vê-se o mar. Era uma janela bonita se não estivesse sempre fechada. Vê-se o mar e ouve-se o mar. Eu já fiz uma viagem por mar. Fui a Cailhas, já ouviram falar. Fui de barco. Uma viagem muito bonita. Tive um bocadinho de medo, mas não aconteceu nada. Pois daqui ouve-se o mar, ouve-se os apitos dos barcos. Às vezes é um ronco que uma pessoa até fica sobressaltada parece um bicho.

Mas a gente não pode estar sempre com os olhos no mar. Vólto-me para trás, a avó está na cadeira, com o xale agarrado às mãos ambas, os brinquedos estão no chão, já tirei deles tudo quanto se pode tirar, está tudo muito caladinho. Imaginem! Foi por isso que me lembrei de vir perguntar se não queres vir brincar comigo, passar umas tardes comigo. Era tão bom! A mãe não se importava, o que ela não quer é que eu vá para a rua, deixa sempre a porta fechada. Não sabes aonde moro, mas eu explico. Vais, vais pela rua fora, depois encontras o jardim onde há uma árvore com flores azuis, depois sobes a ladeira onde está o marco do correio. Quando chegas aí cortas à tua direita até um sítio que é onde se vê o mar. Entrar numa rua estreita onde às vezes está uma velha com o ceto de amendoins nos joelhos. Nessa rua, naquela varanda, há uma gaiola com o passarinho lá dentro sempre a saltar de um lado para o outro e nos intervalos de saltar de um lado para o outro canta que se ouve até quando estou a dormir. Pois a minha casa é pegadinha a essa, tu entras, escusas de perguntar nada a ninguém, onde vives num patamar uma luz muito quietinha que parece que está a ouvir uma história, é aí a minha porta. O melhor é vires almoçar comigo que é quando a mãe vem a casa e depois torna a sair e depois já ficas. Não esqueças. Sou o Zeca que gostava de ter um amigo.

MANUEL AGRA

O QUE PENSAM OS NOSSOS AMIGOS

Que qualidades desejarias encontrar num professor?

O nosso Amigo n.º 428 — Helmut Janiga acaba de nos enviar um depoimento curioso. Ele tem 15 anos, está no 5.º ano do liceu e concebe o professor como uma espécie de autoridade. Por essa razão o que o preocupa não é enumerar as qualidades dum professor, mas aquilo que os alunos devem fazer para consagrar a autoridade do mestre. Diz-nos, com efeito, o seguinte:

«O professor é como se fosse uma autoridade de grande relevo a que devemos respeito. Se o professor disser para estarmos calados, nós devemos obedecer.

Se o professor for um pouco miúdo, como acontece com um professor meu, nessa aula nós devemos ainda estar com mais atenção, o que não sucede com alguns da minha turma, porque há sempre mal comportados que incitam os outros a segui-los.

Quando um aluno se encontrar por detrás dum professor de que não gosta, tem tendência para fazer-lhe caretas ou outras coisas feias, o que não se deve fazer, em virtude de termos de ter respeito em frente dum professor.

Tenho a impressão que o nosso bom Amigo Helmut é demasiado severo para com os seus colegas. Na realidade se defende, e com razão, que os alunos devem ter respeito em frente dum professor, na mesma ordem lógica não deve condenar os que não lhe têm respeito pelas... costas, pois é pelas costas, segundo diz, que os seus colegas mal comportados fazem caretas ao professor. A não ser que escreva, e com maior razão ainda, que o aluno deve ser respeitoso dentro da aula, esteja ou não em frente do mestre. Não será assim?

«Quando se dignarão alguns deles a descer do seu pedestal para se aproximarem um pouco que seja dos seus alunos?»

A nossa velhíssima Amiga n.º 273 — Maria da Guia Gaspar de Matos (é quartanista do liceu e vive na Figueira da Foz), pede apenas três qualidades, mas a maioria dos jovens que estudam concordarão certamente com ela. Diz:

«Gostaria que além de justo e compreensivo o professor fosse sempre um camarada.»

Eu disse que a grande maioria estaria de acordo com ela. Leiam o que nos escreve um Amigo de Viçeu, n.º 869 — Luís Duarte de Lemos Simões Gomes (terceiranista do liceu):

«Eu desejaria que um professor fosse compreensivo, tratasse todos com justiça e carinho, sempre bem disposto quando ensinasse. Querida, pois, que fosse um bom camarada.»

Mais velha (tem 19 anos) a Ana Maria C. M. Trovisqueira (percebe mos bem o nome?)—exige um programa mais vasto. Pede: «Espírito de justiça, competência para desempenhar o cargo que lhe incumba, e que, na minha opinião, é dos que acarretam maiores responsabilidades, pois dele depende o futuro duma nação.

Por isso mesmo, o professor não deve contentar-se com encher a cabeça dos alunos de conhecimentos teóricos e científicos. Eu penso que lhe compete ensinar o jovem a raciocinar; e penso ainda que cumpriria perfeitamente a sua missão se desempenhasse o importante papel de educador, ou completando a obra dos pais dos seus alunos, ou substituindo-se aos pais quando eles não existem.»

Parece-me altamente interessante continuar a registar estas opiniões.



Uma surpresa para vós

Ao contrário do que sempre tendes lido, jovens amigos, Atenas do tempo de Péricles não é aquele Paraíso de asseio, não é aquela cidade de belas ruas, largas avenidas de cómodas residências. Os Atenienses, além disso, não imitavam a perfeição das estátuas; tinham a pele rugosa porque não possuíam sabão, lavavam o corpo com substâncias demasiado corrosivas. Sua roupa conservava-se meses seguidos no corpo; ganhava a cor suja das civilizações que não conheciam o sabão; e ao ir à barreira, nunca conseguia recuperar a bela cor primitiva.

Isto significa muita coisa. Faz pensar muita coisa. Significa que o homem não pode ser asseado quando o progresso o não ajuda.

Esta elucidativa lição de História é-vos oferecida pela Companhia União Fabril—a mais antiga e a mais importante Empresa que em Portugal se dedicou a perseguir a imundície.

Elas demonstram que a nossa juventude pensa nos seus problemas e tem ideias bem firmes sobre o lugar que na sua vida devem desempenhar aqueles que têm a responsabilidade de os preparar para a vida. A estes respeito vem muito a propósito publicar o depoimento da nossa dedicada e velha Amiga Maria Guilhermina Claro Lobato, que todos os leitores conhecem. Foi vencedora dos dois Concursos Literários que até agora fizemos; tem 16 anos e frequenta o sexto ano liceal. Eis as suas palavras:

«Gostava que todo o professor fosse justo, compreensivo, muito competente (o que, evidentemente, não significa que fosse infalível), que se fizesse respeitar pelos alunos e se não esquecesse do reverso da medalha, que é o de os respeitar também. Nada disto excluiria um outro requisito: a arte de saber despertar o interesse dos jovens pelo

que ensina. Assim quase tudo estaria completo. Digo quase porque não posso reter o seguinte desabafo: Quando se dignarão alguns professores a descer do seu pedestal para se aproximarem um pouco que seja dos seus alunos?»

A Maria Guilhermina é inteiramente justa em tudo quanto diz. Não exige de mais. Toca mesmo algumas das questões fundamentais do ensino, quando pensa que o professor deve ter em alta conta a dignidade dos alunos; quando lembra que o bom êxito duma aula reside, em grande parte, no interesse que o professor soube despertar por ela; e finalmente que o bom pedagogo deve descer do seu pedestal e colocar-se fraternalmente ao nível do aluno. Qual dos nossos Amigos querá tratar destes assuntos num artigo mais desenvolvido? Aqui fica o convite.

TROTE



APONTAMENTOS DE REPORTAGEM

Um caso único



Todos aqueles que nasceram em Coimbra, ou que pelo menos viveram uns anos na cidade, devem conhecer pelo menos de nome, a Av. D. Afonso Henriques. Bom!... Avenida. Aquilo de Avenida só tem mesmo o nome. Perdão! Estou a mentir: tem uma coisa que deve ser única em Portugal e arredores. Eu explico, eu explico.

É normal em todos os jardins haver uns bancozinhos próprios para os parzinhos românticos, em noites de Lua cheia olharem as estrelas. Esses bancos geralmente são todos do mesmo formato para dar beleza e simetria ao local onde se encontram. Pois bem: a Avenida também tem bancos.

Até aqui nada de anormal. Avenida e bancos. Porém, os bancos da Avenida são de várias espécies, espécies essas que foram crismadas pelos alunos do L. Masculino, que

fica na mesma Avenida. Há os bancos completos chamados «Até Choras» em virtude de serem muito procurados por aqueles parzinhos românticos; há os bancos com assento mas sem costas, chamados os «Incompreendidos», pois que geralmente uma pessoa quando se levanta desses bancos depois de descansar um pouco nunca compreende onde rasgou as calças ou o vestido; há os bancos com costas mas sem assentos crismados de «Sonhadores», em virtude de uma pessoa quando passa por eles sonhar sempre com «dias» melhores; e finalmente há aqueles bancos chamados «Invisíveis» por só terem os pés ou os seus vestígios. Resta-me ainda a consolação de que haja esses vestígios, pois que mais tarde pode muito bem acontecer sermos visitados por turistas que ao depararem com tais restos digam compenetrados: eis aqui belos vestígios dos Mouros! Por tudo isto se conclui que o Município é muito conservador das suas preciosidades!

Sempre gostaria de ver e apreciar a cara que faria D. Afonso I se viesse a este Mundo e tivesse a pouca sorte de deparar com a sua esburacada e desbancada «Avenida»!

E ainda há pessoas que trovam: «Coimbra é uma canção, de «sonho» e tradição...» Sonho, hem?!

J. JOÃO G. VENTURA
Amigo n.º 223—18 anos

Diário de bordo

I — CORREIO DA SEMANA

Amigo 912 — Manuel Fernando Duarte Saraiva: Recebemos os teus trabalhos, a que oportunamente o crítico João fará referência.

Amigo 801 — Eduardo Ribeiro Santos (Que-luz): O teu prémio continua à espera da morada...

Amigo 800 — Maria Isabel Alves Calacho (Lisboa): O teu prémio não pode seguir por não sabermos a tua direcção.

II — MUITO AGRADECIDO...

pelas felicitações que nos enviaram ao atingirmos o segundo ano de existência. Evidentemente que o «JUVENIL» conta com todos vós, pois como poderia ser de outra forma?

III — ENTRARAM OS SEGUIN- TES AMIGOS:

894 — José António Calado Torres (Lisboa); 895 — Maria Elvira de Oliveira Gonçalves (Castanheira do Ribatejo); 896 — José Marques Viegas (Lisboa); 897 — João Carlos Pais Braga (Aveiro); 898 — Maria Julia Ferreira Inácio (Lisboa); 899 — Paulo Costa Dias (Lisboa); 900 — Isabel Maria Bettencourt Rodrigues (Lisboa); 901 — Flomema Bettencourt Rodrigues (Lisboa); 902 — Maria da Glória Bettencourt Rodrigues (Lisboa); 903 — Maria Amélia da Silva Fonseca (Lisboa); 904 — Maria Teresa Pais de Figueiredo (Lisboa); 905 — Vasco Manuel Fernandes Coelho (Torres Vedras); 906 — Ana Maria Martins Simões (Lisboa); 907 — Augusto dos Santos Costa (Coim-

bra); 908 — Jorge Manuel Barbosa Gaspar (Almada); 909 — Argentina Dourado Pinto (Lisboa); 910 — Hermínia Maria Costa e Sousa (Lisboa); 911 — Maria Celestina Vieira Santos (Barreiro); 912 — Manuel Fernando Duarte Saraiva (Lisboa).

Amigo 776 — Jaime Vileoso (Que-luz) — Podes estar descansado. Trocamos o livro. Obrigado.

Amigo 895 Maria Elvira Gonçalves (Castanheira do Ribatejo) — Aquil tens o teu número. De futuro, sempre que nos escrevas, deves indicá-lo. Podes fazer as perguntas, sempre que tenhas dúvidas. Se elas forem urgentes, deves pôr essa indicação; de contrário, teremos que atendê-las, segundo a ordem de entrada.

Amigo 416 — Maria Helena M. Coelho (Lisboa) — O facto de teres respondido certo à pergunta do concurso, não te obriga a prémio; dá, sim, direito ao sorteio.

Amigo 881 — Vítor Manuel Coelho (Lisboa) — A resposta que damos à tua irmã (?) é a que te cabe. De resto, não compreendo a vossa dúvida, pois que ambos foram premiados.

ATENÇÃO: — Alguns Amigos continuam a responder aos concursos, esquecendo-se de assinar ou de remeter as cartas. Claro que por este facto, ficam excluídos dos Concursos e da possibilidade de serem contemplados, o que é uma pena, depois de tanto trabalho. Tomem, pois, atenção!

Até sábado

TROTE

Esta semana, diz o médico...

Acção biológica dos isótopos radioactivos

pelo dr. AUGUSTO D'ESAGUY

Os radioisótopos, ao contrário do rádio, não emitem radiações alfa. Têm uma afinidade específica para cada tecido ou para cada grupo de tecidos.

Torna-se, portanto, possível irradiar aquele tecido ou grupo que se deseja. Isótopos, com vida e duração de algumas semanas, podem ser introduzidos, sem perigo, no organismo doente.

Os isótopos com longa vida e duração, como o C60, cuja existência activa é de, pelo menos, cinco anos, só devem ser aplicados externamente.

Os tecidos em estado de crescimento rápido e desordenado, em especial os tumorais, possuem uma afinidade muito especial para os isótopos.

A chamada fixação preferencial de um determinado isótopo tem um valor de diagnóstico positivo; contudo, a acção terapêutica pode ser nula ou ineficaz.

O P32 tem sido utilizado no diagnóstico dos tumores cerebrais por duas razões conhecidas: afinidade selectiva para as massas tumorais e concentração importante de fósforo no tecido cerebral.

O P32 só emite radiações beta, radiações estas que atravessam cinco a seis milímetros de matéria viva.

Torna-se, assim, necessário aplicá-lo localmente, isto é, após inter-

venção. Para esse efeito utiliza-se uma agulha especial (a agulha de Selverstone-Robinson) que se introduz no tecido do cérebro.

Determina-se desta forma a exacta localização do tumor cerebral, procedendo-se depois, e quando possível, à sua ablação.

Se o tumor não for extirpável, a aplicação do isótopo passa a ter um significado terapêutico. A localização topográfica de um tumor cerebral pelo processo indicado permite a implantação local do P32 ou de grãos de Au198.

A detecção externa só é possível mediante um isótopo com emissões de radiações gama. De princípio utilizou-se, em grande escala, a fluorescina, sinalizada pelo Iodo 131. Mostrou-se, porém, mais vantajoso o Arsénio 74 e o Arsénio 76.

Por um processo especial, denominado técnico para os não especialistas, determina-se a predominância direita ou esquerda da emissão radioactiva e, consequentemente, a fácil localização do tumor. Os resultados dependem da natureza histológica da massa irradiada. Certos tumores são fáceis de diagnosticar, mas há outros, pouco vascularizados, difíceis de verificar. Sabe-se hoje, comparando os processos de diagnóstico, utilizando isótopos ou o electroencefalograma, que a percenta-

gem de tumores cerebrais diagnosticáveis é de mais ou menos sessenta e cinco por cento.

Deve-se sempre, ao procurar fazer o diagnóstico, utilizar os dois métodos, estabelecendo-se desta maneira uma melhor «controle».

Recente é a detecção dos tumores ósseos pelo Gálio 72 ou 67. Tais isótopos emitem partículas gama e têm afinidade acentuada pelo tecido ósseo.

Com estes dois isótopos tornou-se possível apreciar devidamente as diferenças de fixação existentes entre os tecidos tumoral e o sã.

Quando o aumento é de 25 por cento, trata-se de uma afeição inflamatória benigna ou de uma distrofia. De cinquenta a trzentos por cento tudo indica a presença de um tumor maligno, por exemplo, um sarcoma. Torna-se necessário, porém, tomar precauções especiais: as doses altas deste isótopo são tóxicas.

O Iodo131 apresenta particularidades especiais. A fixação deste isótopo pela glândula tiroide é, mais ou menos, proporcional à actividade endócrina da mesma. Revela, pois, um grande valor de diagnóstico o teste da fixação do iodo.

Quando se administra, em altas doses, Iodo131, as radiações podem sustar o desenvolvimento anormal ou destruir a glândula. O Iodo131

tem também uma acção terapêutica muito importante.

O teste de fixação pelo Iodo131 exige que os doentes não tenham feito tratamentos de iodo nas últimas seis semanas. Os medicamentos de síntese, utilizados na rotina clínica, não devem ser tomados nos dez dias anteriores ao teste.

Deve certificar-se que a função renal se encontra íntegra. Este teste tem um valor real, apesar dos resultados se apresentarem por vezes em contradição com os dados colhidos durante o exame clínico.

Já se afirmou que este teste teria mais importância do que o estudo do metabolismo basal.

A afirmação não corresponde à verdade. O Iodo131 e o metabolismo basal aquilatham dados diferentes. O segundo indica-nos a resposta à impregnação, pelo organismo, da hormona e o isótopo a avidez da glândula pelo iodo circulante.

A fixação do iodo, ao nível da tiroide, nem sempre corresponde à secreção hormonal. Além disso, o Iodo131 permite precisar a topografia das zonas que fixam o iodo radioactivo. Serve para a localização das metástases.

A terapêutica clássica das afeições da tiroide (determinadas afeições) baseia-se ainda nos medicamentos de rotina: iodo e produtos de síntese.

O recurso ao Iodo131 e à cirur-

gia justifica-se, porém, nas formas graves ou rebeldes aos tratamentos indicados.

O Iodo131 está indicado nos bóci os altamente tóxicos, nas formas complicadas, nas recidivas pós-cirúrgicas e, ainda, quando a função se encontra associada à diabetes e à tuberculose pulmonar.

Acentua-se que o iodorradioactivo é pouco usado em doentes com menos de quarenta anos, devido aos riscos, aliás teóricos, das mutações genéticas: irradiações dos órgãos reprodutores.

O Iodo131 não eclipsou o tratamento cirúrgico. Substituiu, sim, a radioterapia e a curieterapia.

Vem a propósito referir que os radioisótopos podem ser seguidos, no organismo, até à sua completa eliminação.

A excreção renal dos isótopos é rica de ensinamentos: o índice baixa nas nefrites crónicas e também nas insuficiências cardíacas.

Pode-se ainda estudar o funcionamento glomerular e tubular, além da colheita de outros dados assaz elucidativos.

Muito há ainda a dizer sobre o tratamento das doenças do sangue, o da poliglobulia, o das leucemias mielóides crónicas e ainda o da leucemia linfóide pelo P32.

Noutra oportunidade voltaremos a ocupar-nos deste magno problema da medicina moderna.

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

O corpo de Warren Gantt foi encontrado por um visitante tardio na sala de estar do amplo palacete em Maryland, entre o rio Patuxent e a baía de Chesapeake. Verificando que o rico quinquagenário fora atingido por cinco tiros na nuca, o xerife Buckler, o procurador do Estado, Arthur M. Dowell, e o médico-legista compreendiam a complicada tarefa que os aguardava. Tinham de esclarecer o enigma do assassínio daquele famoso inventor ou afrontariam o tremendo clamor dos seus amigos, poderosamente influentes. Começaram pelo exame atento ao cadáver.

—Foi morto há cerca de vinte e quatro horas — disse o médico — Quando se fizer a autópsia, guardarei as balas!

Inclinou-se a briu cuidadosamente a mão direita de Gantt, que se enclavinhara.

—Tenos aqui qualquer coisa? Quatro cabelos loiros estavam enleados nos dedos do morto. Havia mulher no caso.

—Houve aqui grande festança! — exclamou o xerife Buckler, enquanto relanceava os olhos pela sala.

Viam-se por cima das mesas garrafas completamente vazias e outras quase esvaziadas; e, ao lado do sofá, os cinzeiros estavam cheios de pontas de cigarros, metade das quais, pelo menos, com manchas vermelhas. Dowell pegou num pedaço de papel e começou a embrulhá-las.

—As mulheres eram duas. Estas pontas têm *báton* vermelho carregado, tal como o preferem as morenas, ao passo que as restantes mostram um *báton* vermelho-laranja. Gantt estava agarrado à loira quando foi alvejado.

Os investigadores examinaram as possibilidades. A loira ter-se-ia levantado, colocando-se atrás de Gantt, e desfechando os cinco tiros nas suas costas? Seria outra pessoa a disparar, para libertá-la das garras do ricaco? Necessitavam de mais informações e continuaram nas pesquisas.

—Não tem nada nos bolsos — disse o médico. Se trazia carteira ou algum maço de notas, foram-se!

Foi passada minuciosa busca no quarto de dormir, no andar de cima, sem sinais de carteira ou de dinheiro. As gavetas dos móveis estavam abertas e tinham sido remexidas. Na cozinha, num monte de loiça por lavar, a atenção dos homens fixou-se especialmente em quatro xícaras.

Quatro cabelos loiros e pontas de cigarros com «báton»

—Parece-me que há um ponto certo — disse o xerife —. Warren Gantt vivia sozinho, com um criado que mandava sair quando dava festas. Era coisa notória. Assim, deve ter dado, ontem, uma festa na qual entraram duas mulheres: uma loira e outra morena. Como nesta quarta chavena não existe marca de *báton*, deve ter havido mais um homem para completar o quarteto. Por qualquer motivo, armou-se uma zangarata ou houve tentativa de roubo. Seja como for: Gantt agarrou a loira pelos cabelos e atiraram-lhe a matar. Depois, saquearam a casa e, com certeza, roubaram o dinheiro. O que precisamos já de saber é quem foi que o matou e se apoderou do dinheiro, para metê-lo na cadeia, sem demora.

—A coisa parece muito simples, não resta dúvida! — comentou Dowell, com ironia — Por onde vamos começar?

—O senhor é o procurador — respondeu Buckler —. Eu limitei-me a esboçar o problema.

—E se dêssemos uma vista de olhos do exterior? — atalhou Dowell.

O terreno em volta estava seco e endurecido, naquela tarde de Julho, e não apresentava vestígios de pegadas ou rastros de pneus que pudessem fornecer qualquer indício. Observaram, no entanto, que estavam abertas as portas da garagem, de onde desaparecera o automóvel de Gantt.

—Poderíamos apostar que até o carro lhe levaram! — comentou Buckler —. Vamos averiguar qual

era o numero de matrícula e dar o alarme.

Pouco mais foi possível fazer naquela tarde, mas os agentes Presley e Trice, que vieram colaborar nas investigações, conseguiram encontrar o criado de Gantt.

—O senhor Gantt mandava-me sempre sair quando dava alguma festa — disse ele —. Mandava-me preparar muita comida, muitas bebidas e cigarros, e dizia-me que fosse para minha casa, aguardando que me chamasse. Foi o que fiz, também desta vez.

—Não viu os convidados? E não sabe quem ele convidou?

—Não, pois saí antes de eles chegarem.

Assim, não havia outra coisa a fazer. Tinham de soltar o homem e dar o alarme pela rádio, comunicando o numero do automóvel desaparecido. As balas extraídas durante a autópsia indicavam tratar-se de um revólver de calibre 38.

Os cabelos eram de um loiro natural. Na sala da residência de Gantt foram recolhidas as impressões digitais marcadas nos copos: umas eram dele; as outras, de duas mulheres e um homem.

A intervalos regulares, eram repetidos os alarmes, enquanto os investigadores ouviam os amigos e parentes da vítima, procurando algum esclarecimento sobre as pessoas que Gantt tivesse conhecido recentemente. A certa altura, uma comunicação telefónica fê-los partir velozmente para a praia de Indian Head, onde havia uma base naval,

Texto integral

do conto de

Fred Dickenson

dos em qualquer encruzilhada — opinou Buckler —. Agora, há-de ser difícil encontrá-los.

Alguns dias depois, o funcionário de um hotel em Fairview, na Virgínia, recebia, no vestibulo, um homem novo, de cabelos pretos:

—Bom dia, senhor Gantt! Então gostou do passeio?

—Muito! — respondeu o jovem, que, a seguir, perguntou —: Poderia fazer-me um favor?

—Pois claro, senhor Gantt! De que se trata?

O homem puxou da carteira, da qual tirou um cheque:

—Desconte-me isso. Está endossado por mim, mas repare que não é um cheque pessoal. Foi emitido por uma das maiores firmas de Baltimore.

O empregado notou que o cheque fora emitido a ordem de Warren Gantt e que o jovem o endossara como Warren Gantt. Lembrou-se, então, de ter o homem, quando se inscrevera no hotel com a sua loira esposa e uma prima morena, assinado Warren Gantt.

O jovem notou a hesitação.

—Não se preocupe: tem aqui a minha carta de condução e o registo do carro — disse ele, passando-lhe os documentos que estavam em nobre de Warren Gantt.

nas margens do rio Potomac, a cerca de 50 quilómetros a Leste de Washington. Ali encontraram, abandonado, o «Buick» de Gantt. Todas as impressões digitais tinham sido, porém, apagadas.

—Tiveram medo de ser apanha-

—Quer fazer o favor de o endossar outra vez à minha vista? É uma simples formalidade.

—Evidentemente! E, sem qualquer hesitação, assinou: Warren Gantt.

—Não tenho todo esse dinheiro no cofre — disse o empregado —, mas vou arranjá-lo e levo-o ao quarto.

O hóspede agradeceu e retirou-se. E, imediatamente, o funcionário telefonou para a Polícia:

—Está aqui um hóspede que diz chamar-se Warren Gantt, mas nem sequer sabe assinar o nome correctamente. Não poderiam dar por aqui um relance de olhos?

O agente que recebeu a informação deu um pulo na cadeira e recomendou:

—Não o perca de vista! Presley e Trice aparceram no quarto do hotel onde o homem, a loira e a morena esperavam pelo dinheiro. As mulheres empalideceram e o homem barafustou. Quando os separaram, a fim de interrogá-los, escolheram a loira para ser ouvida primeiro. Buckler esperou, pacientemente, que ela fumasse um cigarro, e depois colocou a ponta manchada de *báton* vermelho-laranja junto de outra que tirou de um embrulho. Confrontando-as, perguntou-lhe, amavelmente:

—Parecem-se uma com a outra, não acha?

—Parece-me que sim! — respondeu a loira, baixando os olhos.

—Esta veio de casa de Warren Gantt — continuou o xerife, que logo lhe mostrou os quatro cabelos loiros —: Estes também condizem com os outros e com os seus... Foi você quem matou Warren Gantt e o roubou!

Debulhada em lágrimas, a loira disse, a soluçar:

—Foi o Walter quem o matou!... Tive medo de ficar e fugi com os outros...

Tinha sido ela, a loira Margaret Abell, quem combinara a festa com Warren Gantt. Acompanharam-na Betty Bierer e Walter Stinett, e qual quis roubar um maço de notas que Gantt mostrara.

—Walter puxou do revólver e Warren agarrou-me, dizendo que fora eu quem os levá-lá — confessou a rapariga —. Depois, Walter disparou, roubou o dinheiro e fugimos no carro.

Walter Stinett, que tinha dois ti no final do apelido, esqueceu-se como se escrevia Gantt. Isso valeu-lhe ser descoberto, submetido a julgamento e condenado, com as suas cúmplices.



Sociedade Instaladores Térmicos Reunidos, Lda. — Av. António Augusto Aguiar, 7-A — Telefone. 41110-45301

AQUECIMENTO CENTRAL

AR CONDICIONADO

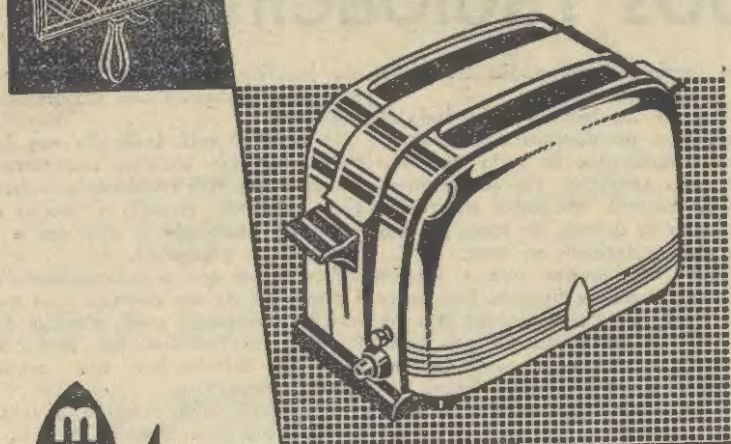
VENTILAÇÃO

REFRIGERAÇÃO

Queimadores OIL-O-MATIC

MORPHY-RICHARDS

TORRADEIRA AUTOMÁTICA



- Totalmente automática permite tratar o pão ao seu gosto pessoal.
- 2 torradas simultâneas desde um minuto.
- Cromado, numa linda apresentação, indispensável ao conjunto de sua mesa de pequeno almoço.

ESTABELECIMENTOS **Sida, LMTDA**
RUA DE S. NICOLAU, 44-48 • TELEF. 33027



V. EX.ª ESTÁ NOIVA?

Tecidos e rendas para lingerie e vestidos de noiva. Linhos e panos nacionais e estrangeiros. Toalhas e naperons em todos os estilos e tamanhos. Tem o maior sortido a preços sem concorrência

Lavores femininos

AVENIDA GUERRA JUNQUEIRO, 3-D—TELEF. 727779
ESPECIALIZADOS EM ENXOVAIS

REGIME LÁCTEO PARA EMAGRECER

à base de Algas, Leveduras e Yoghurt

Alimentação magra Adypok

Preço ultra económico de 1\$00 por refeição.

Peca em postal literaturas gráficas para a FAL — Apartado (Central) 142 — LISBOA

Representação da

LYNDEX — Piccadilly — LONDON.

Embalagem equivalente a 50 refeições . . . 50\$00

Embalagem (tipo ensaio) para 20 refeições 22\$50



Bronzeie-se

Maravilhosamente com **SKOL** que não é gorduroso nem oleoso

Bronzeie-se desde o primeiro dia ao sol — confortavelmente sem os inconvenientes dos produtos gordurosos ou oleosos. SKOL opõe uma barreira aos raios solares que queimam — só deixando filtrar os que bronzeiam — Não suja a pele — Não deixa que o azeite se agrie.

Usada por esta pessoa de que qualquer outra loção de bronzear



Esta blusa é feita de «crêpe» Hils no tom das violetas de Parma e idealizada num drapeado muito original que se deve ao bom gosto de Madeline de Ranch



A orientação da moda no sentido de alcançar o máximo da simplicidade, dá-nos modelos como este que consta de uma saia de Rioplex castanha escura e de uma blusa de «jersey» branca, verde e castanha no tom da saia. A blusa é de enfiar pela cabeça não tendo, por isso, abotoadura. Deve-se este modelo ao espírito criador de Rodier Label Intera

Uma blusa de bonito drapeado



Conselhos e receitas

Pimenta

Não uso deitar nas comidas a pimenta em grãos o que eu considero um desperdício. Meto os grãos de pimenta, inteiros, no moedor próprio e só tempero com pimenta qualquer alimento pouco antes de o levar para a mesa, moendo-a nessa altura e servindo-a, desse modo, com todo o seu aroma.

Sobras de arroz doce

Quando me sobeja uma pequena porção de arroz doce faço com ele uns croquetes que envolvo em farinha, depois passo por ovo batido e, finalmente, por pão ralado. Frito-os, depois, em óleo fervente e polvilho-os com açúcar misturado com canela. Sirvo-os acompanhados com qualquer compota de frutos ácidos.

Mãos e pés

Nunca me deito, à noite, sem primeiramente, depois das lavagens habituais, aplicar, nas mãos e nos pés, um pouco de creme fazendo uma leve massagem que, além de estabelecer uma boa circulação, amacia a pele e dá melhor aspecto às unhas.

PARA PESTANAS FRACAS, PEQUENAS OU POUCO ABUNDANTES



TACIDIL

O mais eficaz revigorante das pestanas, moderno e prático tratamento pelo qual a mulher moderna consegue dar aos olhos um encanto novo, natural e fascinante. TACIDIL, faz crescer e facilita a ondulação das pestanas. À venda nas boas casas da especialidade.

Distribuidor: C. Santos Carvalho
Apartado 20/96 — Telefone 773029

PERGUNTE para saber

BIA ALENTEJANA — Para dar menos mau aspecto a uma cicatrização resultado as aplicações de pomadas feitas com óleo de figado de bacalhau ou mesmo as aplicações de óleo puro que é muito mais barato. Mas, isto, não basta. Por que não se faz observar por um médico especializado em estética? Dirija-se ao Instituto de Oncologia e expõe o seu caso. Verá que emprega bem o tempo.

MAGRIZELA — A mudança do corte de vestidos e casacos, imposta, pela moda, nesta Primavera, foi muito brusca e, portanto, mal recebida por grande parte de senhoras que não gostam de chamar as atenções. Assim se mantém uma indecisão que trás alarmado o comércio de tecidos e as modistas que afirmam estar tudo parado. Com efeito, muitas senhoras limitaram-se a subir um pouco as bainhas das saias e vão usando os fatos do ano passado dizendo que nada compram porque não estão para estragar tecidos com uma moda que não pode durar e não se transforma facilmente noutra.

Como podemos nós dizer-lhe, estimada leitora, se a moda dessa fela moda como diz, passa ou flutua? Em anos passados já a tivemos

Os meus segredos

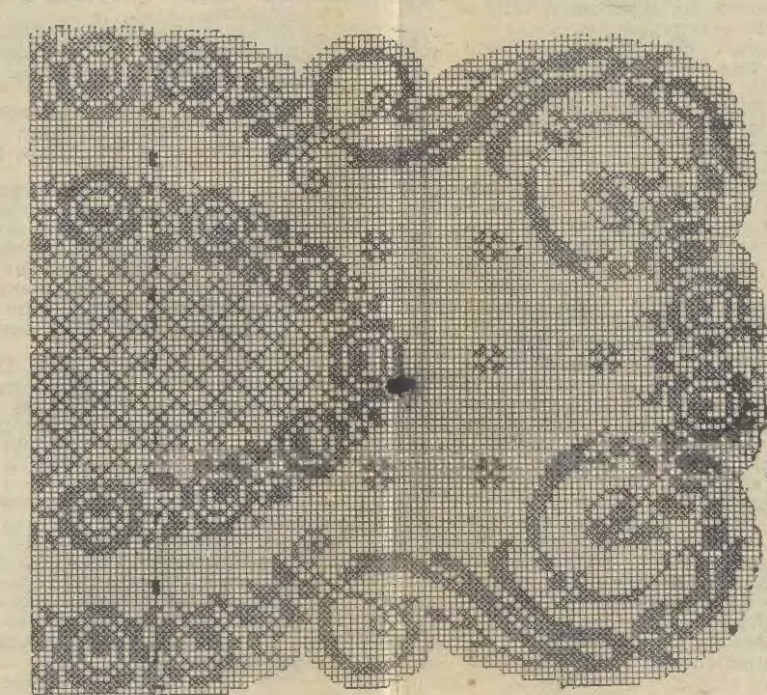
Sempre que vou encher uma caneta de tinta permanente la-vo-a primeiro com água avinagrada.

Quando não há tomate dou a cor rosada aos alimentos juntando-lhes uma porção de cenouras raladas.

Costumo juntar um dente de alho ao óleo onde frito as batatas o que torna estas imensamente saborosas.

GATA BORRALHEIRA

Centro de mesa em «crochet»



São sempre do agrado geral os nossos desenhos para «crochets». Hoje apresentamos o desenho de um centro, para mesa rectangular, que deverá ser executado na malha de abertos e fechados com linha Mercer Corrente, branca ou cor, n.º 60, para atingir 0,80x0,42 m. Este mesmo desenho no tamanho natural importa em 10\$00 e pode ser requisitado na nossa Administração ou pelo correio. Neste último caso, os pedidos, devem dirigir-se à Página da Mulher. «Diário de Lisboa». Rua da Rosa, 57, 2.ª Lisboa. A cobrança, mais 2\$00



Sala confortável onde se pode comodamente, ler, jogar, tocar piano, receber visitas ou servir um «cocktail»

SAÚDE E BELEZA

Os cotovelos

Os cotovelos, devido à sua função, apresentam-se, muitas vezes, com aspecto desagradável, mas se os tratarmos com os devidos cuidados evitamos esse inconveniente.

As pessoas magras com os cotovelos pontiagudos e descarnados devem fazer-lhes massagem depois de os terem untado, abundantemente, com um creme gorduroso, chamados «de alimentos», à base de lanolina.

A massagem de um cotovelo faz-se colocando-o no côncavo da mão oposta e fazendo com esta movimentos de rotação.

Quando os cotovelos são rugosos e escuros, além das massagens feitas com o creme gorduroso, é conveniente, de tempos a tempos, mergulhá-los em óleo de amêndoas doces. Deita-se o óleo em duas tijelas e ali se mergulham os cotovelos.

Deve ter-se o maior cuidado em não se apoiar os cotovelos nas mesas, nos peitoris das janelas, nos balcões das lojas, etc.

Muitas pessoas que gostam ou necessitam de ler na cama têm por hábito apoiar-se sobre os cotovelos que, assim, ficam vermelhos e enrugados, endurecidos e, com a continuação tomam a cor acinzentada que tanto os deprecia.

A falta de glândulas sebáceas nos cotovelos é a razão deles serem secos, rugosos, escuros e facilmente calefáveis. É, portanto, de máxima conveniência untá-los todas as noites com creme gorduroso ou glicerina.

Para branquear os cotovelos dá bom resultado friccioná-los com limão. Para isso guardam-se as me-

Máquina de **TRICOTAR** **BUSCH**
APENAS POR 115\$ MENSAL
CHEGOU NOVA REMESSA DA MAIS SIMPLES, ECONÓMICA E SENSACIONAL MÁQUINA DE FAZER «TRICOT»
REPRESENTANTES:
AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, Lda
Avenida Fontes Pereira de Melo, 37
Telef.: 59181-2-3 — LISBOA



A cor fresca das flores criada para si por CUTEX

Pétalas cor de rosa, corais dourados pelo sol, todos os tons rosa, imagináveis... cores ricas de jardins primaveris, graças a CUTEX, florescem nos mais lindos lábios na cidade. E o baton CUTEX é mais macio, mais duradouro... conserva-se ao comer, ao fumar e mesmo depois dum beijo. A sua fórmula à base de creme de lanolina pura, nunca seca nem mancha... conserva os lábios brilhantes, vivos, realmente deslumbrantes de cor duradoura.

Compre o seu baton CUTEX STAY FAST AINDA HOJE — numa paleta colorida como um jardim... com um tom para cada tom de pele, e para cada um dos lindos vestidos que você usa!

PARA BELEZA DURADOURA...
BATON **CUTEX** STAY FAST

NOVA AUTOMÁTICA SINGER* 319

COM ALAVANCAS. ALEM DE DISCOS

Maravilhosa! Basta um simples toque numa alavanca e passa a fazer recortes, zigzague, cordão e uma infinita variedade de pontos ornamentais.

SUA CASA É PEQUENA? Isso não a impedirá de ter máquina de costura de qualquer modelo, incluindo os automáticos.

SEJA MODERNA, compre uma SINGER portátil, facilmente transportável para campo ou praia.

A melhor organização de Fabrico e Venda de Máquinas de Costura em todo o Mundo.

* Marca Registrada de The Singer Manufacturing Co.

Já leu o «SEMPRE FIXE»? Então leia!

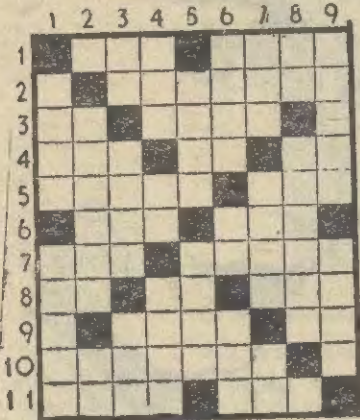
DIÁRIO DE LISBOA

EFEMÉRIDES

No dia 10 de Maio de 1940 a Alemanha declarava a guerra à Holanda, Bélgica e Luxemburgo.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)
Problema n.º 1236



HORIZONTAIS: 1—Igual. Serve. 2—Artigo definido. Relativo aos cafres. 3—Símbolo químico do rubídio. Título de uma das obras de António Correia de Oliveira. 4—Altar. Alto afi. Artigo definido. 5—Sagrado. Azáfama. 6—Origem. Salário de soldado. 7—Semelhante. Fecha. 8—Satélite de Jupiter. Em partes iguais. Letra grega. 9—Preposição. Junta. Figura. 10—Elogiosos. 11—Pregas. Santo.

VERTICAIS: 1—Discursas. Nome de homem. 2—Apelido. Céu. 3—Antes de Cristo. Anual. Falda. 4—Pátria. A ti. Fileiras. 5—Roupa. Irão de Abel. 6—Canção. Pretexto. Preposição e artigo (pl.). 7—Ocação. Irral. Apellido. 8—Frequentativa. Dá. 9—Amacia. Ilha situada no Pequeno Belt.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 1235

HORIZONTAIS: 1—Lava. ONDE. 2—Eram. Lear. 3—Idem. 4—Ad. NAO. Pé. 5—Ria. VAL. 6—Adoção. 7—Aba. Ata. 8—Ló. Cid. Ar. 9—Ursos. O. DONO. Liam. 11—Asas. Oria.

VERTICAIS: 1—Levar. Aluda. 2—Ar. Diabo. Os. 3—VAL. Ada. Una. 4—Amon. O. Crós. 5—Danças. 6—Óleo. DOLO. 7—Nem. Via. Sir. 8—Dá. Pasta. Al. 9—Errei. Aroma. Provérbio: ONDE NÃO VAI O DONO VAI O DOLO.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL—A's 21 e 45 — «Uma mulher extraordinária».
TRINDADE—A's 21 e 45 — «Um serão nas Laranjeiras».
MONUMENTAL—A's 21 e 45 — «Um fantasma chamado Isabel».
AVENIDA—A's 20.30 e 22.45 — «Pogo no pândeiros».
VARIEDADES—A's 20.30 e 22.45 — «Pernas à vela».
ABC—A's 20.45 e 23 — «Lisboa em festa».
COLISEU—A's 21 e 30 — «Holiday on Ice».

CINEMAS

TIVOLI—«Sol no coração».
SÃO LUIZ—«Esta terra amarga».
SÃO JORGE—«Os destemidos».
EDEN—«O garoto de Charlott».
IMPERIO—«Sayonara».
ROMA—«O homem das mil caras».
CONDES—«Corrida para a morte».
ALVALADE—«Esta terra amarga».
MONUMENTAL—«O pintor... e os modelos».
AVIS—«O homem das mil caras».
ODEON—«Zalacain, o aventureiro».
CAPITOLIO—«Dino».
POLITEAMA—«Amar não é pecado».
OLIMPIA—«O regresso do monstro».
IDEAL—«Tempos modernos».
RESTELO—«Duelo no Atlântico».
JARDIM—«Paixão de marinheiro».
PROMOTORA—«O filho pródigo».

Blusas
Casacos
Franceses
TORRE EIFFEL
104—Rua do Carmo—106

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE—Em Portugal continental o vento era moderado de vários rumos, o céu estava muito nublado e chovia em algumas localidades por acção de uma massa de ar húmido e instável.

Temperaturas às 9 horas: Penhas Douradas, 14°; Porto, 15°; Lisboa, 16°; Funchal, 17° e Faro, 22°.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ—Céu muito nublado, diminuindo de nebulosidade para a tarde de amanhã. Períodos de chuva durante a noite e manhã. Vento fraco, tornando-se moderado de Sudoeste e rondando para Noroeste durante a tarde de amanhã. Pequena descida de temperatura no dia 11.

HA TRINTA ANOS

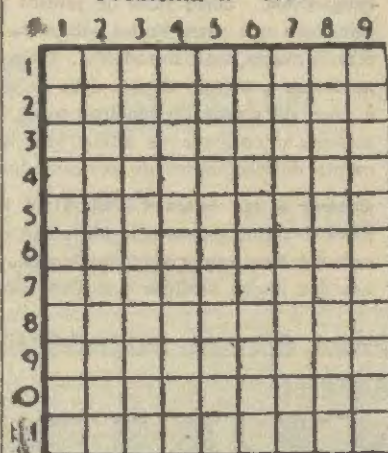
Do «Diário de Lisboa» de 10 de Maio de 1928:

«As declarações feitas pelo ministro das Finanças, perante os representantes da imprensa, produziram profunda impressão. O sr. dr. Oliveira Salazar falou durante pouco mais de uma hora. Aproveitou a ocasião, e esse foi o ponto essencial da exposição lucida e despretensiosa que fez, para acentuar as características essenciais do seu programa de política financeira, que começou a ser conhecido e começa a interessar o País. O sr. dr. Oliveira Salazar, que tem pelas suas próprias opiniões o respeito de todos os homens de estudo e de carácter, salientou a pretensa incoerência que existe entre um critério posto largamente nos jornais e o seu procedimento nesta altura. Disse que os funcionários estão mal pagos e começa por tributar o funcionalismo. Disse que a regeneração financeira do País devia ser produto de uma compressão de despesas e começa a aumentar os impostos. A pretensa incoerência mantém-se até que possa executar cabalmente o seu plano».

PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 3031



HORIZONTAIS: 1 — Estado da Europa. 2 — Gostar muito de. Motivo. 3 — Preposição. Ulmeiros. 4 — Saudáveis. Pega. 5 — Amarrei. Apellido. 6 — Carcomeram. 7 — Artigo definido. Vila e concelho do distrito de Évora. 8 — Apellido. Ente. 9 — Argumento que coloca o adversário entre duas proposições opostas. A mim. 10 — O sono das crianças. Caixa forrada para roupas. 11 — Esposo.

VERTICAIS: 1 — Desarmónias. 2 — Apellido. Satélite de Jupiter. 3 — Batráquio. Estar. Artigo definido (ant.). 4 — Nome de mulher. Espécie de poema em prosa de José de Alencar. 5 — Guarda segredo. Estimar. 6 — Enfurecessem. Naquele lugar. 7 — Canhamo de Manila. Letra grega (pl.). Preposição latina que indica direcção. 8 — Poeira. Curem. 9 — Deixarem de amamentar.

Solução do problema n.º 3030

HORIZONTAIS: 1 — Lavoisier. 2 — Ali. Sois. 3 — Da. Usal. 4 — Os. Er. 5 — Sic. Sota. 6 — Receberam. 7 — Aral. Mal. 8 — Pá. Em. 9 — Abas. Ré. 10 — Ciro. Sim. 11 — Assestara.

VERTICAIS: 1 — Lada. Rapa. 2 — Ala. Será. Cs. 3 — Vi. Rica. Als. 4 — Célebre. 5 — Isso. Mãos. 6 — Soassem. 7 — III. Oras. Sá. 8 — E's. Etal. Rir. 9 — Eram. Tema.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO 1 — União — Estrada de Benfica, 592-594, Tel. 780092; Vitex—Estrada de Benfica, 373-B, Tel. 780548; Curie — Avenida Madame Curie, 15-A, Tel. 778439; Leal de Matos—Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Laranjeiras (Das)—R. Filipe da Mata, 160-162, Tel. 761035; Central do Lumiar — Rua do Lumiar, 77, Tel. 779480; Brasil — Avenida Rio de Janeiro, 66-66/A, Tel. 722368; Sanex—Avenida da Igreja, 31-C, Tel. 776905; Belmar — Avenida de Roma, 53-A, Tel. 776314; Algarve — Avenida de Roma, 7-B, Tel. 777478; Garantia — Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 5-A/B, à Praça do Azeiteiro, Tel. 727300; Onilda — Avenida João XXI, 13-A, Tel. 726848; Campo Pequeno (Do) Av. da República, 58-D-E, Tel. 771661; Vale—Avenida Marquês de Tomar, 45-49, Tel. 773043; Palma — Avenida Duque de Ávila, 25-31, Tel. 47088; Império, Ld. — Rua Filipe Folque, 40-A/B, Tel. 48002; Salus — Rua Luciano Cordeiro, 73, Tel. 42239; Ascenso — Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Conceição — Calçada D. Castão, 30-32, Tel. 381279; Luzmar — Rua 2, 16—Bairro de Santa Engrácia, Tel. 728395; Pereira, Suc.—Rua do Paraíso, 98-100, Tel. 863224; Silva — Calçada de Santo André, 16, Tel. 862074; Branquinho — Rua dos Sapadores, 87, Tel. 842725; Ibéria — Rua Barão de Sabrosa, 235-A—Alameda, Tel. 728277; Candido Monteiro — Av. Almirante Reis, 121-B, Tel. 45751; Góis, Ld., Suc. — Rua dos Anjos, 12-C/D, antiga Rua do Registo Civil, Tel. 840101; Ribeiro & Castro, Ld. — Rua Braamcamp, 58, Tel. 43409; Salutar — Rua B, 75-A/B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Judice de Oliveira — Rua de Campolide, 54-A, Tel. 684424; Pinheiro — Rua de Campo de Ourique, 131-133, Tel. 663640; Janeiro — Avenida Álvares Cabral, 100, ao lado do Liceu Pedro Nunes, Telefone 661453; Tagus — Praceta Possidónio da Silva — lote 3, Tel. 669485; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3, Tel. 610256; Gomes, Suc. (Gonçalves) — Rua da Junqueira, 326, Tel. 638193; Costa — Rua dos Lusíadas, 32, Tel. 636704; A. César — Rua Prior do Crato, 74, Tel. 660187; Pinheiro — Rua Presidente Arriaga, 16, Telefone 661867; S. Nunes Simões, Suc. — Rua do Quelhas, 1, Tel. 661275; Africana — Rua Bernardino Costa, 45, Tel. 29120; Pinharanda — Rua da Rosa, 94-96, Tel. 21534; Lima Amaro, Suc. — Praca da Alegria, 27-28, Tel. 21149; Cortez — Rua de S. Nicolau, 93, Tel. 25378 — A —

AVISO

HORÁRIO DOS COMBOIOS ZONA SUL VIA FLUVIAL e TRANVIAS entre LISBOA, SEIXAL e PRAIAS-SADO (Cartaz D 821-35)

Previne-se o Público de que, a partir do dia 12 de Maio de 1958 e até aviso em contrário, são estabelecidas, entre Barreiro A e Seixal, as seguintes classes, com as marchas abaixo indicadas, não se efectuando, porém, aos domingos e feriados oficiais a estes equiparados:

Barreiro A	P.	8-00
Terrapleno (ap.)	»	8-02
Azinheira (ap.)	(a) 8-05	
Seixal	C.	8-07
Seixal	P.	8-20
Azinheira (ap.)	»	8-22
Terrapleno (ap.)	C.	8-25
Barreiro A	»	8-28

(a) Efectua paragem em Azinheira quando houver passageiros para embarque ou desembarque, devendo os que ali se destinem prevenir o chefe de Barreiro A. Lisboa, 7 de Maio de 1958.

PIANOS

Verticais e de Cauda

ALUGAM-SE

Est. Valentim de Carvalho, Lda.

95, Rua Nova do Almada, 99

LISBOA



— Minha mulher não está. Foi ali ao lado dar um recadinho a uma vizinha e deve estar de volta daqui por umas três ou quatro horas...

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA—As 18, Noticiário e danças; 18 e 40, Trechos de operetas; 19, Desdobramento; 21, Noticiário; 21 e 15, Desdobramento; 23 e 45, Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A»—As 19, Emissão infantil; 19 e 30, Trechos em piano; 19 e 45, Aguarda brasileira; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Música ligeira sinfónica; 20 e 30, Que quer ouvir?; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Trechos em viola espanhola; 21 e 30, Comentário político; 21 e 45, Serão para soldados, no intervalo, «Vozes do Mundo»; 23 e 30, Danças; 23 e 45, Junção dos emissores.

Programa «B»—As 19, Aspectos da música moderna; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Concerto de camara, no qual colaboram a pianista Maria Leonor Fernandes e a cantora Natália de Andrade. No intervalo, «Temas portugueses»; 20 e 50, «Nas Estepes da Ásia Central», de Borodine; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, 4.º acto da ópera «Otello», de Verdi, pela Orquestra da Academia de Santa Cecília de Roma, dirigida pelo maestro Alberto Breda; 21 e 45, Quinzena literária; 22 e 15, «Sinfonia n.º 1, em dó menor», de Beethoven, pela Orquestra Sinfónica da N. B. C.; 22 e 45, Que quer ouvir?; «Variações Goldberg», de Bach, em piano, por Len Gold; «Quarteto n.º 5», de Haydn, pelo Quarteto Lowenguth; 23 e 45, Junção dos emissores.

RADIO CLUBE—As 18, Rítmicos de baile; 18 e 30, Motivos portugueses; 19, Quer um conselho?; 19 e 15, Harry Belafonte; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Solistas; 20 e 30, Onda desportiva; 21, Canções; 21 e 30, Língua portuguesa; 21 e 45, Brasil; 22, Orquestras e canções; 22 e 30, Imagens por música; 23, Concerto; 23 e 30, Rítmicos de baile do Casino Estoril; 23 e 45, Agenda; 23 e 50, Conjuntos; 0 e 30, Noticiário; 0 e 40, Rítmicos de baile.

Estação de Miramar—As 18, Rítmicos de baile; 18 e 23, Canções; 18 e 45, Cruz e Sousa; 19, Motivos portugueses; 19 e 30, Isto é Portugal; 20, Boletim informativo de R. C. P.; 20 e 20, Conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30, Vida desportiva; 21, Noticiário; 21 e 15, Uma voz; 21 e 30, Orquestras ligeiras; 22, Programa para a mulher; 22 e 5, Brasil; 22 e 30, Conjuntos instrumentais; 22 e 45, Melodias; 23, Concerto; 23 e 30, Variedades; 0, Rítmicos de baile no Chave de Ouro; 0 e 30, Fecho.

RADIO RENASCENÇA—As 18 e 30, Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19 e 25, Boletim do S. C. R.; 19 e 30, França, Horizonte do Mundo; 19 e 45, Orquestra de Les Brown; 20, Música para o seu jantar; 20 e 30, Noticiário; 20 e 55, Meditando; 21 e 5, As últimas novidades; 21 e 30, Canções europeias; 21 e 50, Melodias; 22, No reino das musas; 22 e 20, Fantasias para piano e orquestra; 22 e 45, Noticiário; 22 e 57, Boletim religioso; 23, Serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 14 e 30 às 19 e 30, Rádio Peninsular; 19 e 30 às 22, Voz de Lisboa; 22 a 1, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, às 21, abertura da emissão; 21 e 2, noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10, Lisboa vista pelas suas crianças; 21 e 25, Carlos Villaret e o seu conjunto; 21 e 45, jornal de actualidades internacionais; 22, «O Desporto no Mundo»; 22 e 15, «Café-Concerto»; 23, actualidades nacionais e últimas notícias; 23 e 10, «Na rua e na estrada»; 23 e 30, fecho da emissão.

SEMANA DO CONTRIBUINTE

REGULAMENTO DE 1899

Imposto sobre sucessões, doações e sisa

Artigo 1.º — A contribuição de registo por título oneroso (hoje, imposto de sisa) só é devida pelas transmissões de propriedade imobiliária, salvo o disposto no artigo 2.º, n.º 2.º e artigo 50.º, § 14.º deste regulamento.

DE SISA

Avaliação de maquinismos e móveis

A avaliação incide apenas sobre os maquinismos e móveis que se encontrem incorporados nos prédios que constituam as instalações ou estabelecimentos fabris.

Consultar: «Revista de Direito Fiscal», ano VII, pág. 206; «Compilação de Acórdãos», vol. 58, n.º 5.784; «Diário do Governo», n.º 286, de 12 de Dezembro de 1955, Rec. n.º 12.823.

Anotações

São considerados imóveis os maquinismos e móveis que façam parte das fábricas, se forem hipotecados juntamente com estas, nos termos do artigo 949.º § 3.º do Código Civil.

Consequentemente, estão sujeitos a sisa, quando alienados juntamente com as fábricas, e dela isentos, quando o forem separadamente (Reg. de 23-12-1899, artigo 1.º, § 1.º), salvo se houver simulação de contrato (artigos 99.º e 111.º do citado Reg.).

Eugénio Silva, in Doações, pág. 414 (2.ª edição).

...E, no texto definitivo (do artigo 394.º, n.º 3.º do Código Civil) é imóvel tudo o que estando integrado no prédio, não pode dele ser separado sem prejuízo do serviço útil que deve prestar, salvo o caso ali previsto».

Acórdão do Supremo Tribunal Administrativo de 9 de Fevereiro de 1955.

Art.º 50.º, § 14.º do Regulamento de 1899.

Para o efeito da liquidação da contribuição devida pela transmissão das concessões para exploração das empresas industriais, o material da exploração das empresas transmitidas com a respectiva concessão, segue a condição dos imóveis.

O «Diário de Lisboa Juvenil» publica-se para ti, aos sábados!

PERGUNTE * PERGUNTE * PERGUNTE

Num dos artigos sobre o Movimento Comunal na Idade Média tive oportunidade de me referir, como aliás era forçoso, a uma instituição camponesa nessa época designada por *comunha* ou *warescapia*. Claro que apenas assinala a sua importância em relação ao fenómeno que interessava ao Amigo n.º 167—Luís Chaves, isto é: a formação das comunhas.

Agora, uma leitora que assina com o laconico nome de Lia Maria pergunta-nos que diferença existe entre comunidade urbana e comunidade rural.

A Lia Maria deve decerto estar lembrada que, ao ocupar-me das comunhas medievais, eu as expliquei como uma revivência dum comunismo primitivo, por que pas-

dominou até ao século XVI (e mesmo aqui a excepção diz respeito aos países mais avançados como a Inglaterra) foi agrária. O desenvolvimento do comércio na civilização greco-latina não desmentiu, como vai ver, esta afirmação. Na realidade, a economia clássica caracterizou-se não pela sua base comercial e industrial, pois esta interessou apenas a uma diminuta minoria de gente; para a grande massa da população dessa época, os factos económicos fundamentais reduziam-se a produzir para comer e vestir e não para vender. A uma estrutura deste género chama-se *economia natural*.

Ora esta economia natural é conservadora até mais não poder; assentes nela, os homens e as insti-

da dos bárbaros. Embora muito dea a uma certa facção de historiadores de língua alemã, a verdade é que os bárbaros também viviam no regime da comunidade rural livre, numa fase mesmo mais pura (tradição mais primitiva) que a das populações dominadas por Roma. Os Germanos chamavam-lhe *marca*.

Neste caso, a invasão dos bárbaros veio reforçar a comunidade rural onde ela ainda prevalecia, e implantá-la nas regiões mais afeitas ao trato comercial e industrial.

Como, porém, tal comunidade (germanica ou eslava) estava em vias de desagregação, e mais se desagregaria com a conquista e «digestão» do Império Romano, pois os chefes militares bárbaros e as suas comitivas guerreiras já se

Abro a janela...

Não sei que se passa comigo. Há já muito deu a meia-noite, e ainda não consegui adormecer. Uma vontade enorme de ir até à janela, dormina-me. Luto contra este desejo, mas não posso vencê-lo, não posso! Levanto-me. Cautelosamente, para

ver se encontra uma espinhazita com que possa enganar a fome. Deixá-lo entregue à sua faina. Agora reparo, em frente há luz numa das janelas. Que se passará para além daquela parede? Estará alguém doente? Ou



Qual a diferença entre a comunidade urbana e rural?

Respondemos hoje à consulta que nos faz Lia Maria (setimanista do liceu)

saram todas as sociedades nos seus primeiros passos. Uma classe de historiadores (sobretudo germanicos) tem procurado contrariar esta hipótese. Não me referirei, porém, ao caso, pois não interessa em demasia à questão a que hoje tenho de responder.

Suponho que a nossa leitora conhecerá a estrutura da chamada *sociedade homérica*. Como se lembra, é uma sociedade em que o comunismo primitivo está em vias de desaparecer. Isto significa que ao lado das instituições comunitárias surgem já outras que a ela se opõem, surgem outras que se baseiam na propriedade privada, na desigualdade humana.

tuções adormecem de pasmo. Não se admire, pois, a Lia Maria se lhe disser que os bárbaros vieram encontrar em muitos pontos do Império Romano a velha *comunidade rural primitiva*, caracterizada pela posse comunal e não individual do solo. Na parte oriental do Império, estas comunidades rurais livres (ali designadas por *mitrocomias*) serão várias vezes apoiadas pelo imperador por se apresentarem como elementos muito úteis na luta contra os grandes proprietários de terras (latifundiários).

apropriavam dos terrenos obtidos á custa da espada — as velhas instituições perderam a antiga amplitude e limitaram-se geograficamente a um certo tipo de terrenos — os baldios (terrenos incultos), as florestas, os prados naturais, os lagos, pantanos e albufeiras. E' com estas características que a comunidade rural livre nos surge na Idade Média, com os nomes já seus conhecidos de *comunha*, *warescapia*, etc.

Mas agora sei que me vai perguntar qual a base económica da vi-

Os servos medievais defenderam corajosamente, durante séculos, o carácter comunal destes terrenos; quando os poderosos tentavam alienar o estatuto comunal os servos, ao grito de «Comuna!» rebelavam-se, como tantíssimas vezes ocorreu na Idade Média.



Os novos também contam

Na realidade, também contam. Mas não para se lhes oferecer histórias de violência, de guerras, de maus instintos. Os jovens como vós, que ainda não chegaram aos 15 anos, apreciavam aventuras verdadeiras e poéticas, sem indigestões de moral, tão vivas e tão cheias de interesse como as que se passam na vossa cabeça. Aqui está uma verdade: vocês gostam de aventuras que se pudessem passar convosco, que não fossem impossíveis... Não é assim?

Como vê, há funda diferença entre comuna urbana (ou vilã) e comunidade rural livre.

Na comuna urbana a liberdade jurídica e política assenta na independência económica assegurada pela propriedade privada; por sua vez, esta propriedade tem como objectivo produzir mercadorias e colocá-las no mercado nas melhores condições de lucro. A comuna urbana está na linha de evolução que conduz á grande indústria, ao grande comércio, ao capitalismo, em suma; e está também na linha de evolução que conduz ao individualismo do século XIX e aos regimes liberais.

Foi com esta ideia muito justa que a Livraria Clássica Editora se lembrou de criar a já célebre colecção «Os Melhores Livros para Crianças» — onde se reúnem obras de superior qualidade, lidas e apreciadas por crianças como aquela extraordinária menina que foi Anne Franck.

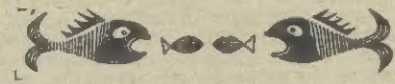
A comunidade rural livre pelo contrário, cimenta a sua liberdade na posse e usufruto colectivos do solo; não produz para o mercado; mas para consumo próprio coloca a «cidade de ouro» não no futuro, mas no passado, num regime de comunismo primitivo. Querá-lo isto significar que fosse inteiramente conservadora a sua função? De forma alguma. A luta dos camponeses da Idade Média em defesa dos seus direitos comunitários é um dos coveiros do feudalismo, pois contribuiu para enfraquecer a nobreza, e fortalecer o poder central.

A. C. D.

INICIATIVAS

Em colaboração com a Revista «Os Nossos Filhos», o «Diário de Lisboa Juvenil» patrocina os Jogos Florais das jovens alunas do Externato N. S. da Penha de França. Os trabalhos premiados publicar-se-ão naquela revista e no nosso jornal. Eis uma iniciativa que registamos com muito agrado.

Continuamos a receber trabalhos de muito interesse para o concurso «Os problemas dos jovens vistos pelos jovens». Hoje publicamos um trabalho da jovem Amiga americana Louise Briar Russell.



BAIRRO NEGRO

Georges Simenon é um dos maiores Mestres da literatura policial e de mistério de todos os tempos. As suas obras não se distinguem apenas pela força, inteligência e prodígios de imaginação. Georges Simenon é um autêntico Escritor; cria personagens cheios de vida e verdade; pinta ambientes reais.

Por tudo isso resolveu Livros do Brasil incluir na Colecção «Miniatura» — As Grandes Obras em Pequenos Volumes — algumas das criações mais notáveis de Simenon, como «O homem que via passar os comboios», «A Casa do Canal» e agora o «Bairro Negro».

Este último é uma impressionante história passada nos trópicos, onde o calor, o modo de vida são capazes de transformar seres humanos no contrário do que talvez um dia sonhassem ser... (E' o n.º 89 da Colecção «Miniatura»).

Curso elementar de estenografia

Por Natália da Fonseca

Antes de entrarmos na matéria da nossa lição de hoje, será talvez melhor conversarmos um pouco. Muitos amigos apresentaram dúvidas que vamos esclarecer:

1—Em estenografia não há registo especial para as letras maiúsculas. Estas colocamo-las nós quando traduzimos o texto estenográfico (A dúvida apresenta-se em relação á palavra Laura, que demos para aplicação do som *aro*).

2—Igualmente para as letras dobradas. Dissemos — e voltamos a repetir — que na estenografia interessam os sons e não as letras. O som *rr* pode ser dado, em caligrafia, por um ou dois *rr*. Em estenografia basta-nos um (A dúvida apresentou-se em relação á palavra *correr*).

3—As vogais *e* e *i* incluem-se no som expresso pela própria letra. Nas palavras *pedir*, *rifão*, *feliz*, etc., etc. essas vogais não se escrevem. Só as registamos se fizerem parte de ditongo — como em *dia*, *fia*, *caí*, etc., etc.

Entendido? E agora vamos á lição, no decorrer da qual apresentaremos dois novos sons terminais — o ágrafo-agravo e o *ássimo*.

agrafo-agravo

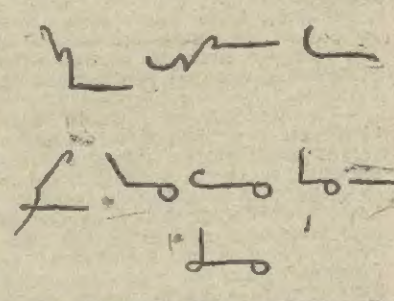
Representação fonética: agrafo, egrafo, igrato, ografo, ugrafo, agrafo, egrafia, igratia, ografia, ugrafia, egráfico, igráfico, ográfico, agravo, egravo, igravo, ogravo, ugravo, grafei, grafou, gravel, graves.

ássimo

Representação fonética: acimo, ecimo, icimo, ocimo, ucimo. ássimo, essimo, issimo, ossimo, ussimo.

azimo, ezimo, izimo, ozimo, uzimo, aximo, eximo, iximo, oximo, uximo, assemos, éssemos, issemos, ossemos, ussemos, áximo, eximo, eximo, aximo, uximo. (Palavras femininas, masculinas, singular, plural, formas verbais e semelhantes).

Exemplos de ligação (e repare que quando uma palavra emprega dois sons terminais, o ultimo corta o anterior):



(Da esquerda para a direita: Telégrafo, barógrafo, geografia, radiografia, décima, fósseos, péssimo, máximo, comêssimos).

Palavras que os nossos amigos e leitores devem estenografar aproveitando os sons anteriormente dados: rifão, serão, selar, residir, descer, dar, remar, dados, selados, arreda, despede, ruído, ferido, amarras, apuras, dores, floridas, dourares — e ainda as seguintes frases, nas quais devem atender ao seguinte: a vírgula não se escreve, o ponto final é representado na estenografia por um traço oblíquo direito-esquerdo; os nomes próprios não se estenografam.

a s/ f l ores/ d o/ j ardim/ são/ de/ t odas/ a s/ c ores/ q(u) eres/ v ir/ a qui/ a o/ l ado/ v er/ o s/ q(ue)/ v ao/ p ara/ Lisboa? o/ m e u/ (i) r m ao/ d (i) z/ q(ue)/ é/ t e u/ d(e) v er/ l (e) r/ t odas/ a s/ l ições/



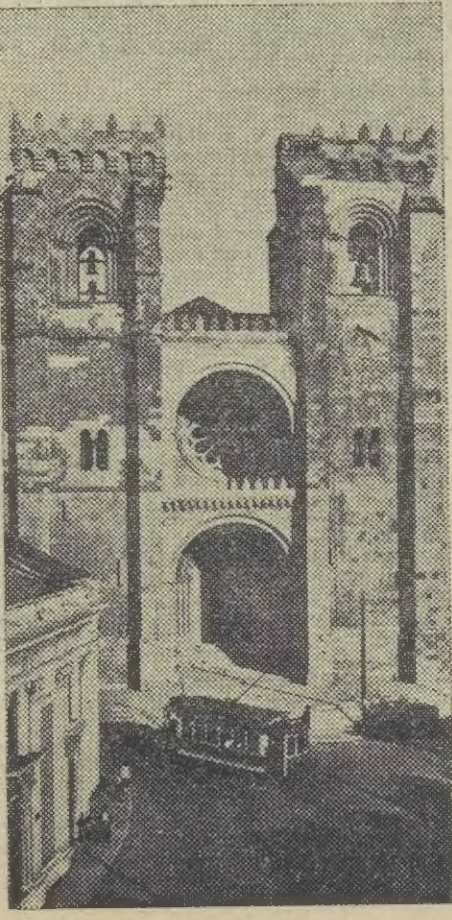
Concurso das obras-primas

Hoje voltamos a Portugal. Suponho que nada será preciso dizer a respeito deste belo monumento românico.

Que obra-prima é esta?

As respostas, acompanhadas da data de nascimento dos concorrentes (que ainda no-la não enviaram), devem estar na Redacção até ao próximo dia 20 de Maio. Haverá, como habitualmente, um prémio especial para o melhor trabalho sobre esta obra-prima e o seu autor.

Na mesma carta ou postal não se esqueçam de nos dizer quais os três artigos do «Juvenil» de hoje de que gostaram mais.



Alma sã em corpo limpo

VI — A FACE TRISTE DO MILAGRE GREGO

—Aqui é a casa de Strepisades—disse Porter.—Como caiu a noite e já não temos tempo de chegar a Atenas, o melhor é pedir pousada a este bom homem.

Saudaram amistosamente o camponês, que lhes correspondeu erguendo o braço. Como nos velhos tempos homéricos—não perguntou quem eram os desconhecidos: cumpriram os preceitos da hospitalidade que mandavam saciar os hóspedes na sua fome e na sua sede; em seguida levou-os à casa de banho, de todo o camponês—o poço ao ar livre. Para dar o exemplo, permitiu-

dia se erguer. Também dos campos afluíam camponeses, de gerico ou a pé, abrindo caminho no escuro com os tímidos raios da lanterna.

Entretanto, com os progressos da manhã, as ruas animavam-se com novos tipos de gente: eram escolares, em fila indiana, que se dirigiam para a escola do bairro, comandados pelos pedagogos; eram também moços de fretes carregando ao ombro uma vara cheia de peças de caça ou de odres: como tinham pressa acotovelavam a torto e a direito e iam atirando com Max ao chão; finalmente, surgiam os primeiros magotes de polícia—arqueiros citis armados de chicote ou fazendo tilintar a golinha metálica com que prendiam pelo pescoço possíveis delinquentes.

Seria aquilo Atenas?—perguntava Max, mentalmente. Onde estava a capital do célebre milagre Grego? As ruas eram escuras, estreitas e sem pavimentação; as estremeiras erguiam a sua bossa fedorenta por todo o lado: e para mais carregar esta visão pessimista de porcaria e desarrumação, as casas invadiam a via pública, saindo do alinhamento da anterior, ou espreguiçando-se em balcões sa-

gismo. Não apenas porque obrigava a constantes guerras, maneira mais certa de obter escravos; os homens livres riem-se do trabalho manual, bom só para escravos; daí, que só se desenvolvessem as ciências abstractas ou a especulação, como as matemáticas, a geometria e a filosofia; as técnicas estagnavam: ninguém pensava em progresso, pois o escravo era a máquina mais simples e barata... «Eu—concluiu Panalinos—não passo, como escultor, de um artefacto—um banhaus—pois trabalho com as mãos. Repara, estrangeiros, como no Coro das Nove Muses não existe uma que simbolize as Artes Plásticas!».

No fim do repasto e a pedido de Max, o escultor mostrou a casa aos visitantes. Pediu desculpa de não ser a residência de Alcibiades que, com grande escândalo, tinha prendido em sua casa o grande pintor Agatarcos durante três meses, para que lhe decorasse as paredes... A sua casa era modesta como a da maioria esmagadora dos cidadãos gregos. Tinha rés-do-chão e um andar. As salas de baixo não possuíam janelas: a luz vinha-lhes do portão que davam para um pátio interior, no centro do edifício. As instalações sanitárias eram mais que reduzidas. A mesma palavra *ipnos* designava mesmo cozinha e casa de banho. Na maioria das casas, porém, nem retretes existiam: na rua se resolviam todas as carências caseiras...

Nas raras residências onde havia casa de banho, como viram mais tarde na casa de Aristarco de Quilos, o mobiliário reduzia-se a uma pequena tina com o feltro de um tapanco, bna apenas para um banho a prestações.

Mesmo assim, Max aproveitou a ocasião para atualizar o seu aseo. Experimentou aquilo que os helenos utilizavam em vez de sabão—as cinzas de uma planta saponária (que produz espuma). Só então compreendeu porque os Gregos possuíam a pele tão ágraga: era dos ácidos da saponária.

Como tinha o *chiton* e o *faros* um pouco sujos, pediu a Panalinos o favor de o mandar lavar. Nesse dia não havia barreira em casa do escultor, operação que só se realizava de tempos em tempos, no início de cada estação. A mulher de Panalinos contou como lavavam a roupa. Na falta de sabão utilizavam várias substâncias capazes de fazer espuma: argilas esméticas (sobretudo as que se importavam de Quilos, de Selinos, ou de Cimolos—de pó mais fino e mais absorvente), o salitre (azotato de sódio), as raízes de plantas saponárias, as cinzas. Havia também quem usasse urina decomposta, mas ela não apreciava esse detergente mais moderno. No fim de cada estação lava-se «toda a roupa», pois era a forma de poupar água e detergente. Depois da lavagem, escovavam a lã com escova dura. Não existindo ferro de engomar, serviam-se de baús onde acamavam a roupa.

Após o jantar, Max e Porter saíram sozinhos para conhecer a cidade nocturna. Só o luar lhes guiava os passos; de resto, não havia nem uma candeia. Ao dobrar de uma esquina ouviram um brado

lientes, que estorvavam o trânsito. Max ainda enxergava aqui e ali um modesto jardim particular, que refrescava a vista com o seu verde sadio; mas era bem de pouca dura: os jardins rareavam.

Já então o Sol se derretia generosamente na fachada dos templos e edifícios públicos, num esplendor de beleza que entusiasmou o pobre Max; mas esse mesmo Sol animava nuvens de moscas e fermentava o mau cheiro. Às vezes, topava-se com um morto caído ao ar livre, morto que os escravos públicos ainda não tinham varrido...

HISTÓRIA E PRÉ-HISTÓRIA DO SABÃO

Quando os dois amigos atingiram uma encruzilhada, foram atraídos por enorme gritaria. Enquanto Porter se ria, Max abriu a boca num jeito de espanto; em torno de um chafariz, e em virtude da falta de água, homens e mulheres esmurravam-se numa áspera batalha. Já havia grossos ferimentos quando os chicotes das citis começaram a assobiar. Ali, o espectáculo mudou de rumo: todos à uma se dedicaram a esmoçar os odiados polícias, com grande gaudío de Max que também quis intervir.

Assim, passeando, visitaram o bairro habitado pelos refugiados da Guerra do Peloponeso—tocas de tijolo cru, suspensas como sanguessugas às muralhas da cidade. Max pensou: «Já há muito que devia ter feito esta viagem ao passado. Porque me fiel na História do liceu?».

Almoçaram depois em casa de Panalinos, escultor, discípulo de Policleto. Ele elucidou-os sobre muitos aspectos da vida ateniense. Era um belo homem, alto, magro, de olhar inquieto e nervoso. Disse-lhe que o cancro de Atenas e do mundo grego era o esclava-

(Continua no próximo número)

Concurso da semana

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO SUPLEMENTO N.º 52: 1.—Concurso TRACO-PONTO-TRACO: O Amigo n.º 714 — Fernando Ventura da Silva (Encarnação). 2.—Amigo n.º 714 — Fernando Ventura da Silva venceu pela terceira vez consecutiva este concurso, agora formando 600 palavras. 3.—Concurso das OBRAS-PRIMAS: Tratava-se de «O Desterrado», de Soares dos Reis.

Vencedores

- 1.—Amigo n.º 164 — Luís Alexandre Chaves (Lisboa).
- 2.—Amigo n.º 365 — Maria Guilhermina Claro Lobato (Barreiro).
- 3.—Amigo n.º 800 — Maria Isabel Alves Galacho (Lisboa).
- 4.—Amigo n.º 908 — Jorge Manuel Barbosa Gaspar (Almada).
- 5.—Amigo n.º 909 — Argentina Dourado Pinto (Lisboa).
- 6.—Amigo n.º 910 — Hermínia Maria Andrade Costa e Sousa (Lisboa).
- 7.—Amigo n.º 911 — Maria Celestina Vieira Santos (Barreiro).

Prémios

- 1.—«A BALEEIRA», por João Falcato.
- 2.—«A CASA DE BERNARDA ALBA», por Frederico Garcia Lorca.
- 3.—«O MÚSICO CEGO», por Kolenko.
- 4.—«ALBERGUE NOCTURNO», por Gorki.
- 5.—«SE TODOS OS HOMENS QUISESSEM», por Jacques Remy.
- 6.—«O MÚSICO CEGO», por Kolenko.
- 7.—«A UM DEUS DESCONHECIDO», por John Steinbeck.
- 8.—Amigo n.º 385 — Maria das Dores Palma (Mértola).
- 9.—Amigo n.º 433 — Maria Virgínia Gonçalves Cordeiro (Lisboa).

- 10.—Amigo n.º 714 — Fernando Ventura da Silva (Encarnação).
- 11.—Amigo n.º 814 — Maria Clara Lebre Marques.
- 12.—Amigo n.º 886 — Josué Gonçalves (Almada).
- 13.—Amigo n.º 468 — Maria Margarida Silva (Porto).
- 14.—Amigo n.º 898 — Maria Julia Fernandes Dias (Lisboa).
- 15.—Amigo n.º 905 — Vasco Manuel Mendes Coelho (Torres Vedras).
- 16.—Amigo n.º 906 — Ana Maria Martins Simões (Lisboa).

- 8.—Três volumes da Colecção CONTOS DE ENCANTAR (Clássica Editora).
- 9.—Três volumes da Colecção CONTOS DE ENCANTAR (Clássica Editora).
- 10.—Três volumes da Colecção CONTOS DE ENCANTAR (Clássica Editora).
- 11.—Três volumes da Colecção CONTOS DE ENCANTAR (Clássica Editora).
- 12.—«JOHN BULL», por Ramalho Ortigão (Clássica Editora).
- 13.—«A HOLANDA», por Ramalho Ortigão (Clássica Editora).
- 14.—«CRUZANDO OS CINCO OCEANOS», por Norman Lee (Clássica Editora).
- 15.—«A CIDADE SEM LEI», por Frank Gruber (Clássica Editora).
- 16.—«RAGNAR, O VICKING», por Albert Bonneau (Clássica Editora).

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE SOARES DOS REIS

- 17.—Amigo n.º 907 — Manuel Augusto dos Santos Costa (Coimbra).
 - 17.—«A UM DEUS DESCONHECIDO» e «A BALEEIRA» — 2 volumes de «AS TRÊS ABELHAS».
- Todos estes volumes pertencem à Colecção «AS TRÊS ABELHAS» de Publicações Europa-América



Geografia

O sr. Periquitão conta, numa roda de amigos, as suas aventuras através do Mundo e descreve todas as cidades que viu.

—Então você — dizem-lhe ao lado — deve conhecer bem geografia.

E o Periquitão, convicto: — Não, essa não conheço bem. Só lá estive duas horas...

Pensamentos... que fazem pensar

O presente é a bigorna onde se forja o futuro — (Victor Hugo). Devemos sempre seguir o caminho que conduz ao mais alto — (Platão).

Tem muito tempo aquele que não o perde — (Fontenelle).

Anedota histórica

Do barão do Alívio, que serviu o rei D. João III, contam-se várias anedotas muito saborosas.

Certo dia, o barão participou de uma refeição com determinado fidalgo que, no auge da luta, se pôs ao fresco. Tempos depois, perguntando alguém de que armas melhor se servia o dito fidalgo, respondeu o barão:

— Dos pés...

CONCURSO DA SEMANA

Traco-Ponto-Traco

O nosso Amigo Luís escreve-nos a perguntar quando levamos ao concurso a letra L. «Compreendem — diz ele — como se trata de uma letra pela qual tenho uma simpatia especial, gostava de a ver no «Traco-Ponto-Traco». Claro, amigo Luís, não custa nada fazer-te a vontade e assim aqui tens hoje, como pedes, a letra L. Presta atenção e boa sorte!

— L —

— L —

— L —

— L —

— L —

Agora não tens mais do que substituir os traços por letras e fazeres pelo menos duas palavras de cada grupo. Remetes o postal à Redacção até ao dia 20 de Maio e já sabes: ficas habilitado ao sortido de doze belos livros dos melhores autores. Para ti, que amas a leitura, sei eu

bem que não há melhor prenda do que um livro. E' ou não é?

PALAVRAS CRUZADAS

Escrever as vogais que faltam!

HORIZONTALS: 1—O comer vem nele à mesa. Regime de quem não come de tudo. 2 — ...é grande, e Maomé o seu profeta! Condecorações. 3—Vitória, Catedral. 4—Che-



fiou os Portugueses em 1385, no dia glorioso de 14 de Agosto. Serve para barbear. 5 — Póem barbeiras. 6 — Lisboa é uma. Para transportar doentes.

VERTICAIS: 1 — Metal nobre. Tomba. 2 — Monarca. Nome de homem, iniciado por vogal. 3 — Cadeira para sua majestade. Terror. 4 — Betume espesso. 5 — Sábio. Dão mimos. 6 — Desenhador do «Juvenil» que todos os Amigos muito apreciam. Reflexo do som.

Tossam. Eco. 5 — Douro. Minimum. 6 — Ret. Armado. 3 — Trom. Mendo. 4 — VERTICAIS: 1 — Pictura. Cai. 2 — tam. 6 — Cidade. Meca. 7 — Nuno. Lomina. 5 — Lm. 8 — 4 — Nuno. Rosetas. 3 — Trunfo. 2 — 2 — Alia. Rosetas. 1 — Prato. Dile. HORIZONTALS: 1 — Prato. Dile. Resultados: